



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS) -  
UNIDADE ITABAIANA

ANA PAULA NUNES DA SILVA MORAIS

**ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Itabaiana  
2024

ANA PAULA NUNES DA SILVA MORAIS

ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana - da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção de título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Denson André Pereira da Silva Sobral.

Itabaiana  
2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M828a    Moraes, Ana Paula Nunes da Silva.  
Atitudes linguísticas dos alunos da educação de jovens e adultos do ensino  
fundamental / Ana Paula Nunes da Silva Moraes; orientação Denson André  
Pereira da Silva Sobral. – Itabaiana, 2024.  
193f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de  
Sergipe, 2024.

1. Linguística. 2. fala. 3. Atitudes linguísticas. 4. Preconceito linguístico.  
I. Sobral, Denson André Pereira da Silva. (orient.). II. Título.

CDU 81'1

## **AGRADECIMENTOS**

A minha trajetória no strictu senso assevera que eu sou a “menina” dos olhos de Deus. Obrigada, Senhor, por me sustentar e restituir minhas forças quando mais precisei...

Elce Maria, esta aventura mestradiana é tão minha quanto sua. Gratidão por tanto sempre!

Aos meus alunos e alunas pela participação ativa e protagonismo para a realização desta pesquisa. Quantos aprendizados e desafios vivenciamos para que essa conquista fosse concretizada.

Ao meu orientador Prof. Dr. Denson André Pereira da Silva Sobral pelos valiosos ensinamentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento do Programa Mestrado Profissional.

Aos meus colegas de turma pelas trocas de experiências.

À educação por quem sou imensamente entusiasta. Vale a pena sonhar, acreditar, tentar e persistir!

*Às lembranças de uma sonhadora e alegre menina de  
um pacato povoado de uma cidadezinha interiorana  
que me ensinou a gostar de aprender en-si-nan-do!*

## RESUMO

Neste trabalho desenvolvi um estudo sobre Atitudes Linguísticas de alunos da EJAEF 1ª Etapa, de uma escola pública estadual, situada no município de Areia Branca-SE. O interesse pela temática surgiu a partir da constatação de que os estudantes apresentavam imensa dificuldade em se manifestar oralmente durante as aulas, como também em alguns ambientes da escola em que o público de maior concentração eram os moradores da zona urbana. Sendo assim, a pesquisa justificou-se pela necessidade do aumento da autoestima linguística dos atores sociais envolvidos. As atitudes negativas sobre as variedades linguísticas existentes em nosso país podem culminar em preconceito linguístico e acarretar consequências negativas na vida das pessoas. Assim sendo, o objetivo geral foi investigar as atitudes linguísticas dos alunos da EJAEF diante do uso da fala deles e para isso desenvolvi um produto pedagógico que aumentou a autoestima linguística dos discentes. O produto educacional consistiu em um Caderno Pedagógico intitulado Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos, disponibilizou contribuições para a prática profissional de professores da Educação Básica. Dentre os autores em que se buscou suporte para fundamentar esta pesquisa estão: Lambert e Lambert (1967), Bem (1973) e Morales (1993), versando a respeito de atitudes linguísticas. Huizinga com a compreensão do jogo (1996), Bagno (2001, 2014) com estudos sobre variedade linguística, Bortoni-Ricardo (2004, 2014), com a sociolinguística educacional, Faraco (2008), com a definição e exemplificação de noção de norma. O trabalho está baseado na metodologia Autoetnográfica, que é uma forma de pesquisa qualitativa que envolve a exploração e a reflexão sobre a experiência pessoal do pesquisador como fonte de dados e conhecimento, conforme aponta Santos (2017) e Pesquisa-ação sob a concepção de Thiollent (1986), um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. A coleta de dados se deu a partir da aplicação de atividades que contemplavam a visão dos sujeitos envolvidos acerca das suas Atitudes Linguísticas. Enfim, os resultados foram alcançados com a manifestação da oralidade dos estudantes como também o aumento da autoestima linguística e o respeito à diversidade linguística.

**Palavras-chave:** Atitudes linguísticas. Preconceito linguístico. Fala.

## ABSTRACT

In this work, I conducted a study on the Linguistic Attitudes of EJAEF (1st Stage) students from a state public school located in the municipality of Areia Branca-SE. The interest in this topic arose from observing that students showed great difficulty in expressing themselves orally during classes, as well as in certain school settings where the majority of the audience consisted of residents from the urban area. Thus, the research was justified by the need to increase the linguistic self-esteem of the social actors involved. Negative attitudes toward the various linguistic forms existing in our country can lead to linguistic prejudice, which may result in negative consequences in people's lives. Therefore, the general objective was to investigate the linguistic attitudes of EJAEF students regarding their own speech. For this, I developed a pedagogical tool aimed at increasing students' linguistic self-esteem. This educational product consisted of a Pedagogical Workbook titled *Positively Evaluating the Variety We Use*, which provided support for the professional practices of teachers in Basic Education. Among the authors consulted to support this research are Lambert and Lambert (1967), Bem (1973), and Morales (1993), focusing on linguistic attitudes; Huizinga (1996) on the concept of play; Bagno (2001, 2014) with studies on linguistic variety; Bortoni-Ricardo (2004, 2014) on educational sociolinguistics; and Faraco (2008) on defining and exemplifying normative concepts. This study is based on an Autoethnographic methodology, a qualitative research approach that involves exploring and reflecting on the researcher's personal experience as a source of data and knowledge, as noted by Santos (2017), along with Action Research as conceived by Thiollent (1986), an empirical social research type designed and conducted in close association with action or solving a collective problem. Data collection was carried out through activities that reflected the subjects' views on their Linguistic Attitudes. Ultimately, the results were achieved through the students' oral expression, as well as an increase in linguistic self-esteem and respect for linguistic diversity.

Keywords: Linguistic attitudes. Linguistic prejudice. Speech.

## LISTA DE SIGLAS

|              |                                                    |
|--------------|----------------------------------------------------|
| A1, A2...A20 | Aluno 1, aluno 2... aluno 20                       |
| AF           | Anos finais                                        |
| BNCC         | Base Nacional Comum Curricular                     |
| CONFINTEA    | Conferência Internacional de Educação de Adultos   |
| EJA          | Educação de Jovens e Adultos                       |
| EFAEF        | Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental |
| EFAEM        | Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio       |
| EM           | Ensino Médio                                       |
| FUNDEB       | Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica        |
| IBGE         | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística    |
| IDEB         | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica       |
| LDB          | Lei de Diretrizes e Bases da Educação              |
| MEC          | Ministério da Educação e Cultura                   |
| MOBRAL       | Movimento Brasileiro de Alfabetização              |
| PA           | Pará                                               |
| PBA          | Programa Brasil Alfabetizado                       |
| SE           | Sergipe                                            |

## LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

### QUADROS

|                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Quadro 01.</b> Dimensões das atitudes linguísticas de acordo com Lambert..... | 35  |
| <b>Quadro 02.</b> Resumo do percurso metodológico.....                           | 42  |
| <b>Quadro 03.</b> Cálculo de notas do IDEB.....                                  | 47  |
| <b>Quadro 04.</b> Resultados de avaliações do IDEB da escola em análise.....     | 47  |
| <b>Quadro 05.</b> Metas do IDEB por fase de ensino.....                          | 49  |
| <b>Quadro 06.</b> Perfil dos sujeitos.....                                       | 49  |
| <b>Quadro 07.</b> Áudios do sujeito 1 e sujeito 2 .....                          | 63  |
| <b>Quadro 08.</b> Instrumento para a coleta de dados.....                        | 64  |
| <b>Quadro 09.</b> Frases relacionadas da atividade 1 – Módulo 1.....             | 96  |
| <b>Quadro 10.</b> Tabela dos áudios .....                                        | 110 |
| <b>Quadro 11.</b> Resultado do teste final.....                                  | 111 |

### GRÁFICOS

|                                                                                                                        |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 01.</b> Informações sobre a evolução do IDEB para a escola em análise.....                                  | 48 |
| <b>Gráfico 02.</b> Porcentagem de alunos conforme a origem geográfica.....                                             | 50 |
| <b>Gráfico 03.</b> Porcentagem dos alunos conforme o gênero.....                                                       | 50 |
| <b>Gráfico 04.</b> Porcentagem de alunos conforme a faixa etária.....                                                  | 51 |
| <b>Gráfico 05.</b> Sua casa está localizada na zona urbana ou na zona rural?.....                                      | 52 |
| <b>Gráfico 06.</b> Qual o seu sexo?.....                                                                               | 52 |
| <b>Gráfico 07.</b> Você se incomoda com a sua fala?.....                                                               | 53 |
| <b>Gráfico 08.</b> Você fala como seus avós e pais?.....                                                               | 53 |
| <b>Gráfico 09.</b> Você considera o seu modo de falar certo?.....                                                      | 54 |
| <b>Gráfico 10.</b> Você observa/identifica quando alguém fala errado?.....                                             | 54 |
| <b>Gráfico 11.</b> Você sente vergonha de falar em público por causa da sua maneira de falar?.....                     | 55 |
| <b>Gráfico 12.</b> Você concorda que uma pessoa com grau de escolaridade maior que o seu fala o português melhor?..... | 55 |
| <b>Gráfico 13.</b> Você acha que estudar melhora a maneira de se comunicar?.....                                       | 56 |

|                                                                                                                                                |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Gráfico 14.</b> O sergipano fala mais bonito que o carioca?.....                                                                            | 56  |
| <b>Gráfico 15.</b> Se pudesse mudar o seu sotaque, você mudaria?.....                                                                          | 57  |
| <b>Gráfico 16.</b> A casa onde você mora é?.....                                                                                               | 57  |
| <b>Gráfico 17.</b> Qual é o nível de escolaridade do seu pai?.....                                                                             | 58  |
| <b>Gráfico 18.</b> Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?.....                                                                             | 58  |
| <b>Gráfico 19.</b> Você trabalha ou já trabalhou remuneradamente?.....                                                                         | 59  |
| <b>Gráfico 20.</b> Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você,<br>quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?..... | 59  |
| <b>Gráfico 21.</b> Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você).....                                                                    | 60  |
| <b>Gráfico 22.</b> Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à escola?                                                  | 60  |
| <b>Gráfico 23.</b> Na sua casa tem wi-fi?.....                                                                                                 | 61  |
| <b>Gráfico 24.</b> Você possui computador ou notebook?.....                                                                                    | 61  |
| <b>Gráfico 25.</b> Quantos celulares há na sua casa?.....                                                                                      | 62  |
| <b>Gráfico 26.</b> Qual a sua faixa etária?.....                                                                                               | 62  |
| <b>Gráfico 27.</b> Teste inicial.....                                                                                                          | 63  |
| <b>Gráfico 28.</b> Qual imagem a pessoa parece ser escolarizada e não escolarizada?.....                                                       | 101 |
| <b>Gráfico 29.</b> De acordo com as imagens apresentadas, quais pessoas você acha que fala<br>bonito e feio?.....                              | 102 |
| <b>Gráfico 30.</b> A origem da pessoa parece ser da zona rural ou da zona urbana.....                                                          | 103 |
| <b>Gráfico 31.</b> Qual o seu sexo?.....                                                                                                       | 105 |
| <b>Gráfico 32.</b> Você acredita que sabe falar português?.....                                                                                | 106 |
| <b>Gráfico 33.</b> Você considera certo o modo de falar dos participantes?.....                                                                | 106 |
| <b>Gráfico 34.</b> Você acha que estudar melhora a maneira de se comunicar?.....                                                               | 107 |

## FIGURAS

|                                                   |     |
|---------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 01.</b> Fachada da escola .....         | 45  |
| <b>Figura 02.</b> Projeto colheita saudável ..... | 46  |
| <b>Figura 03.</b> Projeto colheita saudável ..... | 46  |
| <b>Figura 04.</b> Atividade 1 do módulo 1 .....   | 94  |
| <b>Figura 05.</b> Atividade 2 do módulo 1 .....   | 98  |
| <b>Figura 06.</b> Atividade 2 do módulo 1 .....   | 100 |
| <b>Figura 07.</b> Atividade 3 do módulo 1 .....   | 104 |

|                                               |     |
|-----------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 08.</b> Atividade do módulo 2 ..... | 107 |
| <b>Figura 09.</b> Atividade do módulo 3 ..... | 110 |

## SUMÁRIO

|                                                                                             |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>                                                        | <b>14</b>  |
| <b>2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA NO BRASIL: TRAJETÓRIA HISTÓRICA E POLÍTICA.....</b> | <b>18</b>  |
| 2.1 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....                               | 18         |
| <b>3 O JOGO.....</b>                                                                        | <b>25</b>  |
| 3.1 OS JOGOS NO TRANSCORRER DA HISTÓRIA.....                                                | 25         |
| 3.2 O PAPEL DOS JOGOS NO ÂMBITO EDUCACIONAL.....                                            | 26         |
| 3.3 O JOGO E A BNCC.....                                                                    | 27         |
| <b>4 A SOCIOLINGÜÍSTICA.....</b>                                                            | <b>29</b>  |
| 4.1 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGÜÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....               | 29         |
| 4.2 A SOCIOLINGÜÍSTICA EDUCACIONAL.....                                                     | 31         |
| 4.3 A NOÇÃO DE NORMA.....                                                                   | 32         |
| 4.4 ATITUDES LINGÜÍSTICAS E ENSINO.....                                                     | 34         |
| <b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>                                                   | <b>40</b>  |
| 5.1 TIPO DE PESQUISA.....                                                                   | 40         |
| 5.2 CORPUS.....                                                                             | 42         |
| 5.3 CAMPO DE PESQUISA.....                                                                  | 42         |
| 5.3.1 O município.....                                                                      | 43         |
| 5.3.2 A escola-campo.....                                                                   | 44         |
| 5.4 SUJEITOS DA PESQUISA.....                                                               | 49         |
| 5.5 COLETA DE DADOS: ATIVIDADE DIAGNÓSTICA.....                                             | 51         |
| 5.5.1 Teste inicial.....                                                                    | 62         |
| <b>6 PRODUTO EDUCACIONAL.....</b>                                                           | <b>66</b>  |
| <b>7 APLICAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA E ANÁLISE DE DADOS.....</b>                           | <b>94</b>  |
| 7.1 APLICAÇÃO DO TESTE FINAL.....                                                           | 111        |
| <b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                          | <b>113</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                     | <b>115</b> |
| <b>APÊNDICE A - CADERNO PEDAGÓGICO AVALIANDO POSITIVAMENTE A VARIEDADE QUE USAMOS.....</b>  | <b>120</b> |
| <b>APÊNDICE B - ATIVIDADE PARA COLETA DE DADOS.....</b>                                     | <b>187</b> |
| <b>APÊNDICE C - ATIVIDADE PARA A COLETA DE DADOS.....</b>                                   | <b>188</b> |
| <b>APÊNDICE D - TESTE INICIAL.....</b>                                                      | <b>190</b> |

|                                                                             |            |
|-----------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>APÊNDICE E - TESTE FINAL.....</b>                                        | <b>191</b> |
| <b>ANEXO A - TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS.....</b> | <b>192</b> |
| <b>ANEXO B - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE.....</b>                            | <b>193</b> |

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desejo de ser professora está em minhas memórias desde criança, quando frequentei ainda muito cedo uma escolinha na zona rural do povoado onde morei e minhas brincadeiras se circunscreviam, em grande parte, ao contexto escolar. Sempre senti fascínio pelo modo como minha avó e seus pares (todos sem instrução escolar) falavam. Cresci em uma comunidade que era permeada por variedades linguísticas locais tão diferentes daquela variedade que ouvia na escola – situada na zona urbana - falada pelos professores e estudantes em sua maioria moradores do centro da cidade.

Sempre interagi naturalmente com meus colegas e professores. O meu modo de falar nunca foi obstáculo para deixar de me expressar durante as aulas e fui uma aluna referência em notas altas na minha turma. Naquele tempo, eu mal sabia que existia a expressão preconceito linguístico, seu significado e muito menos falar desprestigiado, estigmatizado. Havia uma vez ou outra que eu utilizava expressões típicas do meu seio familiar, perguntas do tipo: o que isso quer dizer? A resposta era imediata e com animação porque eu entendia que meu vocabulário era mais extenso do que muitos dos meus colegas e isso, me enchia de orgulho.

Hoje, consciente do meu papel como cidadã e, especialmente, como professora de Língua Portuguesa, procuro na minha prática pedagógica acolher, valorizar, ensinar e aprender ensinando, porque entendi por meio da prática de lecionar, nos longos anos de trabalho - acertando e errando -, que os alunos, todos sem exceção, gostam de ser tratados com carinho e respeito. Durante as aulas de Língua Portuguesa, tenho observado o silenciar de muitos dos meus alunos. São, em grande parte, pessoas oriundas de famílias humildes de pais analfabetos ou semianalfabetos, mas que sonham com um futuro diferente daquele que vivem hoje.

Não são poucos os casos de alunos que apresentam dificuldades em se manifestar oralmente durante as aulas. Essas dificuldades incidem, principalmente, para os alunos advindos da zona rural e que estão retornando à escola após anos e anos sem estudar, causando assim um grande impacto na vida escolar e extra escolar de muitos estudantes.

A preocupação da escola em preparar o aluno para falar de acordo com os moldes da norma padrão, muitas vezes faz com que o professor priorize um ensino centrado nas regras da gramática normativa, deixando de lado outras variedades linguísticas pertencentes ao cotidiano do aluno, fazendo com que ele sinta receio de tirar dúvidas, discutir sobre assuntos da aula e outros que surgirem e, principalmente, manter suas interações sociais simplesmente pelo fato de achar que seu modo de falar é errado, impróprio, feio, insuficiente. Dessa forma, o uso efetivo e real da língua, dentro do contexto da sala de aula, vai se distanciando cada vez mais,

visto que se espera que a escola prepare alunos com competência linguística, a fim de que haja uma comunicação significativa em diferentes situações de uso.

Ser professora da turma e estar em contato com ela, seja durante as aulas ou nos intervalos fez nascer a ideia para a realização desta pesquisa que surgiu a partir da constatação de que os alunos da 1ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental – EJAEF – de uma escola da rede pública estadual do município de Areia Branca - SE apresentam imensa dificuldade em se manifestar oralmente durante as aulas, como também em alguns ambientes da escola em que o público de maior concentração são os moradores da zona urbana.

Dentro desse contexto, fica claro que o objetivo do professor ao valorizar e incentivar o uso de variedades linguísticas dos alunos não se resume a limitar seu vocabulário, mas sim expandi-lo a partir dele, ocasionando o desenvolvimento da competência comunicativa dos educandos, ou seja, o falante sabe o que falar e como falar com qualquer interlocutor e em qualquer circunstância.

Conforme Bagno (2007), nas aulas de língua portuguesa ainda se perpetua a ideia de que a variação linguística é sinônimo da fala das pessoas que receberam pouca instrução e, ainda mais grave, utilizam-na como pretexto para o ensino da variedade culta da língua, fortalecendo ainda mais a premissa de que “eu não sei falar português” e, sobretudo, marginalizando os falantes das variedades linguísticas tidas como estigmatizadas e, conseqüentemente, isso gera um sentimento de rejeição levando o aluno, tratado como deficiente linguístico, a considerar-se incapaz de aprender e sentir-se um estrangeiro dentro da sua própria língua.

Os alunos da EJAEF 1ª Etapa foram convidados a atuar como voluntários nesse projeto de pesquisa. São alunos de faixa etária entre 18 e 53 anos, em sua maioria moradores da zona rural. Gostam de fazer atividades diferentes durante as horas vagas, como por exemplo, cozinhar, bordar, jogar bola, dominó e baralho, utilizar as redes sociais e jogos online entre outras coisas. Um fato que despertou minha atenção foi que muitos deles afirmaram gostar de jogar algum jogo e isso me fez pensar no produto educacional que seria divertido, com aprendizados e ressignificação das atitudes linguísticas. Daí surgiu o Caderno Pedagógico Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos. Acredito que as atividades propostas no caderno podem desenvolver uma aprendizagem expressiva para os alunos, uma vez que será criado um ambiente descontraído de integração social, desenvolvendo habilidades como criatividade, pensamento lógico e resolução de situação-problema.

A escola é um espaço privilegiado para a socialização dos sujeitos, logo ponderar questões de língua, linguagem, atitudes e preconceito linguísticos e como esses assuntos são

vistos e tratados pela sociedade são discussões importantes para o processo de entendimento e de aceitação do nosso próprio modo de falar e de como o outro se expressa e, conseqüentemente, aprender sobre a relevância da variação linguística e do não ao preconceito com essa variação.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é investigar as atitudes linguísticas dos alunos da EJAEF diante do uso da fala deles. Em consonância com a BNCC, o caderno valoriza as experiências de conhecimento de si mesmo e de construção das relações resultando na formação de um modo próprio de agir, sentir, pensar e descoberta de que há outros modos de vida e pessoas diferentes.

Dentre os autores que deram suporte para fundamentação desta pesquisa estão Lambert e Lambert (1967), Bem (1973), Morales (1993), Huizinga (1996), Bagno (2001, 2014), Mollica e Braga (2003), Bortoni-Ricardo (2004, 2014), Eckert (2005, 2012), Faraco (2008), Labov (2008). Com Lambert e Lambert, Bem e Morales há o desenvolvimento de estudos sobre atitudes linguísticas. Com Huizinga há a compreensão de jogo, já com Bagno, pretendi mostrar que a variedade linguística é uma característica das línguas humanas e que, portanto, a heterogeneidade faz parte da sua natureza. Logo, o preconceito linguístico deve ser combatido. Enquanto Bortoni-Ricardo, nos permite fazer uma reflexão acerca da sociolinguística educacional, dado que através dela é possível realizar um trabalho que vise diminuir o preconceito linguístico.

Com Faraco a definição e exemplificação da noção de norma, enquanto Mollica e Braga contribuíram para o conhecimento entre língua e sociedade e Stella apresentou a importância da sociolinguística educacional.

O trabalho está organizado em um total de oito seções. A primeira destinada à introdução. A segunda seção discute sobre A trajetória histórica e política da Educação de Jovens e Adultos – EJA -. Na terceira seção, por sua vez, discorro sobre o jogo e seu papel no âmbito educacional. A quarta seção a importância da Sociolinguística e reflexão sobre a adequação da fala aos diferentes contextos.

Na quinta seção, evidencio todo o percurso trilhado para o desenvolvimento da pesquisa. Por conseguinte, na sexta seção, o produto educacional e suas etapas enquanto na sétima seção a aplicação da proposta pedagógica e análise de dados, já na oitava seção as considerações finais e, por fim, as referências e os anexos.

Adotei a abordagem metodológica autoetnográfica, que é uma forma de pesquisa qualitativa que envolve a exploração e a reflexão sobre a experiência pessoal do pesquisador como fonte de dados e conhecimento, conforme aponta Santos (2017) e Pesquisa-ação sob a

concepção de Thiollent (1986), um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo.

Pretendo, com a realização deste trabalho, contribuir para o enriquecimento de práticas de professores de língua materna, diretores, coordenadores e profissionais da educação como também estudantes, fornecendo-lhes subsídios para o fenômeno variação linguística e a aplicação de atividades que visem diminuir a atitude negativa da fala a fim de conscientizar os docentes sobre a importância da variação linguística na formação identitária de cada indivíduo, desmistificando que haja um falar correto e outro errado e que há quem fale mais bonito que outros pelo simples fato de serem de estados da região sul e/ou sudeste do Brasil. Almejo, também, despertar o olhar reflexivo dos alunos para a relevância da valorização do seu modo de falar, retomando seu papel de protagonista em sua própria vida ao colocar-se em posição de voz ativa diante da sociedade e de assuntos que ela nos apresenta. Agora sem medo de se expressar!

## 2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA NO BRASIL: TRAJETÓRIA HISTÓRICA E POLÍTICA

A seguir, apresento a trajetória histórica e política da EJA no Brasil, mas antes quero esclarecer que continuo utilizando a 1ª pessoa do singular, mesmo em se tratando de uma dissertação de Mestrado e sabendo de seu nível de importância, em virtude de a abordagem metodológica ser autoetnográfica como também não causar estranhamento na mudança da pessoa verbal.

Como o público-alvo desta pesquisa é o aluno da EJA, é condição *sinequa non* conhecer sobre a história dessa modalidade de ensino tão significativa para aqueles que por inúmeros motivos não conseguiram dar continuidade aos estudos na idade típica. Assim, percorrerei, mesmo que de forma breve, sua trajetória.

### 2.1 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Durante alguns séculos, a educação se caracterizava como excludente e seletiva estando ao alcance da burguesia masculina branca e dos religiosos enquanto as mulheres, os negros e os povos originários não eram contemplados. No contexto do BRASIL COLÔNIA a partir de 1549, havia um jogo de interesses religioso e econômico em que a Companhia Missionária de Jesus, além da catequização, tinha como objetivo atender aos interesses da COROA PORTUGUESA e alfabetizar os indígenas que viviam na colônia surgindo, então, as primeiras experiências da EJA no Brasil.

É possível perceber no longo período em que os jesuítas estiveram no país que estes atuaram na educação não apenas de crianças, mas, sobretudo, de adultos que também foram submetidos a esse processo educacional com viés religioso. O padre Manoel da Nóbrega, em especial, foi um dos precursores a introduzir no território brasileiro os primeiros ensinamentos educacionais. Logo em seguida, outros jesuítas vieram ajudá-lo na missão de catequizar os povos originários. Vários colégios foram fundados e ficaram sob o domínio desses religiosos que influenciavam toda a sociedade daquele período. Sendo assim, os jesuítas exerceram forte influência no processo educacional brasileiro.

Entretanto, com a chegada da FAMÍLIA REAL e consequente expulsão dos jesuítas no século XVIII, a educação de adultos entra em falência, pois a responsabilidade pela educação acaba ficando às margens do IMPÉRIO (Strelhow, 2010). Com a primeira Constituição do Brasil datada de 1824, pela primeira vez aparece o ensino primário, como direito que passa a

ser estendido a todos os cidadãos, conforme o artigo 179 dessa Constituição. Contudo, essa lei não saiu do papel por não ter bases sólidas, uma vez que não traçava metas a serem percorridas.

Somente a partir da década de 1930, a Educação de Jovens e Adultos se destaca no cenário educacional do país, iniciando um processo de delimitação do seu espaço na história do Brasil com a consolidação do Sistema Público de Educação Elementar, que ampliava a Educação Básica e traçava diretrizes educacionais para todo o país, incluindo a Educação de Adultos. As transformações as quais o país passava na época estavam diretamente vinculadas ao processo de industrialização que exigia mão de obra qualificada. Crescia a concentração da população nos centros urbanos e, por isso, tornava-se cada vez mais necessária a oferta do ensino básico gratuito aos mais variados setores sociais. Espelhando-se nas experiências iniciadas por Anísio Teixeira – educador brasileiro responsável pelas reformas educacionais que mudaram a educação no Brasil - que o governo federal ampliou a educação elementar.

A aprovação da Constituição de 1934 traz a novidade da gratuidade e obrigatoriedade do primeiro grau, estendendo-se aos adultos, conforme consta no artigo 150, Parágrafo único, alínea a: “Ensino Primário Integral gratuito e frequência obrigatória, extensiva aos adultos”. No entanto, continua a ser direito de poucos já que grande parte da população brasileira continuava fora das escolas e a taxa de analfabetismo só crescia. Então, em 1947, o governo federal lançou a primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos, objetivando alfabetizar os alunos em um tempo médio de três meses. No final dos anos 1950, a Campanha foi extinta uma vez que a crítica, entre outros aspectos, apontava o fato de não levar em consideração a diversidade cultural brasileira.

Foi a partir dos anos 1960 que Paulo Freire, com seu método de alfabetização, concluiu que o professor devia estabelecer um diálogo inicial com seus alunos, a fim de conhecer sua realidade cultural. Segundo Freire (1989, p. 9) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, já que é inato ao ser humano buscar significados no mundo que o cerca”.

No Plano Nacional de Alfabetização lançado pelo governo federal em 1963, foi adotado o método Paulo Freire, que tinha como propósito promover a alfabetização com o apoio de organizações sociais e da igreja. Contudo, o plano foi interrompido com o golpe militar de 1964 e pela repressão aos Programas de Educação Popular o governo militar instituiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), substituindo o Plano Nacional de Educação.

Em 1971, ocorreu a regulamentação do Ensino Supletivo, cujo objetivo foi restituir a escolaridade que não havia acontecido na faixa etária considerada apropriada à época. O MOBRAL foi extinto em decorrência da abertura política e a educação de adultos recuperou legados da Educação Popular, com intenso apoio da sociedade civil. Com o fomento das

discussões acerca da educação de adultos, a Constituição de 1988 garantiu o ensino gratuito a todos os brasileiros, inclusive aos jovens e adultos.

Nos anos 1990, a realização da V Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada em Hamburgo – Alemanha, em 1997, proclamou o direito de todo ser humano de ter acesso à educação ao longo da vida. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996 afirmou a EJA como modalidade da Educação Básica do ensino Fundamental e do Médio aboliu o termo Supletivo e a EJA ganhou especificidades próprias e reconhecimento como modalidade de ensino com documentos que orientam as ações educativas no setor. As políticas públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos ampliaram-se a partir da LDB de 1996.

O Governo Federal em 2003 criou o Programa Brasil Alfabetizado – PBA, um programa suplementar, que tem como características a adesão voluntária a ele. O objetivo do PBA era a erradicação do analfabetismo através da universalização do Ensino Fundamental e alcançar alunos de 15 anos ou mais.

O Ministério da Educação (MEC) aprova a criação do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) no ano de 2007 em que todas as modalidades de ensino, passaram a fazer parte dos recursos financeiros destinados à educação. Na VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI Confintea), realizada em Belém (PA), em dezembro de 2009, os países participantes declararam:

[...] estamos convictos de que aprendizagem e educação de adultos preparam as pessoas com conhecimentos, capacidades, habilidades, competências e valores necessários para que exerçam e ampliem seus direitos e assumam o controle de seus destinos. Aprendizagem e educação de adultos são também imperativas para o alcance da equidade e da inclusão social, para a redução da pobreza e para a construção de sociedades justas, solidárias, sustentáveis e baseadas no conhecimento. (BRASIL, 2010, p.7)

Acredito que a declaração expressa a essência da Educação de Jovens e Adultos e sua importância para a construção de uma sociedade mais justa e que proporcione a todos, sobretudo àquelas pessoas que, por inúmeros motivos, não tiveram como frequentar a escola ou precisaram abandoná-la, a oportunidade de vivenciar a experiência escolar ora iniciando-a pela primeira vez, ora retomando-a, independente da fase da vida em que se encontram.

Sobre a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – conceituada como um documento que normatiza as escolas brasileiras públicas e particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio é importante ressaltar que não se trata de um currículo, e sim, um modelo de referência. Esse documento tem como objetivo garantir o direito dos estudantes,

promovendo conhecimento, como também orientar os currículos dos estados e municípios brasileiros.

A BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. (BRASIL, 2018, p.16).

Ela determina, ainda, que a escola, independente da sua localização, deve propiciar o desenvolvimento das mesmas competências, habilidades e conteúdos aos educandos, contribuindo para a minimização das diferenças de conteúdos de ensino existentes no território nacional. Este documento incentiva que cada unidade de ensino, além de contemplar as competências, habilidades e aprendizagens, também, deve considerar as particularidades de cada contexto educacional.

Observa-se que a discussão a respeito da educação de jovens e adultos não é contemporânea e carrega consigo marcas de um passado do qual foi impregnado de estigmas de problemas de ordem política, ideológica, social e econômica que vem se arrastando até a atualidade, todavia a EJA não deve continuar sendo vista como um ensino imediatista e compensatório apenas para atender ao mundo do trabalho sem se preocupar em atender aos estudantes em todas as suas especificidades sejam elas trabalhista, educacional e intelectual.

O público que frequenta a educação de jovens e adultos traz consigo uma vivência muito particular uma vez que já passou por experiências diversas ao longo da vida trazendo uma bagagem de conhecimento diversificado. São pessoas que participam de centros religiosos, trabalho, comunidade, família entre outros espaços e que em interação com os indivíduos constroem saberes e aprendizados que ultrapassam o conhecimento escolar, sistematizado.

Alguns com história de vida semelhante, outros nem tanto, uns com idade mais avançada, outros mais jovens contudo, experienciando uma modalidade de ensino em comum com vistas a melhores condições de vida. Na sala de aula, histórias se entrecruzam, relatos de vivências são como um desabafo, soam, na maioria das vezes, como um pedido de ajuda, mas também como um ato corajoso de estar ali após tantos anos fora do universo escolar.

O aprendizado também acontece nessa relação de troca com os novos colegas e com os professores fortalecendo os laços de amizade e de solidariedade um com o outro (o que é bastante positivo para a permanência do estudante da EJA na escola). É interessante destacar

que muitos alunos se matriculam na EJA, no entanto são poucos os que dão continuidade aos estudos. Vários são os motivos dentre eles podemos citar horário de trabalho, conflito com o marido e às vezes com a esposa, no percurso do ano letivo conseguem um trabalho/emprego e optam por abandonar a escola por questão de sobrevivência financeira, as exigências da maternidade também afetam o término deste ciclo e, conseqüentemente, do tão sonhado certificado de conclusão seja ele de ensino fundamental ou de ensino médio.

São homens e mulheres, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias e moradores rurais. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Portanto, trazem consigo o histórico da exclusão social. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas (PAIVA, 1983, p. 19).

Sendo assim, é fundamental que qualquer modalidade de ensino conheça o perfil de seus estudantes a fim de ofertar uma educação voltada para a realidade de cada um deles proporcionando saberes que tenham significados concretos uma vez que este público requer uma atenção diferenciada. Em uma mesma sala, pode-se encontrar alunos já alfabetizados e outros, ainda em processo de alfabetização. Não obstante, também, me deparei com pessoas que nunca frequentaram a escola, por isso a relevância da atenção diferenciada para cada um que compõe a sala de aula da EJA.

Nesse contexto, conhecer a realidade desses alunos, seus desejos, sonhos e, principalmente, os objetivos de estarem na sala de aula da EJA, mesmo vivenciando inúmeras situações adversas, é condição indispensável para contribuir com o objetivo desse grupo e fazer com que a escola seja um lugar acolhedor, saudável aberto a compreender os estudantes, seu processo de aprendizagem e, principalmente, valorizar e respeitar as diferenças contidas em um ambiente tão heterogêneo.

A EJA é um espaço frequentado por pessoas de variadas idades sendo que a idade mínima é de 15 anos para a certificação do Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio segundo a LDB 9.394/96. Os sujeitos são bastante heterogêneos e ainda assim, mesmo parecendo paradoxal, semelhantes em alguns aspectos a exemplo de retomarem sonhos que ficaram no passado em virtude de situações que exigiram que estes abandonassem a vida

estudantil, de se qualificar e ter a possibilidade de uma maior mobilidade no mundo do trabalho através da educação.

Os protagonistas da EJAEF 1ª Etapa são pessoas que retomaram seus estudos na vida adulta após um tempo afastados da escola. Os autores relataram que quando crianças e/ou jovens alguns precisaram deixar de estudar para ajudar no sustento da família, outros para ficar com os irmãos mais novos para que os pais pudessem trabalhar, e ainda os que não gostavam de estudar enquanto criança/adolescente e não percebiam a importância da escolarização na vida deles.

Continuando os relatos, também encontrei pessoas que afirmaram ter casado muito cedo e precisaram abdicar dos estudos para cuidar dos filhos e da família e ainda há aqueles que iniciaram sua trajetória escolar nesta fase da vida porque os pais deles não acreditavam que a escola fosse um lugar de transformação que pudesse melhorar a vida dessas crianças, portanto frequentá-la era perda de tempo.

São homens e mulheres com vasta experiência de vida, logo com crenças e valores já constituídos, no entanto, anseiam por uma vida melhor e, hoje, depois de passarem por diversas situações entre elas dificuldades, frustrações compreendem que a escolarização pode tornar alguns sonhos reais a exemplo de ingressar numa universidade, fazer um curso técnico, prestar concurso público, ajudar seus filhos nas tarefas escolares e oportunidade de um emprego melhor.

São alunos que chegam à sala de aula cansados após um dia inteiro de trabalho fora e/ou em casa com os afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Muitos deles trabalham no canavial, no campo, em restaurantes, em casas de família, ajudantes de pedreiro e de gesso. Todos com o objetivo de concluir os estudos da Educação Básica com vistas a uma vida melhor.

Uma problemática que os alunos da zona rural enfrentam, em dias de chuva, é a dificuldade dos ônibus escolares passarem por caminhos extremamente enlameados, já que muitos ainda não são asfaltados, ocasionando a falta desses alunos à escola porque o trajeto esburacado e enlameado não permite que o transporte escolar possa buscá-los para mais um dia letivo. Essa problemática sensibiliza o corpo docente que compreende a situação e, em consequência, repete conteúdos, atividades, explicações da aula anterior. Os colegas, moradores da cidade, não criam desavenças por isso, ao contrário, são também compreensíveis. Infelizmente, tal problemática se arrasta ano após ano.

Acolher, ouvir, aconselhar, ensinar, aprender, sofrer, sorrir, ajudar, se doar, refletir, viver e ressignificar são ações que uma professora da EJAEF 1ª Etapa de uma escola da rede estadual

do município de Areia Branca -Sergipe assume diariamente na sua vivência escolar ao se comprometer com a turma.

Acolher o aluno desempregado, a aluna que chegou com lágrimas rolando por não ter apoio do esposo para que ela possa estudar. Ouvir o desabafo de um dia inteiro trabalhado na lavoura sob um sol escaldante, comendo a “boia-fria” que foi esquentada pela terra quente onde fica apoiada o dia todo. Aconselhar que a educação abre portas e que pode transformar a vida das pessoas sem romantizá-la. Ensinar priorizando a leitura reflexiva e aprender com a bagagem de conhecimento que cada estudante traz consigo, além de sofrer com suas histórias tristes e dolorosas de vida que tocam fundo em nosso coração.

Sorrir ao saber que o emprego chegou, que o marido, após inúmeras tentativas, consentiu que a esposa continuasse a estudar. Doar tempo para a escuta de tantas vozes silenciadas ao longo da vida. Ajudar, até financeiramente, no pagamento de talões de água e de luz, aluguel, medicamento e outros itens são vivências que eu como professora da EJAEF 1ª etapa passo com a turma e através delas ressignifico valores, atitudes, pensamentos e até sentimentos.

Os desafios são inúmeros, contudo, os laços de amizade e de respeito se estreitam com o passar do tempo e vidas são transformadas através das ações que pratico ao longo da minha trajetória enquanto professora.

Abordei na próxima sessão sobre o jogo e seu papel no âmbito educacional.

### 3. O JOGO

Segundo Huizinga, (1996, p.33), "Jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, seguindo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias". Os jogos possuem regras que podem ser adaptadas de acordo com o espaço, com os materiais disponíveis, número de alunos, e além de apresentar um caráter competitivo como o esporte, também dispõem de caráter recreativo, cooperativo e lúdico auxiliando na aprendizagem do conteúdo ao priorizar o avanço do conhecimento dos educandos diante de situações significativas de aprendizagem.

A palavra jogo é originária do vocábulo latino ludus, que significa diversão, brincadeira, sendo um recurso capaz de promover um ambiente planejado, motivador, agradável e enriquecedor, possibilitando a aprendizagem e o desenvolvimento de várias habilidades. A utilização de jogos como ferramenta de aprendizagem pode tornar a aula mais dinâmica e divertida, além de despertar a atenção dos alunos.

#### 3.1 OS JOGOS NO TRANSCORRER DA HISTÓRIA

A origem dos jogos é desconhecida, contudo foram divulgados através da oralidade e repassados pelas pessoas de geração em geração. Naturalmente com o passar do tempo, alguns jogos foram recriados ao passo que outros, foram modificados e ganharam características próprias influenciadas pela cultura local e regional.

A metodologia lúdica sempre foi valorizada pelos povos desde os primórdios a exemplo de na Grécia Antiga, o ensinamento às crianças era transmitido através dos jogos, enquanto os índios ensinavam e perpetuam seus costumes através da ludicidade. Já na Idade Média, no Brasil, os jesuítas ensinavam utilizando brincadeiras como instrumento para a aprendizagem. Portanto, percebe-se, na história, a importância do ato de brincar no desenvolvimento humano em seus aspectos cognitivo, sensório e motor.

Segundo Vygotsky, o lúdico influencia significativamente o desenvolvimento da criança e é através dele que ela aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração (VYGOTSKY, 1989, p.81).

Durante as aulas, o estudante, ao participar de um jogo, pode sentir um certo alívio da tensão diária que as aulas tradicionais podem causar e se manter decidido a participar

atenciosamente nas atividades previstas pela brincadeira. O trabalho pedagógico com jogos é importante porque proporciona a interação entre professor-aluno, aluno-aluno, o desenvolvimento das competências cognitivas, a criatividade, a concentração, o respeito ao adversário e às regras, a ampliação do raciocínio lógico e o espírito de cooperação.

### 3.2 O PAPEL DOS JOGOS NO ÂMBITO EDUCACIONAL

O século XXI traz desafios para a escola, uma vez que os alunos com as ferramentas tecnológicas disponíveis como tablets e principalmente celulares caracterizam o ambiente escolar como pouco atraente. Assim sendo, o jogo na escola pode e deve assessorar na condução da prática pedagógica de forma criativa, inovadora possibilitando despertar a atenção dos educandos em meio à diversidade de distrações existentes dentro e fora dela já que permite ao aluno analisar determinada situação sob diferentes perspectivas, tornando-se um recurso essencial de abordagens de assuntos diversos favorecendo amplamente a tomada de decisões pelos jogadores.

[...] os jogos podem ser empregados em uma variedade de propósitos dentro do contexto de aprendizado. Um dos usos básicos e muito importantes é a possibilidade de construir-se a autoconfiança. Outro é o incremento da motivação [...] um método eficaz que possibilita uma prática significativa daquilo que está sendo aprendido. Até mesmo o mais simplório dos jogos pode ser empregado para proporcionar informações factuais e praticar habilidades, conferindo destreza e competências. (SILVEIRA, 1998, p. 02)

Portanto, trata-se de uma atividade que pode aumentar a participação dos educandos e o desenvolvimento de uma aprendizagem consciente como também desenvolver a autoconfiança, de modo que os alunos não se tornem somente competitivos, mas que aprendam a respeitar os participantes.

Considerando que o jogo deve ser ao mesmo tempo lúdico, dinâmico e sério, pensadores como Piaget, Wallon, Dewey, Leif, Vygotsky defendem que o uso do lúdico para a prática educacional é indispensável para o desenvolvimento cognitivo, intelectual e social dos estudantes sejam estes crianças, jovens ou adultos uma vez que os jogos se fazem presentes na vida de todos de alguma maneira, eles se tornam ferramentas para o desenvolvimento de seus partícipes.

O professor, ao propor uma atividade lúdica para os alunos, deve ter efetivamente conhecimento dos objetivos a serem alcançados e verificar a adequação metodológica direcionada à faixa etária com que trabalha a fim de que o jogo não se torne uma brincadeira

sem objetivos, consequentemente sem que haja uma aprendizagem significativa. É importante salientar que não há um jogo pronto, capaz de assegurar o sucesso da aprendizagem em qualquer sala de aula; ele precisa ser adaptado às necessidades e realidades da turma, a exemplo de idade, disciplina, nível de conhecimento dentre outros.

Kishimoto (1994, p.19), afirma que “[...] no campo da educação procura-se conciliar a liberdade, típica dos jogos, com a orientação própria dos processos educativos.”

Os jogos, além de serem divertidos, auxiliam no aprendizado e, consequentemente, no desenvolvimento dos alunos já que estes aprendem sobre regras, estratégias, parceria, raciocínio lógico e controle de tempo que podem ser utilizados dentro e fora da escola.

### 3.3 O JOGO E A BNCC

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC - expõe seis eixos fundamentais para a aprendizagem, sendo eles: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se (BRASIL, 2017). Observe-se, portanto, que a brincadeira e o ato de brincar possuem fundamentos desde tempos remotos o que nos convida a inserir o brincar na sala de aula e/ou fora dela mediado pelas intenções do aprender.

A BNCC prevê em seu texto a presença de jogos como meio auxiliar de ensino e orienta em usar os jogos educativos como uma maneira de ensinar matérias e habilidades e em estudar os jogos como conteúdos próprios. Os jogos com as suas regras proporcionam estímulos e desafios na busca de conquistas mais avançadas, contudo, o aluno não deve ser apenas um mero espectador e sim parte fundamental para a construção e solidificação do seu conhecimento.

Sendo assim, as atividades propostas no Caderno Pedagógico Avaliando Positivamente a Variedade que usamos estão atreladas às habilidades da BNCC:

EF69LP55- reconhecer as variedades da língua falada e o conceito de preconceito linguístico. Ademais, o caderno fundamenta-se nas Competências Específicas 1, 2, 4 e 5 da Língua Portuguesa do Ensino Fundamental que procuram fazer o aluno respectivamente: compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidade de seus usuários e da comunidade a que pertencem; apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social; compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos e por fim, empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso /gênero textual. (BRASIL, 2020, p.85)

Abordei na próxima sessão sobre a sociolinguística e sua contribuição para o ensino da língua portuguesa.

## 4 A SOCIOLINGUÍSTICA

Nesta sessão, discorri o papel da sociolinguística para os estudos da variação linguística e fiz uma reflexão da necessidade natural do ser humano de se comunicar e conscientizar-se da riqueza e da relevância de compreender a fala em situações reais de uso.

### 4.1 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Início com algumas indagações que considero pertinentes para uma reflexão atenta ao assunto.

Existe uma forma certa de falar? Existe uma única forma de falar correto? Se sim, nesse caso qual seria? Por que será que alguns momentos consideramos a fala do outro estranha, diferente e nos incomodamos, às vezes, com um sotaque por nós desconhecidos e avaliamos outros como bonitos e dignos de prestígio e, ainda por cima, de imitação?

A Sociolinguística rompe com um ideal de homogeneidade linguística que as teorias formalistas sustentavam, ao introduzir a concepção de variabilidade linguística. Seu objeto de estudo é a diversidade da língua, que pode ser observada, descrita e analisada em seu contexto social sob uma égide comum: língua e sociedade são inseparáveis. Conforme Mollica e Braga (2003, p. 47), “à sociolinguística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades”.

A teoria Sociolinguística surgiu em meados da década de 1960 como forma de reação às teorias estruturalista e gerativista vigentes à época por considerarem, de acordo com Coelho et al. (2010), a língua como uma realidade abstrata sendo assim desvinculada de fatores históricos e sociais. É interessante ressaltar que a abordagem estruturalista e a gerativista se concentram, sobretudo, na língua. Analisam a língua de diferentes formas e deixam em segundo plano, por assim dizer, o falante e o contexto em que esse falante fala, enuncia, profere palavras, sentenças, discursos, textos. Segundo Calvet (2002, p.12), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”.

Sendo assim, a Sociolinguística estuda a língua em uso tanto no seio da comunidade quanto na sociedade de maneira ampla. Volta sua atenção para os aspectos linguísticos e sociais, correlacionando sistematicamente a língua à história social dos falantes, considerando como ponto de partida para sua análise a diversidade linguística de determinado grupo social. Portanto correlaciona esses dois eixos, a língua e o social indagando-se como é que as pessoas falam,

por que falam de tal maneira e qual o impacto dessa fala na sociedade e nas gerações vindouras. Por ser um estudo amplo, surgiu como uma área multidisciplinar, pois aborda, além de estudos linguísticos, estudos sociológicos e antropológicos.

Diante do exposto, sabemos que a língua varia em muitos aspectos, a exemplo da região em que é falada, o sexo do falante, a posição social que este ocupa, a idade, o contexto histórico, ou seja, varia de acordo com a situação sociocomunicativa.

Merecem destaque suas vertentes: a Sociolinguística Variacionista, que aborda os processos de variação pertencentes a uma determinada língua, representada primeiramente por William Labov; a Sociolinguística Interacional, vertente voltada para estudos da variação e a relação com a organização da interação comunicativa, representada inicialmente por Erving Goffman e John Gumpers.

No Brasil, outra vertente da Sociolinguística foi denominada por Bortoni-Ricardo (2014, p. 158) de Sociolinguística Educacional. Representa o “esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalhos pedagógicos mais efetivas”.

Felizmente, a Sociolinguística apresenta em seu bojo a diferença linguística em oposição ao erro, já que não existem línguas fáceis ou difíceis, mais bonitas e outras feias, mas línguas diferentes. Ao mesmo tempo em que não se pode afirmar que há um vocabulário rico ou pobre, mas um vocabulário adequado a cada situação comunicativa. Segundo Labov (2008), havendo motivação, é possível que grande parte dos indivíduos tenha habilidade linguística para atuar em mais de um sistema sociolinguístico e se agregar a um grupo de referência. Para isso, o falante precisa estar inserido na escola, na sala e tomar conhecimento que a língua é um sistema vivo, dinâmico e adaptável aos contextos de uso real da fala. Nesse sentido, para o componente de língua portuguesa, é meta da BNCC:

proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p.63-64)

Abordar, no universo escolar, aspectos relacionados à competência linguística e compreender a língua como fenômeno dinâmico, reconhecê-la como meio de construção de identidade de seus usuários e da comunidade a que pertencem, instigando e valorizando a oralidade do aluno certamente é o caminho para desconstruir o preconceito linguístico que tem raízes profundas na nossa sociedade e a percepção negativa de que incontáveis falantes têm da

sua própria maneira de se manifestar oralmente em variadas situações comunicativas com interlocutores diferentes do seu grupo social.

## 4.2 A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

De acordo com a professora doutora Stella Maris Bortoni-Ricardo (2014), o termo Sociolinguística Educacional surgiu da dedicação para a aplicação sistemática dos resultados dos estudos realizados no contexto da Sociolinguística a fim de alcançar soluções para os problemas educacionais e, conseqüentemente, propostas pedagógicas que efetivamente pudessem contribuir para o ensino da língua portuguesa. A precursora desta subárea da Sociolinguística Bortoni- Ricardo (2005, p. 128), nos apresenta que é objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos.

Diariamente, nas escolas do nosso Brasil, os docentes se deparam com inúmeros alunos que trazem consigo variadas formas de falar, de diferentes povoados, bairros, cidades e até estados, gerando desafios, já que todo aluno traz consigo uma bagagem de conhecimento adquirida antes mesmo de iniciar a vida escolar. Respeitosamente, o professor, sensível à riqueza da diversidade linguística, na sala de aula, pode e deve mostrar aos estudantes, através de atividades, textos, vídeos, debates, músicas entre outros recursos, que haverá contextos em que a fala deverá ser mais monitorada a exemplo de apresentação de um seminário e entrevista de emprego e outro contexto que não imponha tal exigência como nas conversas informais entre amigos e familiares havendo, assim, a desconstrução da homogeneidade linguística.

O estudante precisa se sentir acolhido e valorizado independente do seu modo de se expressar quando este percebe e compreende que a língua muda e varia a depender dos diferentes contextos linguísticos, aprende também a respeitar as diferentes formas de lidar com a língua e pensar a língua que usa pela perspectiva da diversidade linguística e não do erro. Diante desse cenário, a Sociolinguística Educacional, de modo significativo, pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem da língua materna já que trabalha com os fenômenos da língua em uso a partir da relação entre língua e sociedade.

Não basta, por exemplo, escrever uma gramática variacionista e entregá-la ao professor, pois estaríamos simplesmente substituindo a gramática normativa que ele já usa por outra, onde os fenômenos da língua não são tratados como categóricos, mas vêm acompanhados das probabilidades de sua ocorrência de acordo com os fatores que os desencadeiam ou os inibem. É uma falácia acreditar que, com uma gramática

de cunho variacionista, o ensino e a aprendizagem da língua materna vão automaticamente melhorar. ( BORTONI-RICARDO, 2005 p. 130)

A escola, portanto, deve criar estratégias que desafiem os alunos a se reconhecerem como participantes ativos do processo de aprendizagem e no decorrer desse processo oferecer substancialmente condições concretas de aprendizagem objetivando o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes.

#### 4.3 A NOÇÃO DE NORMA

É natural que ao nascermos tenhamos o primeiro contato com a família, com a comunidade e, em seguida, com a escola. Portanto, o modo como falamos e nos expressamos são herança familiar e sua continuação reflete na interação que mantemos com a comunidade em que estamos inseridos. Independentemente da maneira como o falante se expressa, ou seja, com estilo mais monitorado ou menos monitorado é de fundamental importância destacar que ele segue uma norma e que conforme Faraco (2008), as muitas normas de uma língua são estruturalmente organizadas, assim sendo, não há falantes que falem sem o domínio de alguma norma.

Normalizar o que é corriqueiro no repertório linguístico dos falantes, sejam eles estudados ou não, da zona urbana ou rural pode minimizar o preconceito linguístico existente no Brasil desde a chegada dos portugueses ao país e que perdura até os dias de hoje.

De acordo com Faraco (2008, p. 37):

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala.

Dessa maneira, não é possível continuar relegando a nossa realidade linguística. As variedades devem ser incorporadas respeitosa e valorativamente à nossa prática pedagógica - a partir de textos diversos, dinâmicas em grupo, relatos pessoais - para a partir desse vocabulário expandir o conhecimento linguístico dos nossos alunos uma vez que temos uma sociedade tão diversificada no território brasileiro. Transitar entre os estilos mais monitorados em dada situação e menos monitorado em outras que demandam informalidade é o que fará o falante,

independente de sua classe social, desempenhar sua competência linguística que, certamente, é expandida com o contato com o ensino sistematizado.

São inúmeras as normas espalhadas pelo país e todas são enriquecedoras do vocabulário dos brasileiros sem distinção de classe econômica e social já que manifestam a fala real de uma mesma língua expressa de maneiras diferentes por seus falantes também reais. Faraco (2008) afirma que uma mesma comunidade linguística se utiliza de várias normas transitando, portanto, o contexto situacional, a depender da competência linguística do falante, é que definirá o estilo a ser utilizado demonstrando a sua desenvoltura ao adequar seu repertório vocabular.

No tocante à norma culta, Faraco (2008 p. 49) conceitua como sendo “variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas”. Isso posto, muitos são excluídos pela sua maneira de falar por não terem acesso à universidade e, conseqüentemente, à cultura escrita. Classificados como desprovidos de cultura, julgados pelos que possuem determinado domínio da norma culta como incultos e ignorantes acabam dando continuidade à concepção de que os menos escolarizados não sabem falar e que português é difícil.

O linguista brasileiro Faraco usa o termo “norma curta” em oposição à norma culta como uma crítica a uma língua idealizada pela elite que se considera culta e tenta preservar uma tradição histórica oral e escrita advinda dos europeus ainda no período do descobrimento do Brasil. Rebaixando a todo custo o falar caracterizado como menos prestigiado de grupos classificados como desprovidos de cultura, que apresentam normas socialmente estigmatizadas.

Para Faraco (2008, p.25) “a norma curta não passa de uma súmula grosseira e rasteira de preceitos normativos saídos, em geral, do exacerbado pseudopurismo que, infelizmente para nossa cultura linguística e nossas práticas de ensino, se alastrou entre nós desde as últimas décadas do século XIX”.

Enquanto a norma culta/comum/standard é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma padrão é a codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística. (FARACO, 2008 p. 75)

Ou seja, a língua deve ter como referência uma norma-padrão para que os falantes possam uniformizar seu modo de falar e assim minimizar as variantes utilizadas pelos discriminados e atenuar a diversidade linguística. Deparamo-nos com uma atitude linguística que insisti em perdurar até os dias atuais, segregando, menosprezando e considerando como erro a diversidade da fala manifestada por todo o país através dos seus falantes reais.

#### 4.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS E ENSINO

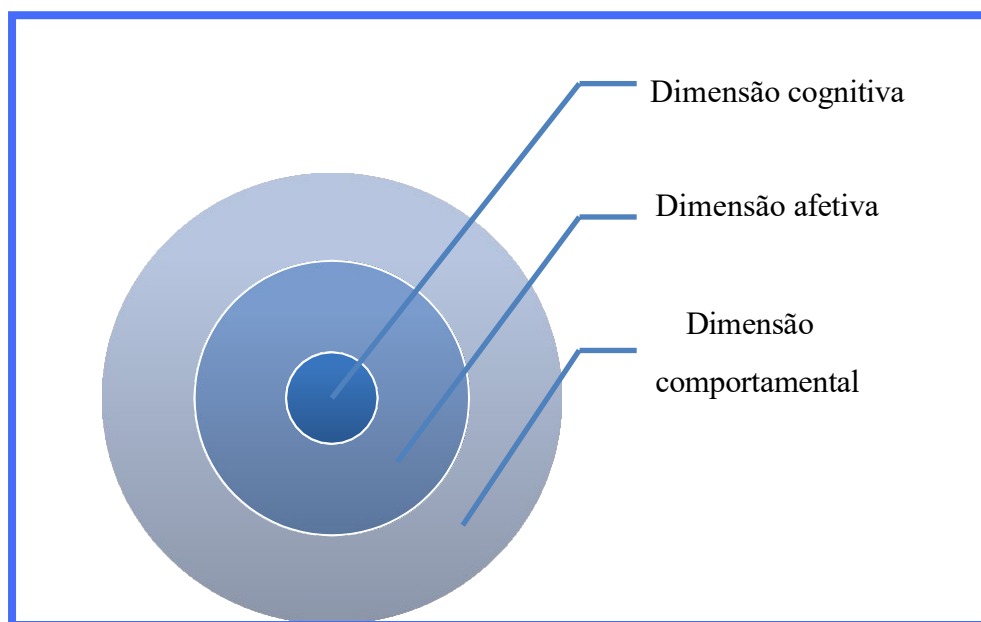
A Psicologia Social iniciou os estudos sobre as atitudes dando subsídio metodológico para a abordagem das atitudes linguísticas especialmente com William e Wallace Lambert. A abordagem das atitudes dos falantes e suas consequências para a mudança linguística no âmbito da Sociolinguística não é novidade, uma vez que o linguista americano William Labov, em 1963 fez seu estudo inaugural na ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts nos Estados Unidos. No Brasil, um dos primeiros trabalhos conhecidos é a dissertação – Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia, defendida em 1979 por Maria Isolete Alves. A autora investigou as tendências nas atitudes que nordestinos em São Paulo manifestaram com relação às variedades linguísticas nativas e paulistas.

Lambert e Lambert (1966, p. 78) definem que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Sendo assim, as atitudes seriam formadas por pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções e tendências para reagir.

Lambert e Lambert (1966) destacam que no início do processo de desenvolvimento das atitudes seus componentes ainda não estão rigidamente sistematizados, por isso, podem ser alterados por novas experiências. Entretanto, quando se permanece por longo tempo sob influência de ambientes ou situações em que determinados padrões de comportamento constituem a norma, sua organização poderá se tornar rígida e estereotipada, ou seja, pessoas e acontecimentos serão avaliados baseados nos padrões de pensamentos e de sentimentos.

Nesse caso, um indivíduo ao manifestar sua atitude linguística demonstra um determinado comportamento diante da língua ou de uma situação sociolinguística associando a ela diferentes valores a exemplo de feia, bonita, certa, errada entre outros. Assim sendo, pode-se afirmar que existe a atitude positiva e a atitude negativa e, infelizmente, a maioria da população apresenta um julgamento negativo da própria língua fruto de uma cultura de desvalorização que herdamos desde a chegada dos portugueses ao Brasil quando os jesuítas para catequizarem os povos originários tentaram alfabetizá-los com o objetivo de convertê-los à religião católica.

No tocante às dimensões das atitudes linguísticas, Lambert (1967), sugere a seguinte divisão:



Quadro 01: Dimensões das atitudes linguísticas de acordo com Lambert (1967)

Conforme Lambert (1967), as atitudes possuem três níveis básicos de funcionamento: o nível um, denominado de nível primário, também chamado de nível cognitivo. É o nível mais próximo do estímulo recebido pelo ouvinte, visto que é nele que as condições neurobiológicas subjacentes à capacidade cognitiva que o indivíduo tem para memorizar, contrastar, perceber e discriminar um dado linguístico. Encontra-se, neste nível cognitivo, o psiquismo na linguagem, ou seja, é nele que se constrói a consciência linguística e o ramo axiológico. Sendo assim, é no nível primário que se acham as formas mais primárias de valores e de estereótipos de fala, visto que ele fundamenta toda uma consciência de valor atribuída à linguagem.

O segundo nível, que para Lambert (1967), é o campo afetivo que está inter-relacionado e, também, articulado ao campo primário. Neste nível, encontram-se as atribuições de valor a partir das emoções que são atribuídas (in)conscientemente ao campo cognitivo, isto é, ao ouvir um registro linguístico que relembre um pensamento negativo, desagradável, o sujeito atribui emoções à consciência linguística que ele tem sobre determinada variedade. É no nível do campo afetivo que o falante faz especulações valorativas sobre a língua, como por exemplo, a atribuição de um falar “correto”, “agradável”, “pobre”, “rico” e etc. Pode-se, de certa forma, afirmar que o segundo nível é estimulado e realimentado pelo nível primário.

Para finalizar, Lambert (1967), postula como o terceiro nível das atitudes, o comportamento. Posto isto, nos estudos de abordagem direta, o comportamento é a materialização da fala, ou seja, a produção em si. Entretanto, em estudos de abordagem indireta,

o comportamento é a avaliação linguística através das atividades de tarefa forçada para a obtenção dos dados em atitudes. Para concluir, compreende-se este nível de duas formas: o nível comportamental muitas vezes é a maior prova de influência das atitudes para a predileção linguística. Em contrapartida, na abordagem indireta o julgamento de atitudes pode ser alcançado por meio de um material de fala.

Bem (1973), psicólogo social conceitua atitudes da seguinte forma:

Atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo ideias abstratas e políticas sociais. [...] nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas (BEM, 1973, p. 29).

A definição de atitude linguística compreende diversas dimensões, como as atitudes sobre as variedades linguísticas/dialetais e estilos de fala, perpassando pelas atitudes no tocante ao aprendizado de uma língua e, inclusive, atitudes com relação a minorias, grupos, comunidades. É importante ressaltar que, entre os pesquisadores, não há consenso quanto aos componentes da atitude. Lambert e Lambert (1967) atribuem três componentes à atitude: a crença, a valoração e a conduta, todos situados no mesmo nível. Sendo assim, a manifestação da atitude linguística de um sujeito seria resultado do seu comportamento diante da língua ou de uma situação sociolinguística levando, também, em consideração suas crenças, conhecimentos, sentimentos ou emoções. Enquanto Bem (1973) acrescenta o componente social às atitudes. Para ele, as crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem – pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros –, o que nos remete aos quatro fundamentos psicológicos das crenças e atitudes. São eles: cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais.

Logo, a relação entre atitude, linguagem e seu uso efetivo na sociedade é capaz de revelar e de transmitir valores afetivos e julgamentos como certo, errado, bonito, feio dentre outros. Assim sendo, a manifestação linguística de determinado grupo na sociedade, levando em consideração seu status, pode ser conceituada como sendo de alto ou de baixo prestígio social. O que, de repente pode ser negativo para um professor de matemática pode não ser para um mestrando em Língua Portuguesa. É a complexa relação entre língua, sociedade e identidade que provoca em seus falantes posicionamentos frente à língua e à variedade linguística como atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou de prestígio, de correção ou de erro.

Segundo Bagno (2001, p.36), “menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou a variedade da língua empregada por um ser humano equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo como

ser humano”. Diante do exposto, alunos de diversas regiões do Brasil passam por situações semelhantes e, como efeito podem, entre tantos outros fatores, não voltarem à escola por sentirem-se marginalizados, resultando na evasão escolar. Entretanto, é possível que a escola contribua para a libertação e conseqüentemente formação do indivíduo. Mas, para que isso ocorra de maneira prazerosa e satisfatória, também é preciso que ela esteja atenta e lute contra o preconceito linguístico, pois assim o aprendizado será algo muito mais fácil de ser alcançado; a educação deixará de ser alvo apenas político e/ou das classes dominantes.

No caso do Brasil, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas conseqüências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão. (BORTONI-RICARDO, 2005, p 15).

As práticas linguísticas, na visão da autora, em contexto escolar, são geradoras de sentimentos negativos sobre a língua e isso, conseqüentemente, resulta em evasão, abandono, desinteresse no ensino sistematizado. A valorização da cultura popular por parte da escola pode e deve ser o ponto de partida pela luta contra o preconceito e as inúmeras desigualdades.

Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas da ascensão social. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.15)

Trata-se de uma relação complexa, uma vez que provoca nos falantes atitudes linguísticas de aceitação/rejeição, de valorização/discriminação ou de elevação social frente às manifestações da língua. Sendo assim, a escola necessita de políticas públicas efetivas de combate ao preconceito linguístico. Mudança de atitudes tanto de alunos quanto de professores frente às atitudes linguísticas negativas e preconceituosas a exemplo de: “Fulano fala errado”, “a fala de Fulano é feia”, em tom pejorativo, aumentam as diferenças sociais, contribuindo para a exclusão dos menos favorecidos.

É um problema que urge ser enfrentado e combatido principalmente pela escola visto que o professor de língua portuguesa pode oportunizar discussões acerca desses temas, considerando a riqueza da diversidade sociolinguística do país, contribuindo significativamente para transformação de atitudes ressignificando-as sem deixar de ampliar a competência

linguística dos alunos. Logo, neste contexto, o professor é o ator principal para promover o ensino mais amplo na educação em respeito às diferenças.

Sobre este assunto, Cyranka (2007, p. 123):

Em sua pesquisa sobre Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora, detectou que os professores, ainda que em menor proporção, compartilham de algumas crenças com os alunos e se mostram “presos a outras crenças que não têm fundamento, como a de que é preciso ‘corrigir’ a fala do aluno, de que os analfabetos falam errado, de que sem saber gramática não se aprende a escrever.”

Infelizmente, postura como essas continuam afastando alunos da escola, transformando-a em um lugar de exclusão, de desvalorização do conhecimento linguístico levado pelas camadas mais populares, advindas de pais analfabetos ou semianalfabetos. Trazendo esta realidade de exclusão para o aluno da EJA, percebemos que o silenciar é fruto dessa estigmatização, por vezes, além de enraizado na instituição escolar, também, está presente nas atitudes de muitos professores de língua portuguesa ou não que ao invés de acolher o sujeito e expandir seu repertório vocabular, respeitando sua bagagem de conhecimento, faz com que ele desista de estudar, porque não se sente capaz de aprender algo tão distante da sua realidade.

É imprescindível respeitar a individualidade de cada um e a escola é um dos melhores lugares, senão o melhor, para que isso ocorra.

Em primeiro lugar, uma escola transformadora não aceita a rejeição dos dialetos dos alunos pertencentes às camadas populares, não apenas por eles serem tão expressivos e lógicos quanto o dialeto do prestígio (argumento em que se fundamenta a proposta da teoria das diferenças linguísticas), mas também, é, sobretudo, porque essa rejeição teria um caráter político inaceitável, pois significaria uma rejeição da classe social, através da rejeição de sua linguagem. Em segundo lugar, uma escola transformadora atribui ao bidialetismo a função não de adequação do aluno às exigências da estrutura social, como faz a teoria das diferenças linguísticas, mas a de instrumentalização do aluno, para que adquira condições de participação na luta contra desigualdades inerentes a essa estrutura. (SOARES, 1980, p.74)

O ensinar e o aprender são uma via de mão dupla entre sujeitos e ela só terá sentido quando juntos alunos e professores estiverem engajados em questionar, refletir, refazer, ouvir, falar e agir com o objetivo de crescerem. Logo, o papel do professor é fundamental no processo de escolarização. Ele é o facilitador da aprendizagem e não deve jamais se afastar desse papel. Por isso, a importância da formação continuada para que instituições de ensino, professores e funcionários possam proporcionar uma educação que promova impactos positivos em toda a

comunidade escolar o que, conseqüentemente, refletirá na sociedade já que são sujeitos que atuam nela.

López Morales (1993), no âmbito da Sociolinguística, identifica na atitude apenas um componente: o conativo. Portanto, para o autor, as atitudes são constituídas por comportamentos e condutas que podem ser positivas ou negativas, não existindo uma atitude “neutra”.

Para López Morales (1993), o surgimento de atitudes não advém de toda e qualquer crença, ao passo que as atitudes produzem muitas crenças. Para ilustrar essa situação, esclarece que fenômenos linguísticos classificados como rurais ou vulgares produzem atitude negativa que leva ao seu rechaço, o que resulta em conseqüências negativas na manifestação linguística dos falantes de uma comunidade: os usuários da língua privilegiam o que consideram mais aceitável enquanto preferem não usar o que muitos vêem como rechaçável principalmente quando se exige um grau de monitoramento mais da fala.

A seguir, descrevo os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresento a metodologia para a realização desta pesquisa, desenvolvida com alunos da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental – EJAEF 1ª Etapa - de uma escola da rede pública estadual de ensino situada no município de Areia Branca-SE. Neste percurso metodológico, faço uma contextualização de todas as informações referentes ao ambiente de pesquisa, aos sujeitos participantes, coleta e análise de dados e teste inicial.

### 5.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa classifica-se como autoetnográfica e pesquisa-ação. Autoetnográfica uma vez que apresenta em seu bojo uma abordagem metodológica na qual o pesquisador investiga sua própria experiência ou história de vida, utilizando métodos qualitativos para coletar e analisar dados. É uma forma de pesquisa que enfatiza a subjetividade e a reflexividade do pesquisador, que utiliza a si mesmo como objeto de estudo. Ela tem suas raízes na antropologia e na sociologia, mas também é aplicada em outras áreas, como a educação, a saúde e a psicologia. A autoetnografia pode ser vista como uma forma de escrita criativa, na qual o pesquisador utiliza elementos da narrativa para transmitir sua experiência de maneira significativa.

A análise autoetnográfica é uma abordagem crítica que busca desafiar as normas dominantes e destacar as vozes marginalizadas. É uma forma de pesquisa que permite ao pesquisador examinar suas próprias crenças e valores e como eles influenciam sua visão de mundo. Ela pode ser uma forma poderosa de autoexploração e crescimento pessoal, além de contribuir para o conhecimento científico em uma determinada área de estudo.

No tocante à pesquisa-ação é uma opção metodológica que objetiva promover a articulação entre teoria e prática em que as práticas – situações reais e interpretações são fundamentais para o levantamento de novas ideias e possíveis intervenções. É um tipo de pesquisa que possibilita a interação entre participantes e pesquisador levando-os a troca de saberes e a um processo de reflexão sobre a ação durante o processo investigativo. Nessa perspectiva, a pesquisa-ação permite a escolha de ação eficiente para melhorar uma prática que provoque o envolvimento do pesquisador e a participação dos sujeitos na produção de prováveis alternativas para os problemas observados. Trata-se de um processo colaborativo em que teoria

e prática estão correlacionadas a fim de provocar aprendizagem e transformação a todos os envolvidos.

O objeto de pesquisa deste trabalho é um tema relevante porque pode resultar no aumento da autoestima linguística dos atores sociais envolvidos. Ele atravessou e ainda atravessa a minha vivência enquanto pessoa, professora e pesquisadora. As atitudes linguísticas dos alunos da EJAEF 1ª Etapa é um assunto que me mobiliza em decorrência da minha história de vida, por entender que a diversidade linguística no processo educacional deve ser valorizada, acolhida com todas as suas nuances, que o repertório verbal dos meus alunos possa ser ampliado acarretando no desenvolvimento da competência comunicativa de todos eles, ou seja, o falante sabe o que falar e como falar com qualquer interlocutor e em qualquer circunstância.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu a partir da observação de que os alunos da EJAEF 1ª Etapa de uma escola da rede pública estadual do município de AreiaBranca/SE silenciavam durante as aulas em vários momentos em que eram sugeridas discussões a respeito de assuntos variados. Alguns se olhavam, principalmente os mais velhos, e eu não entendia o porquê dessa atitude. Após essa observação e a aplicação da atividade para a coleta de dados, evidenciei a presença negativa que eles tinham de si mesmos no tocante à sua fala.

Surgiu, então, o seguinte questionamento:

(1) Qual é a atitude linguística dos alunos da EJA em relação às diferentes variedades linguísticas presentes em sua comunidade, ela afeta sua motivação e engajamento no processo de aprendizagem?

Após essa inquietação, decidi estudar sobre Atitudes Linguísticas de forma mais aprofundada.

A identificação da presença de preconceito linguístico em sua própria fala, mito de que não sabe falar, foi possível a partir da realização de um teste inicial contendo um questionário de 11 questões para a coleta de dados em que os alunos responderam a perguntas sobre o seu modo de falar e como veem o modo de falar do outro. Houve também a aplicação de um questionário socioeconômico, também com 11 itens, para a coleta de informações sobre alguns aspectos da vida escolar e das condições socioeconômicas e culturais dos estudantes.

O quadro a seguir resume o percurso metodológico mostrando as fases propostas para o desenvolvimento completo desta pesquisa com as etapas correspondentes ao caderno pedagógico e a quantidade de aulas e/ou o período de execução.

**Quadro 02** – Resumo do percurso metodológico

| <b>Fases da pesquisa</b>  | <b>Atividades desenvolvidas</b>                          | <b>Quantidade de aulas</b> | <b>Período</b>    |
|---------------------------|----------------------------------------------------------|----------------------------|-------------------|
| <b>Fase de observação</b> | Diagnóstico da turma                                     | —                          | agosto/setembro   |
| <b>Fase exploratória</b>  | Aplicação dos questionários I e II e do teste inicial    | 12                         | outubro/novembro  |
| <b>Fase de ação</b>       | Aplicação das atividades propostas no caderno pedagógico | 15                         | novembro/dezembro |
| <b>Fase da avaliação</b>  | Avaliação da proposta pedagógica e da pesquisa           | 5                          | dezembro          |

Quadro 02. Fonte: autoria própria.

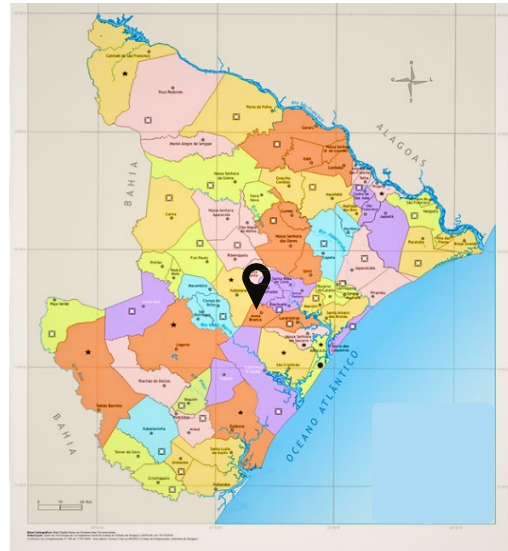
## 5.2 CORPUS

O corpus é constituído de memórias, relatos, entrevista com amigos e familiares e de dois questionários, previamente elaborados, um com teor sociolinguístico e outro, socioeconômico cujo objetivo é coletar informações sobre alguns aspectos relacionados à fala, à vida escolar e às condições socioeconômicas e culturais dos estudantes da EJAEF 1ª Etapa. Há, também, o teste inicial que consiste na aplicação de uma atividade escrita em que os estudantes ouviram podcasts com conversas de 2 pessoas que participaram da festa do Centenário de Nossa Senhora das Graças co-padroeira da cidade de Areia Branca – Sergipe. Para assegurar o anonimato de cada um deles, substituímos os nomes por códigos numa sequência de **A1** a **A20**, onde **A1 (aluno 1)** **A2 (aluno 2)** e assim sucessivamente.

## 5.3 CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa é uma escola da rede estadual de ensino, recentemente intitulada de Centro de Excelência, localizada no município de Areia Branca-SE. A escola dispõe de turmas do Ensino Fundamental II no turno matutino e vespertino, constituindo o Ensino Integral direcionado apenas para os 6º e 7º anos por ser o primeiro ano de implementação deste. No turno vespertino temos, além dos 6º e 7º anos, o Ensino Fundamental II voltado para o 8º e 9º anos (estes ainda não foram contemplados com o Ensino Integral. A meta é para que isso ocorra em 2024) e a EJA para o Ensino Fundamental e Médio no turno da noite.

### 5.3.1 O município



Imagens disponíveis em: <https://br.pinterest.com/search/pinshttps://images.app.goo.gl/gj6W5ys9FhLkJR8U7>. Acesso em: 28 de novembro de 2023.



Imagem disponível em: <https://images.app.goo.gl/hPzha3BppN3Xb2K88>. Acesso em: 28 de novembro de 2023.

O município de Areia Branca está situado na base da Serra de Itabaiana, há 36 km da capital Aracaju. Recebeu este nome pela cor do solo da povoação. Parte de seu território foi doado pelo latifundiário José Ferreira Neto, que cedeu uma área de lagoa seca a pessoas carentes. A povoação, fundada por Juvinião Freire de Oliveira e Virgílio Rodrigues do

Nascimento, teve início em frente a uma capela que mais tarde se transformaria na Igreja Matriz São João Batista, padroeiro de Areia Branca.

Evoluiu à categoria de município de Areia Branca em 11 de novembro de 1963, pela lei estadual 1.224, desmembrado de Riachuelo, Laranjeiras e Itabaiana. De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população estimada em 2020 era de 18.686 pessoas. Com uma extensão territorial de 128 Km, o município de Areia Branca, além da sede, conta com treze povoados distribuídos na zona rural: Areias, Boqueirão, Cajueiro, Canjinha, Caroba, Chico Gomes, Colônia São Paulo, Guidinha, Junco, Manilha, Pedrinhas, Rio das Pedras, Serra Comprida.

A feira do município ocorre há muitos anos sempre aos sábados e reúne uma diversidade de produtos alimentícios, atraindo pessoas de cidades circunvizinhas que comercializam seus produtos.

O forró-dromo, um espaço dedicado exclusivamente ao ritmo mais característico da região Nordeste, o forró foi criado em 1992, garantiu a Areia Branca por muitos anos, o título de “Capital Sergipana do Forró”. Com uma pista de 54 mil metros quadrados, o forró-dromo da cidade chegou a ser intitulado pelo cantor Dominguinhos na década de 90 como o “Maracanã do forró”. Nele é proibido o manejo de fogos artificiais no evento, por esse motivo recebeu a denominação de “Forró de Paz e Amor”.

Sua principal fonte de economia é a agricultura com a mandioca, a cana-de-açúcar, a manga, o milho, o maracujá e é considerado o maior produtor de coentro do estado.

O dia 24 de junho tem um profundo significado para a comunidade católica da cidade de Areia Branca. É a data da festa em honra do seu ilustre padroeiro, São João Batista. Durante o mês, há novenário com missas diárias e também a típica procissão com a imagem do padroeiro em um carro aberto do Corpo de Bombeiros. Neste dia, pessoas de vários povoados acompanham o cortejo que sai da igreja matriz e faz um percurso pelas ruas principais do município.

Nos finais de semana, a praça Virgílio Rodrigues do Nascimento, localizada no centro da cidade, é ponto de encontro de muitos jovens que brincam na quadra jogando futebol e ou vôlei. Outros vão para andar de bicicleta, passear com seus pets, conversar com os amigos, namorar e lanchar. Ao redor dela há o comércio de espetinho, açaí, sorvete e salgados que a torna ainda mais atrativa.

### 5.3.2 A escola-campo



Figura 01: fachada da escola. Dados da pesquisa 2023.

Reformada em 2016, a escola atualmente funciona com turmas do Ensino Fundamental 2 no turno matutino e vespertino, constituindo o Ensino Integral direcionado apenas para os 6º e 7º anos por ser o primeiro ano de implementação deste. No turno vespertino temos, além dos 6º e 7º anos, o Ensino Fundamental 2 voltado para o 8º e 9º anos (estes ainda não foram contemplados com o Ensino Integral. A meta é para que isso ocorra em 2024) e a EJA para o Ensino Fundamental e Médio no turno da noite.

Quanto à infraestrutura, a escola possui: 8 salas de aula, 1 sala destinada ao diretor, 1 sala destinada aos coordenadores, 1 secretaria, 1 sala de professores, 1 laboratório de informática, 1 sala de recursos, 1 biblioteca, 1 almoxarifado, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 pátio, 1 sala pequena destinada ao arquivo, 1 depósito, banheiros sendo 1 masculino, 1 feminino, 1 para portadores de necessidades especiais e outros 3 banheiros que estão situados cada um deles na direção, coordenação e sala dos professores estacionamento interno com 6 vagas e 1 quadra esportiva que fica fora dos muros da escola.

A matrícula dos alunos ano após ano tem crescido e seu público é tanto da zona urbana quanto da zona rural.

Em 2020-2021, a escola abraçou o projeto intitulado **Colheita Saudável Transforma Atitudes** desenvolvido e aplicado pela professora de Língua Portuguesa, Ana Paula – que sou eu-juntamente com o protagonismo dos alunos da EJA, em particular as turmas EJAEF e EJAEM “A” 1ª e 2ª Etapas surge como uma forma de desenvolver competências e habilidades da área da linguagem usando o contexto de vivência do próprio aluno.

Com o cultivo de alimentos no espaço escolar, os alunos além de aprender e compartilhar meios sustentáveis e saudáveis de produção agrícola pertinentes a sua realidade, também aprendem de forma mais natural e espontânea aspectos importantes da linguagem com os registros e relatos dos processos do projeto: pesquisa sobre cada tipo de produto, preparação do solo, seleção de sementes, manejo, produção, consumo etc. Inicialmente este projeto surge como uma interferência positiva no espaço escolar na tentativa de aproveitar alguns canteiros e conscientizar os alunos a não descartar restos de alimentos sobre tais canteiros. Mas a ideia entusiasmou os alunos e ganhou uma abrangência maior que a esperada.

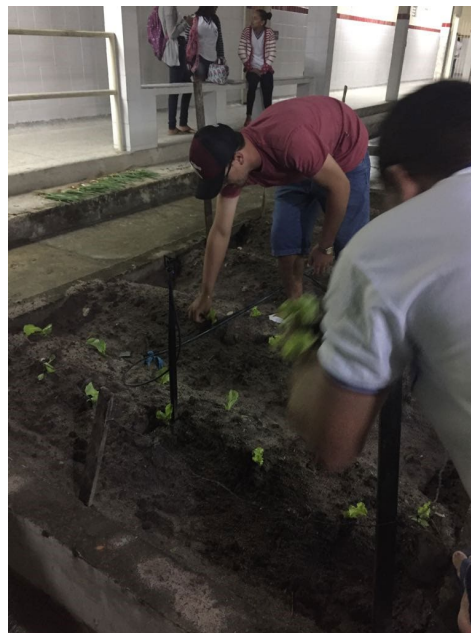


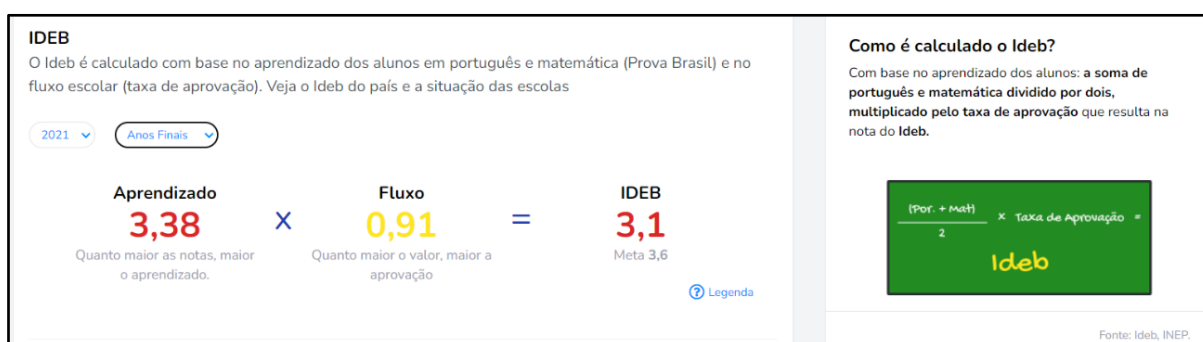
Figura 02: Projeto Colheita Saudável Transforma Atitudes. Dados da pesquisa 2023.



Figura 03: Projeto Colheita Saudável Transforma Atitudes. Dados da pesquisa 2023.

No que concerne ao desenvolvimento e à aprendizagem dos alunos, podemos acompanhar a evolução da escola através dos resultados das avaliações do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB -, no período de 2005 a 2021, data da última avaliação. Sabemos que o IDEB é calculado com base no aprendizado dos alunos nas disciplinas de Português e Matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar que é a taxa de aprovação. A nota final é obtida a partir da multiplicação da média do aprendizado pela média do fluxo, conforme quadro a seguir.

**Quadro 03.** Cálculo de notas do IDEB.



Fonte: <https://qedu.org.br/escola/28006569>.

**Quadro 04.** Resultados de avaliações do IDEB da escola em análise

| IDEB |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
|      | 2005 | 2007 | 2009 | 2011 | 2013 | 2015 | 2017 | 2019 | 2021 |
| AI   | 2,5  | 2,4  | 3,5  | 3,1  | 3,3  | 3,0  | 0,0  | 4,4  | 5,0  |
| AF   | 0,0  | 0,0  | 0,0  | 0,0  | 0,0  | 0,0  | 3,0  | 2,9  | 3,1  |
| EM   | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    |

| IDEESE |      |      |
|--------|------|------|
|        | 2021 | 2022 |
| AI     | 4,6  | -    |
| AF     | 3,7  | -    |
| EM     | -    | -    |

Fonte: <https://www.seduc.se.gov.br/redeEstadual/Escola.asp?cdestrutura=215>

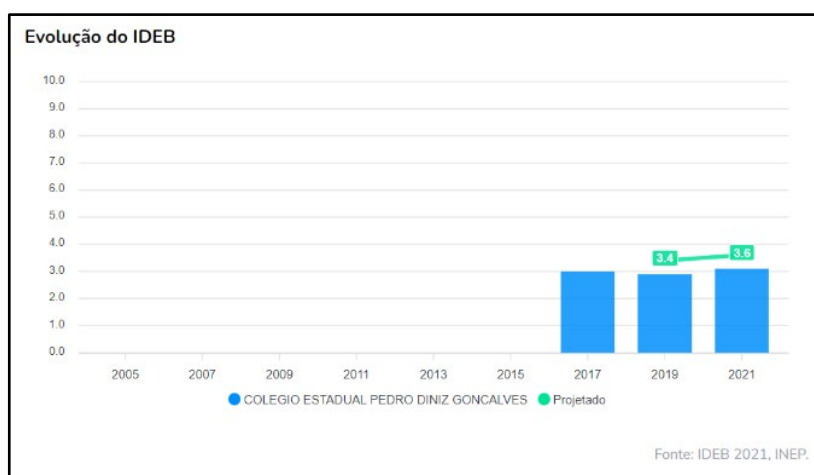
Percebemos que houve um aumento significativo em relação às notas apresentadas nos anos iniciais – AI – que corresponde ao 5º ano do Ensino Fundamental no período descrito no quadro acima. Há destaque para o período compreendido entre 2019 – momento em que a escola elevou a nota a 4,4 – e 2021 – quando a escola atingiu 5,0 como nota. Observamos também que em 2017 não houve nota para a referida turma. A secretaria da escola informou que o ocorrido foi devido ao quantitativo de alunos presentes que na ocasião correspondeu a 78% da turma, sendo que para esse tipo de avaliação, o quantitativo mínimo é de 80% dos alunos da turma.

No tocante aos anos finais – AF -, que corresponde ao 9º ano do Ensino Fundamental, observamos que a avaliação só foi realizada a partir de 2017. A secretaria da escola informou que o ocorrido foi devido à falta de um quantitativo mínimo de 80% da turma para que fosse possível fazer a aplicação da avaliação nos anos compreendidos entre 2005 e 2015. Nos anos de 2017 a 2021, percebemos um avanço ainda lento uma vez que em 2017 a nota para a referida turma foi 3,0, com uma pequena queda em 2019 para a nota 2,9 e elevando-a para 3,1 em 2021.

Já no Ensino Médio – EM -, a escola não oferta essa modalidade de ensino, portanto, não há avaliação.

Podemos visualizar a situação da escola em relação à avaliação do IDEB a partir do gráfico a seguir.

**Gráfico 01.** Informações sobre a evolução do IDEB para a escola em análise.



Fonte: [https://qedu.org.br/escola/28006569Dados do Ideb/Inep \(2021\).](https://qedu.org.br/escola/28006569Dados do Ideb/Inep (2021).)

É possível perceber, através do gráfico anterior, que a escola se encontra em situação de alerta, pois seu crescimento não foi significativo e sua nota está abaixo de 6,0 – meta do IDEB até 2025 conforme tabela a seguir.

**Quadro 05.** Brasil: Metas do IDEB por fase de ensino.

| Fase de ensino                | (I) IDEB 2005 | (II) Meta IDEB Brasil (rede pública e privada) | (III) Ano de alcance da meta |
|-------------------------------|---------------|------------------------------------------------|------------------------------|
| 1ª fase do ensino fundamental | 3,8           | 6,0                                            | 2021 (t = 16)                |
| 2ª fase do ensino fundamental | 3,5           | 6,0                                            | 2025 (t = 20)                |
| Ensino Médio                  | 3,4           | 6,0                                            | 2028 (t = 23)                |

Fonte: <https://academia.qedu.org.br/ideb/metasdoideb>

- (I) o valor do Ideb em 2005 ( $t = 0$ ) como o valor inicial;
- (II) a meta para o Brasil e;
- (III) tempo para o seu alcance.

#### 5.4 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com 20 alunos que cursam a EJAEF 1ª Etapa. São moradores das zonas urbana e rural do município de Areia Branca-SE. Possuem idade entre 18 e 53 anos dos quais apenas um deles nunca frequentou a escola.

Informações básicas referentes aos atores envolvidos na pesquisa serão apresentadas a seguir.

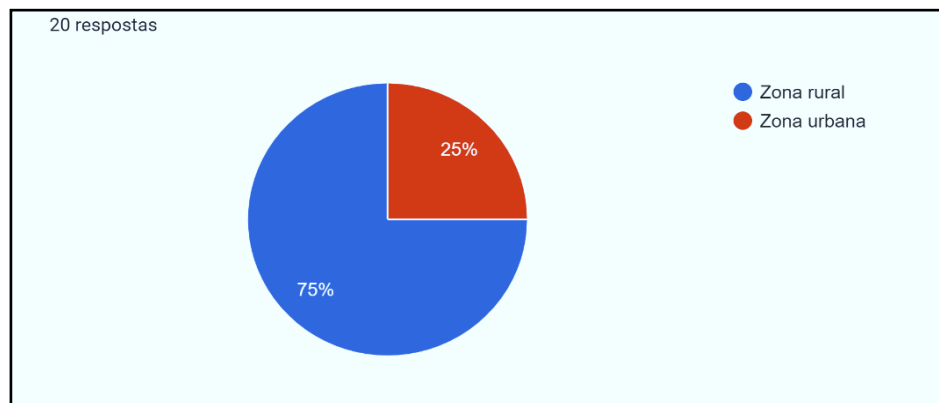
**Quadro 06.** Perfil dos sujeitos.

| ORIGEM GEOGRÁFICA | GÊNERO        | FAIXA ETÁRIA |
|-------------------|---------------|--------------|
| Zona Urbana       | Masculino (1) | 18 – 23      |
|                   | Masculino (1) | 23 – 28      |
|                   | Feminino (1)  | 18 – 23      |
| Zona Rural        | Feminino (1)  | 43 - 48      |
|                   | Feminino (1)  | 48 – 53      |
|                   | Masculino (1) | 18 – 23      |
|                   | Masculino (1) | 23 – 28      |
|                   | Masculino (1) | 28 – 33      |
|                   | Feminino (6)  | 18 – 23      |
|                   | Feminino (2)  | 23 – 28      |
|                   | Feminino (1)  | 28 – 33      |

|                   |              |         |
|-------------------|--------------|---------|
|                   | Feminino (1) | 33 – 38 |
|                   | Feminino (1) | 38 – 43 |
|                   | Feminino (1) | 48 – 53 |
| <b>Total = 20</b> |              |         |

Fonte: Dados da autora (2023).

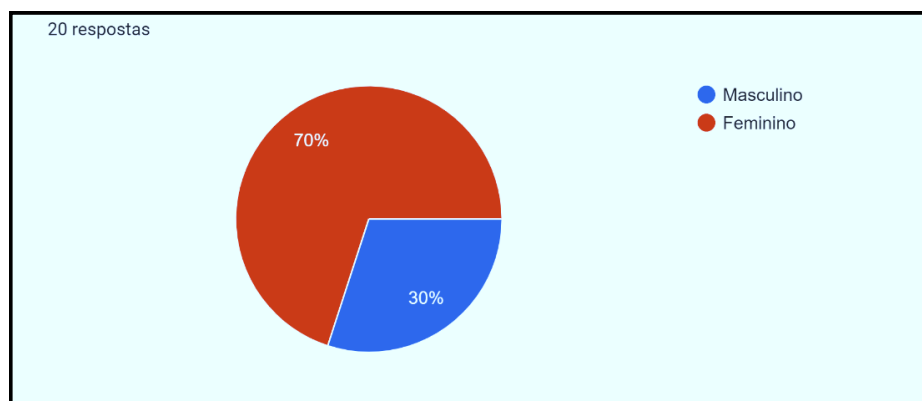
**Gráfico 02.** Porcentagem de alunos conforme a origem geográfica.



Fonte: Dados da autora (2023).

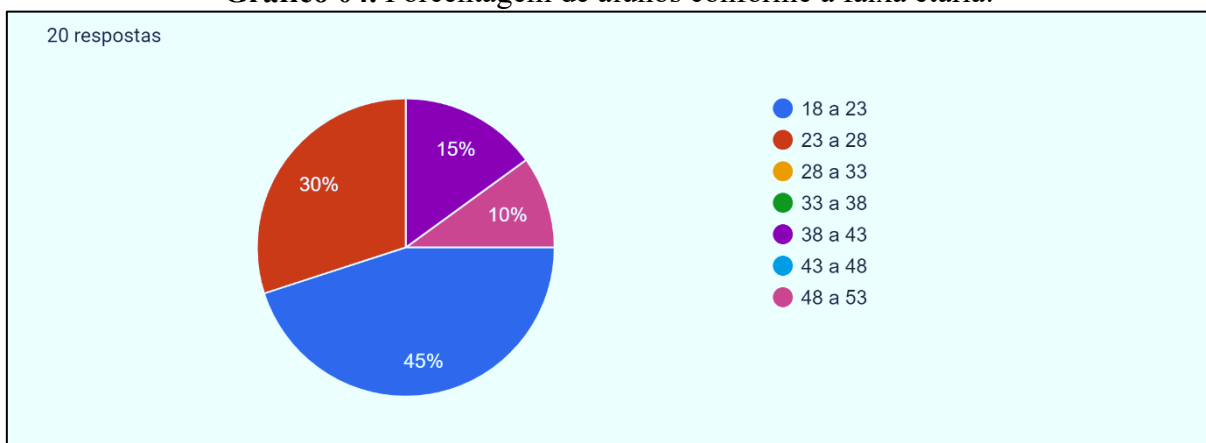
Conforme o gráfico anterior, observei que a turma é composta por alunos que residem na zona urbana e na zona rural. Um total de 75% vive na zona rural e representam 15 alunos. Já os domiciliados na zona urbana somam 25%, correspondendo a um total de 5 alunos.

**Gráfico 03.** Porcentagem dos alunos conforme o gênero.



Fonte: Dados da autora (2023)

Observei que, dos 20 alunos participantes, 70% pertencem ao gênero feminino, portanto, 14 alunas, e 30% pertencem ao gênero masculino, totalizando 6 alunos.

**Gráfico 04.** Porcentagem de alunos conforme a faixa etária.

Fonte: Dados da autora (2023).

Quanto à idade dos atores envolvidos na pesquisa, observei no gráfico que, dos 20 alunos participantes, 9 deles – 45% - têm entre 18 a 23 anos, enquanto 6 alunos, o correspondente a 30%, apresentam idade entre 23 a 28 anos. Já 15% - 3 alunos – têm 38 a 43 anos e 10%, o equivalente a 2 estudantes, apresentam idade entre 48 e 53 anos.

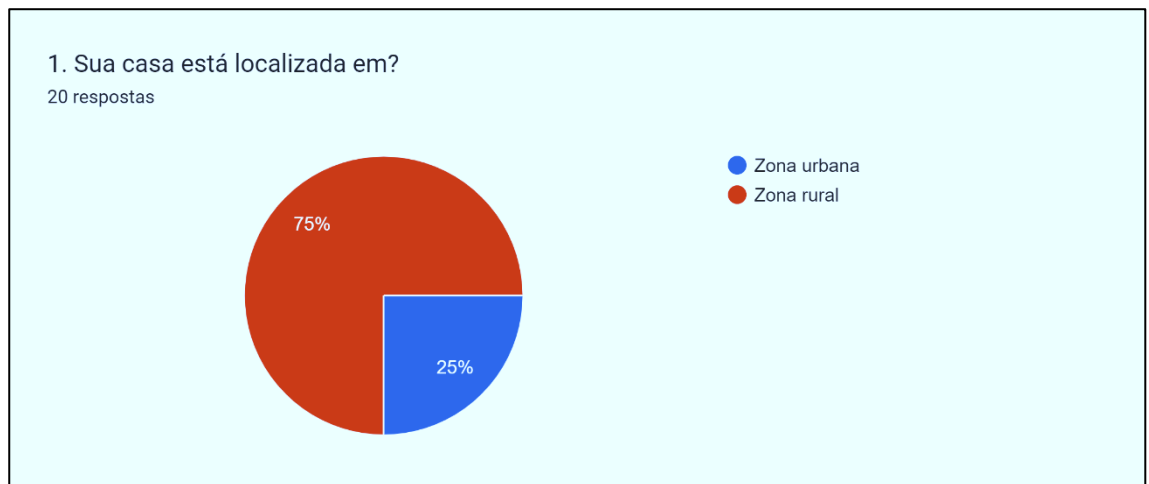
### 5.5 COLETA DE DADOS: ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

Para a coleta de informações iniciais, apliquei um questionário de teor sociolinguístico contendo 11 questões sob as quais os alunos deveriam respondê-las de acordo com suas atitudes linguísticas frente à sua língua materna. (Anexo 1)

Em seguida, lancei um questionário socioeconômico, também com 11 questões, a fim de coletar informações sobre alguns aspectos da vida escolar e das condições socioeconômicas e culturais dos estudantes. (Anexo 2)

A seguir, apresento os gráficos na sequência em que aparecem as assertivas seguidos de uma breve análise. Os gráficos de 5 a 15 referem-se ao questionário sociolinguístico enquanto os de número 16 a 26 dizem respeito ao questionário socioeconômico.

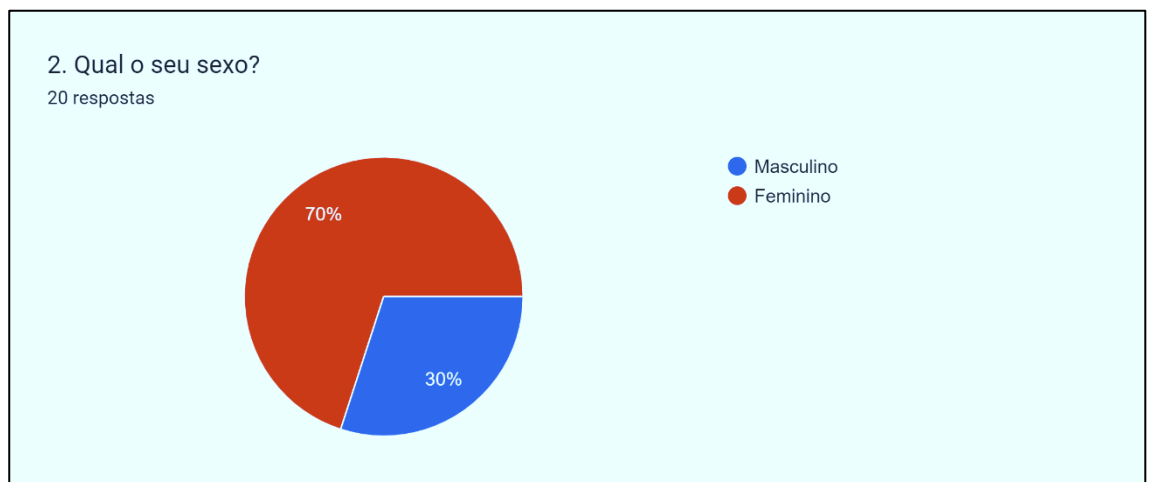
**Gráfico 05.** Sua casa está localizada na zona urbana ou na zona rural?



Fonte: Dados da autora (2023).

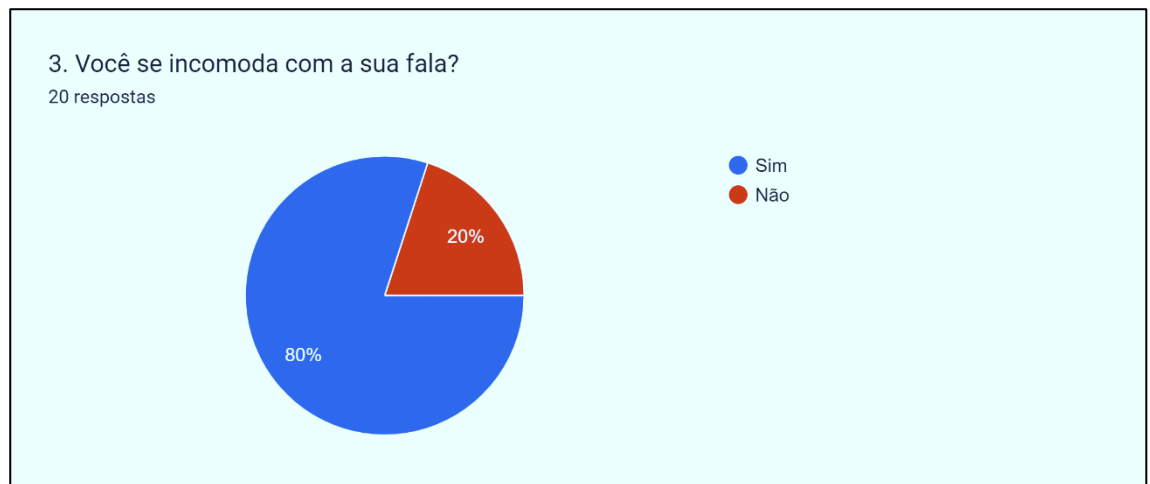
Conforme o gráfico acima, percebemos que 75% da turma, equivalente a 15 pessoas, têm sua casa situada na zona rural enquanto 25% dos alunos, correspondente a 5 pessoas, têm sua casa localizada na zona urbana.

**Gráfico 06.** Qual o seu sexo?



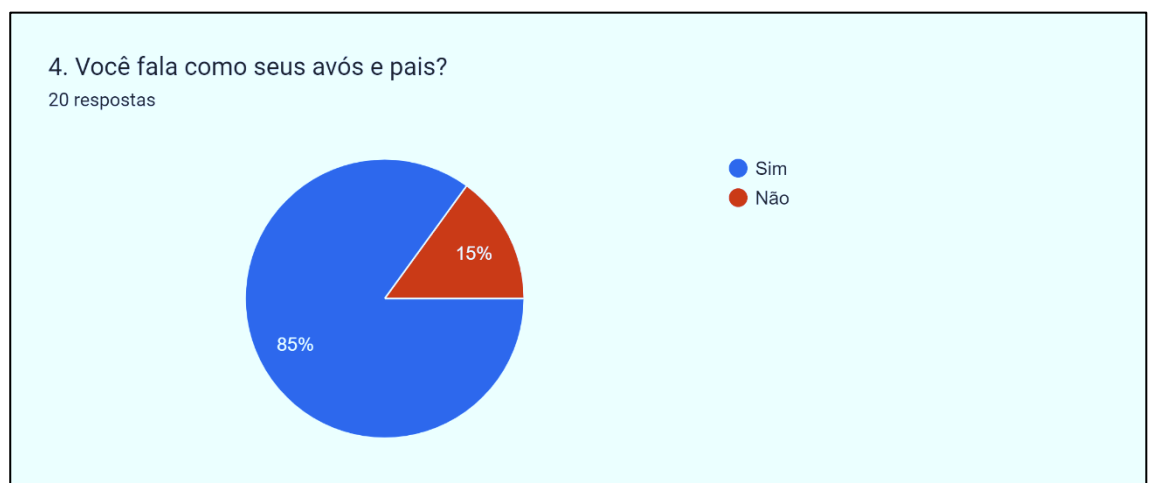
Fonte: Dados da autora (2023).

Trata-se, de acordo com o gráfico, de uma turma composta por 14 mulheres, resultando 70% delas e 06 homens o que representa 30%.

**Gráfico 07.** Você se incomoda com a sua fala?

Fonte: Dados da autora (2023).

O gráfico em análise mostra com propriedade que dos 20 alunos participantes da pesquisa, 80% deles – 16 estudantes – se incomodam com a sua fala. Apenas 20% - 04 estudantes – não se incomodam como manifestam a sua oralidade.

**Gráfico 08.** Você fala como seus avós e pais?

Fonte: Dados da autora (2023).

Sobre a semelhança da fala, 17 alunos o que representa 85% disseram falar como seus avós e pais e apenas 03 alunos – 15% - afirmaram não haver semelhança.

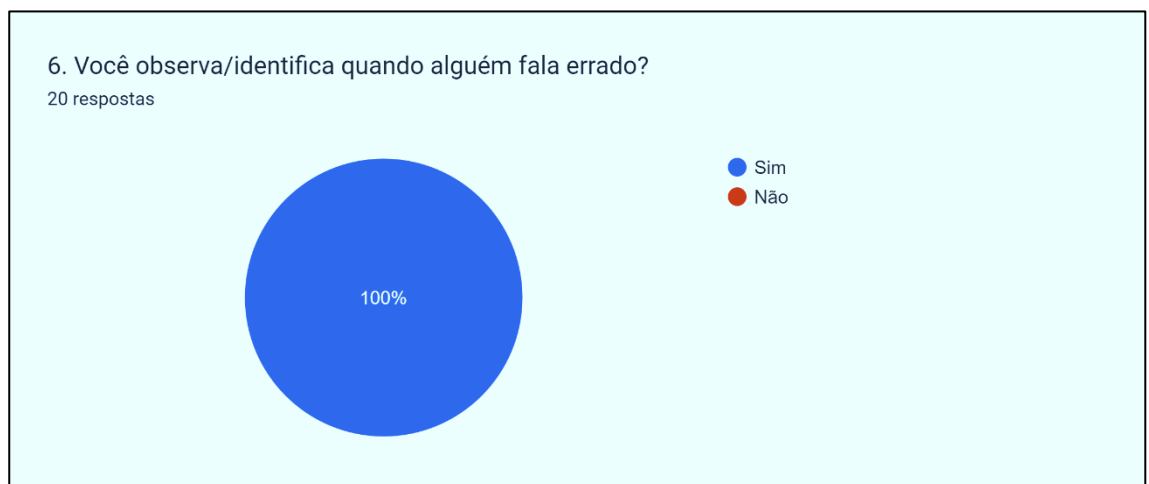
**Gráfico 09.** Você considera o seu modo de falar certo?



Fonte: Dados da autora (2023).

Sobre a percepção que os alunos têm de falar certo ou errado, 80%, que significam 16 estudantes, afirmam que não falam certo. Já 04 deles, o que equivale a 20%, informam que seu modo de falar é correto.

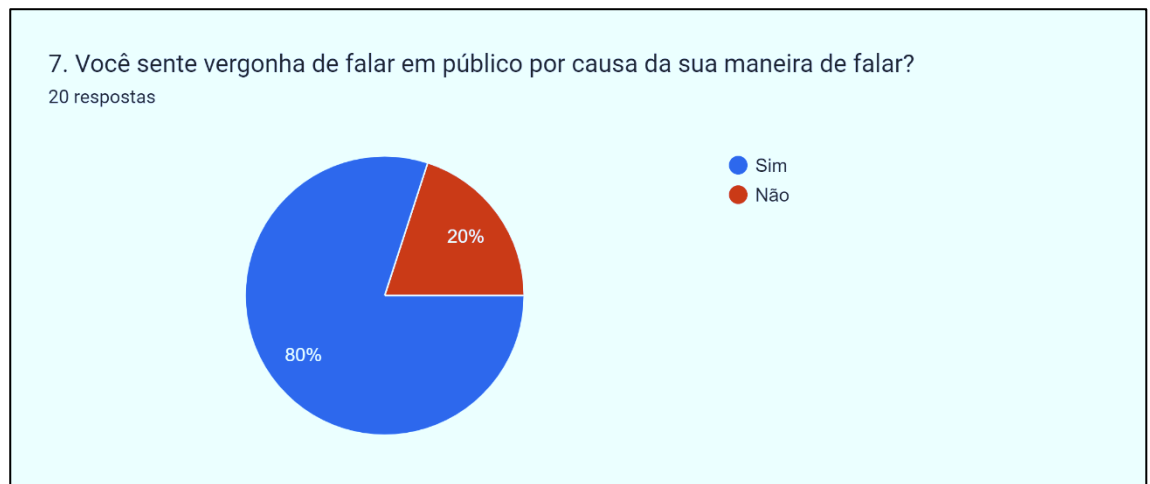
**Gráfico 10.** Você observa/identifica quando alguém fala errado?



Fonte: Dados da autora (2023).

Há unanimidade no resultado da observação de erros uma vez que todos os estudantes – 20 - afirmaram observar/identificar quando alguém erra ao falar.

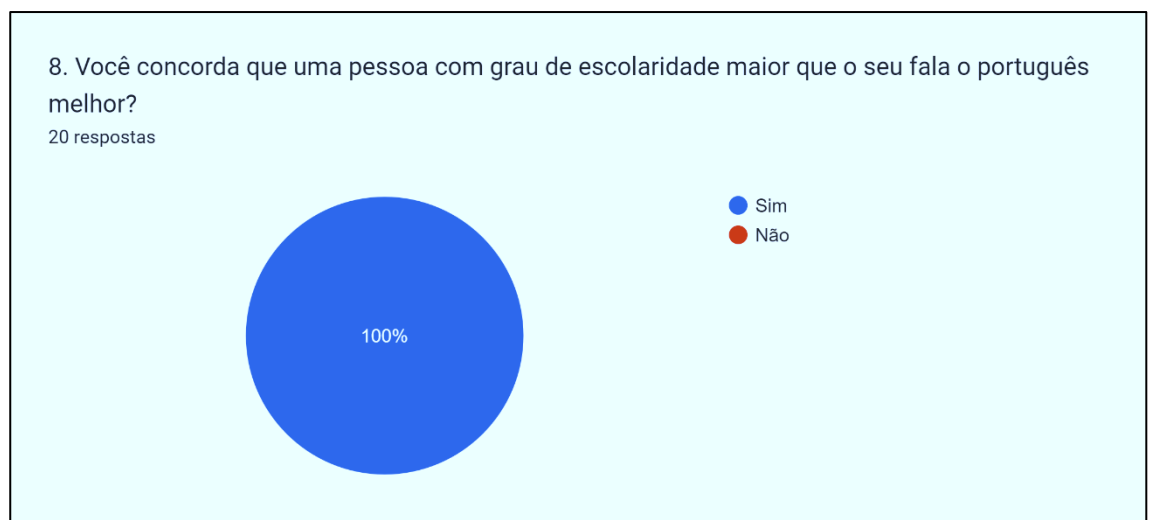
**Gráfico 11.** Você sente vergonha de falar em público por causa da sua maneira de falar?



Fonte: Dados da autora (2023).

O gráfico aponta que 16 alunos – 80% - sentem vergonha de falar em público simplesmente pelo fato de enxergarem erros na sua fala. Dos 20 alunos, apenas 04 deles afirmam que não sentem vergonha.

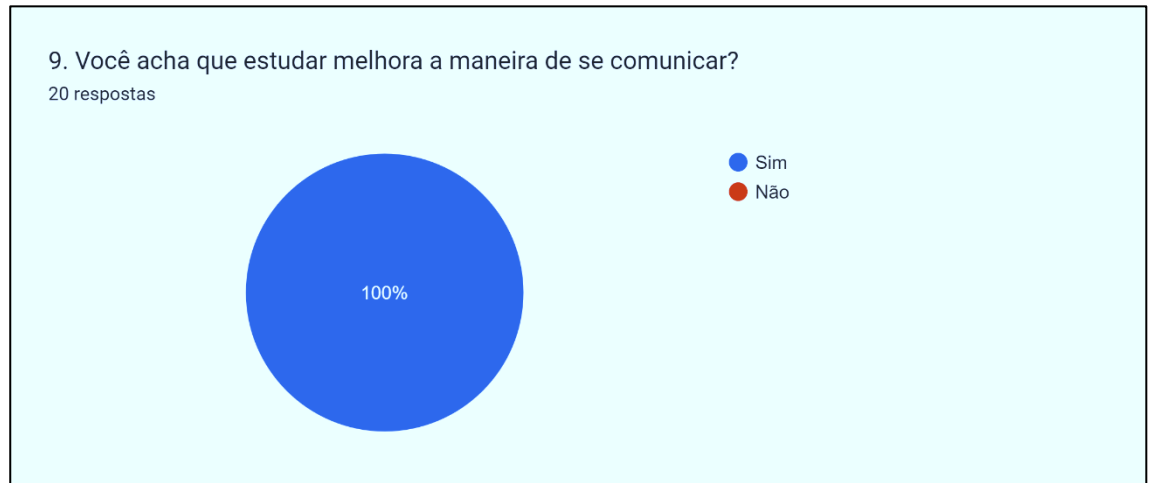
**Gráfico 12.** Você concorda que uma pessoa com grau de escolaridade maior que o seu fala o português melhor?



Fonte: Dados da autora (2023).

A totalidade dos participantes da pesquisa – 20 estudantes – concordam que uma pessoa que possui grau de escolaridade maior que o deles, consequentemente, fala o português melhor.

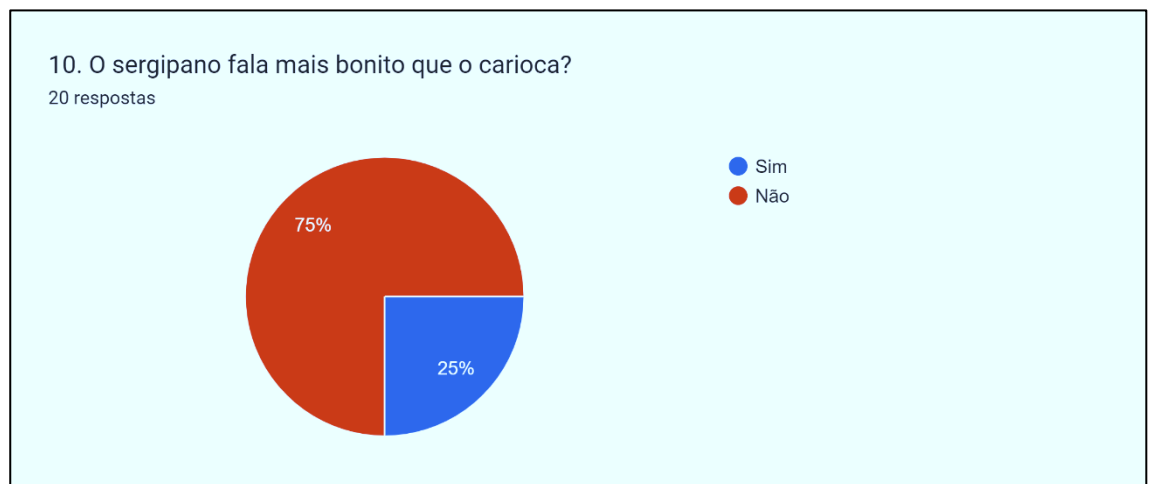
**Gráfico 13.** Você acha que estudar melhora a maneira de se comunicar?



Fonte: Dados da autora (2023).

O resultado do gráfico acima aponta para unanimidade na resposta dos estudantes quando todos eles – 100% - afirmam que estudar melhora a maneira da pessoa se comunicar.

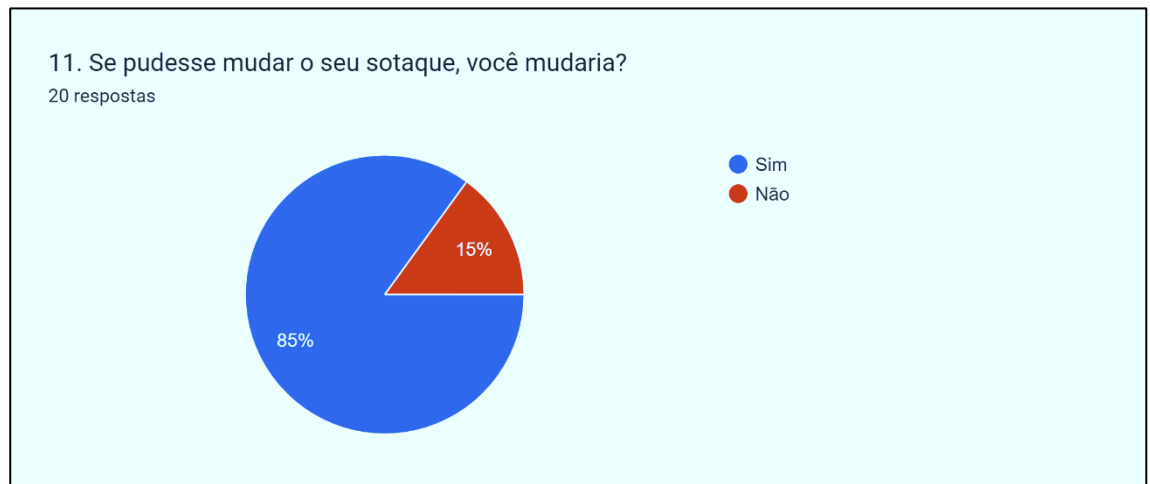
**Gráfico 14.** O sergipano fala mais bonito que o carioca?



Fonte: Dados da autora (2023).

Constatamos que 75% dos estudantes – 15 pessoas - afirmam que o carioca fala mais bonito que o sergipano o que denota uma desvalorização do falar sergipano. Apenas 25% deles – 05 pessoas - dizem o contrário da maioria

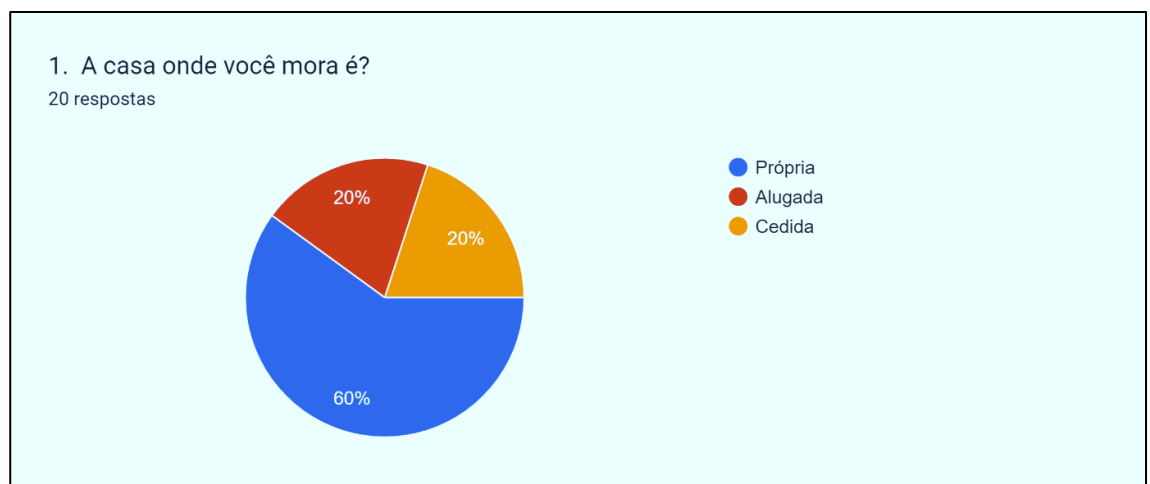
**Gráfico 15.** Se pudesse mudar o seu sotaque, você mudaria?



Fonte: Dados da autora (2023).

A respeito do sotaque, 17 alunos, correspondente a 85%, informaram que mudariam o seu sotaque e 03 alunos, o que equivale a 15%, dizem que não mudariam.

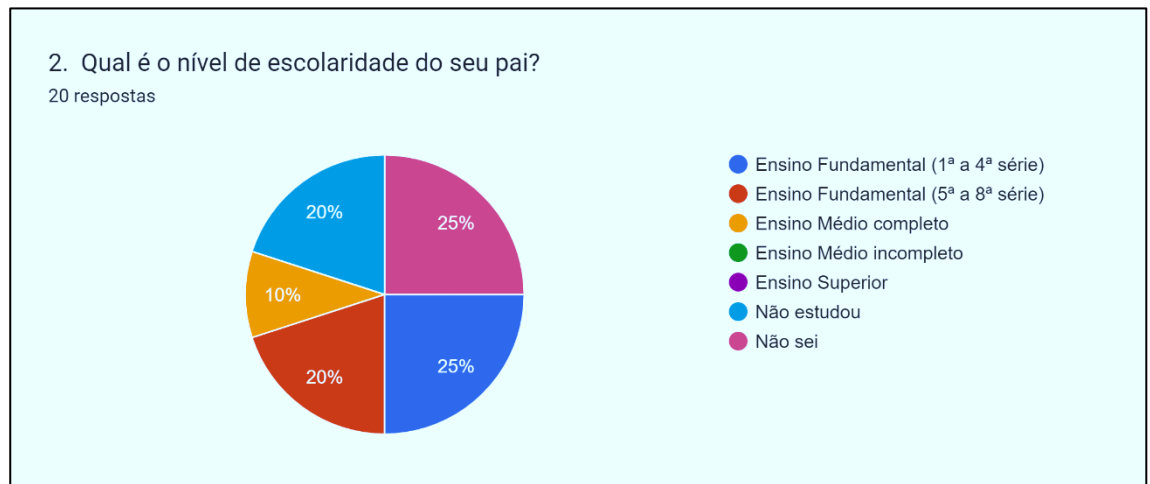
**Gráfico 16.** A casa onde você mora é?



Fonte: Dados da autora (2023).

O gráfico aponta que, dos 20 alunos pesquisados, 12 – 60% - moram em casa própria, enquanto 04 – 20% - moram em casa alugada e 04 – também 20% -, em casa cedida.

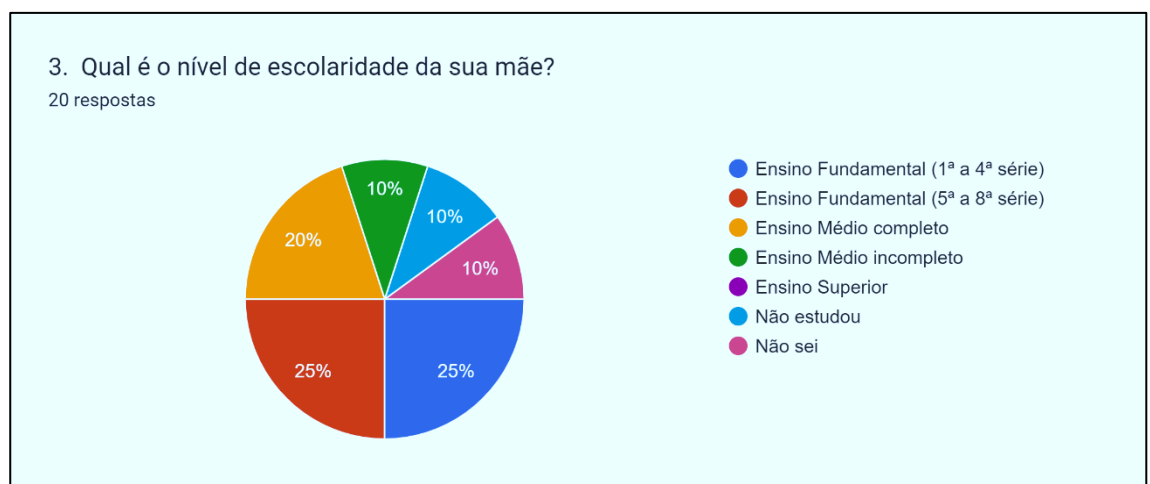
**Gráfico 17.** Qual é o nível de escolaridade do seu pai?



Fonte: Dados da autora (2023).

Quanto ao nível de escolaridade do pai, o gráfico demonstra que 25% dos estudantes, o equivalente a 5 pessoas, não souberam o grau de escolaridade de seus pais. Já 20% deles – 4 pais – têm Ensino Fundamental da 1ª a 4ª série, enquanto outros 20% apresentam Ensino Fundamental da 5ª a 8ª série. Há, também, 10% - 2 pais – que têm Ensino Médio completo.

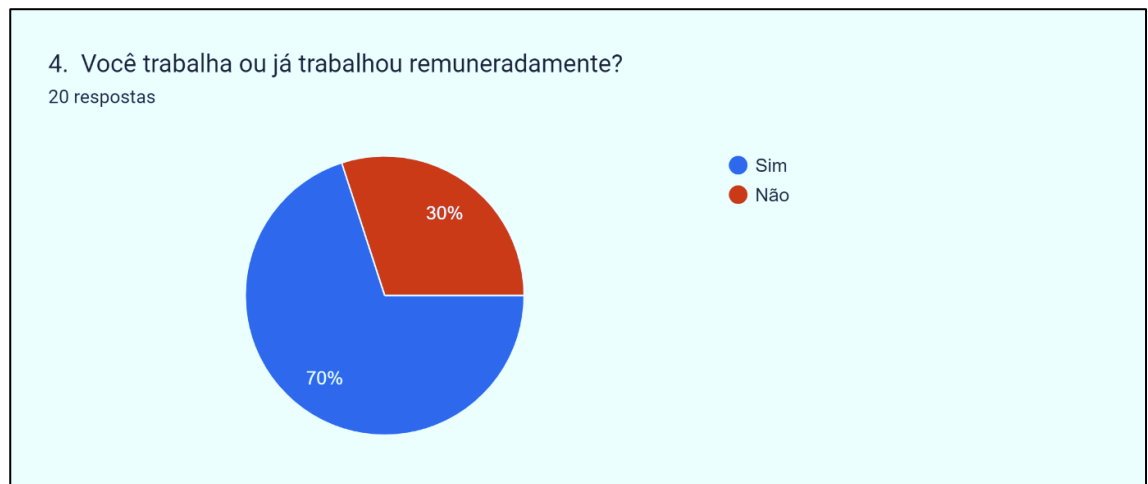
**Gráfico 18.** Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?



Fonte: Dados da autora (2023).

O gráfico demonstra que 5 mães, um total de 25%, apresentam Ensino Fundamental da 1ª a 4ª série. Outros 25% equivalem àquelas que têm Ensino Fundamental da 5ª a 8ª série. 20% delas, o equivalente a 4, têm Ensino Médio completo e 10% - 2 mães, apresentam Ensino Médio incompleto. 2 delas – 10% - não estudaram.

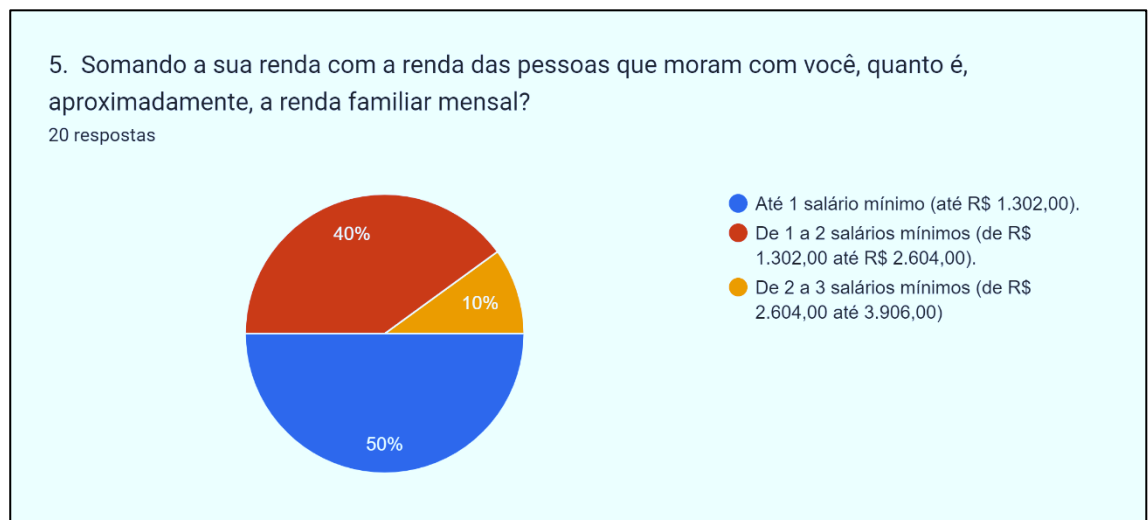
**Gráfico 19.** Você trabalha ou já trabalhou remuneradamente?



Fonte: Dados da autora (2023).

14 estudantes, o equivalente a 70%, informaram que trabalham ou trabalharam remuneradamente ao passo que 06 estudantes – 30% - afirmaram que não.

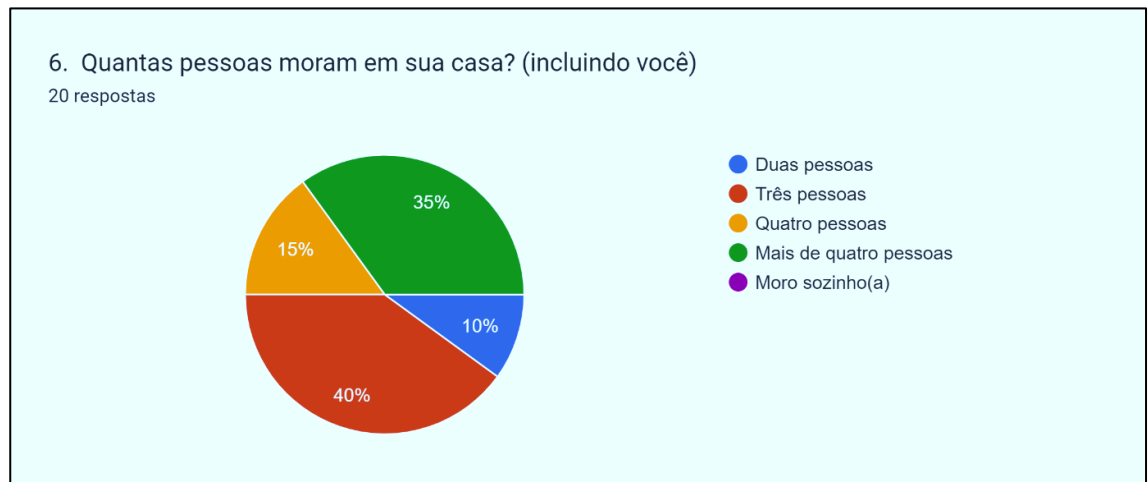
**Gráfico 20.** Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?



Fonte: Dados da autora (2023).

Conforme gráfico em análise, 10 alunos – 50% - informaram que a renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo. Já 08 deles – 40% - disseram que a renda é de 1 a 2 salários mínimos, enquanto 02 – 10% -informaram que a renda é de 2 a 3 salários mínimos.

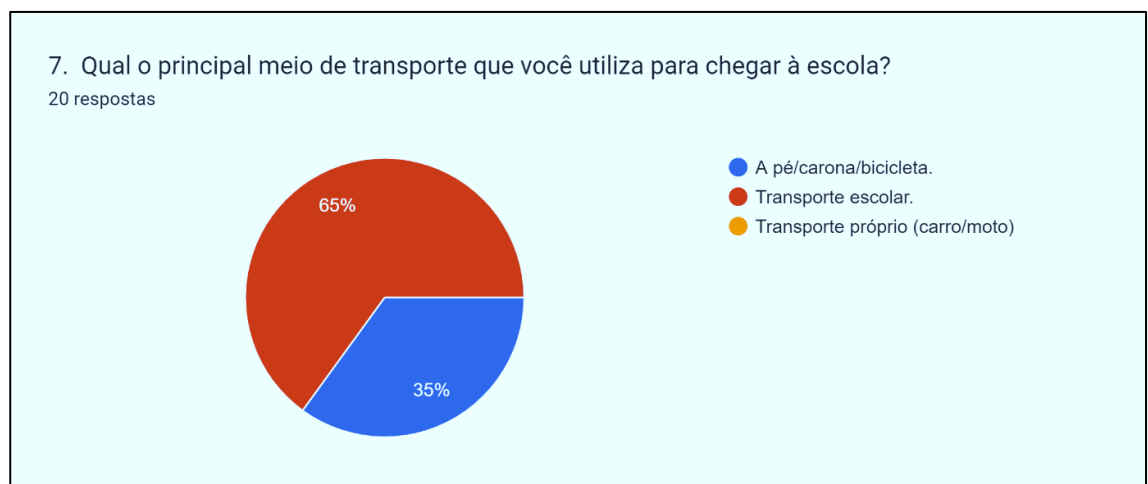
**Gráfico 21.** Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você)



Fonte: Dados da autora (2023).

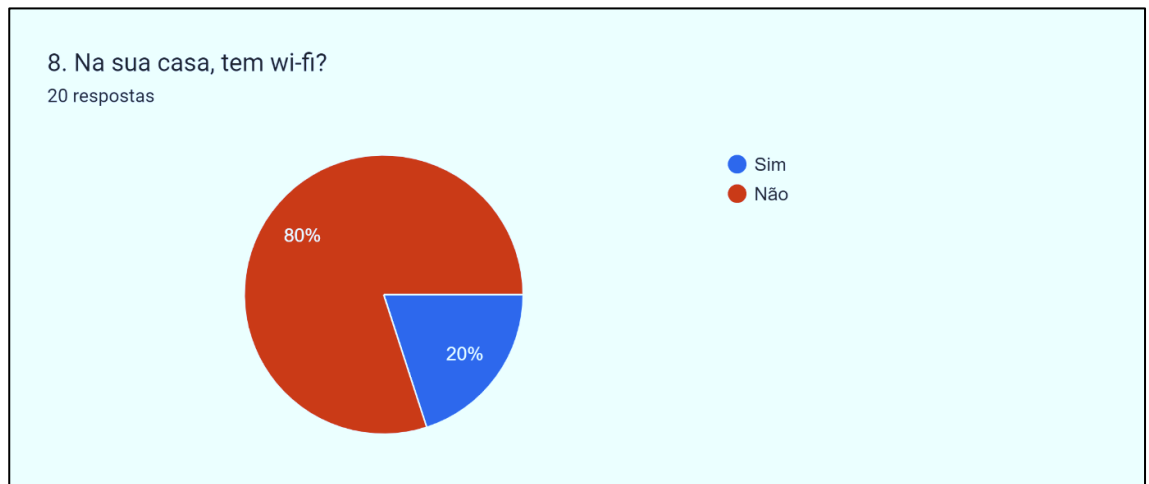
O gráfico aponta que na casa de 08 alunos – 40% - moram 3 pessoas. Na de 07 deles – 35% - moram mais de 4 pessoas, enquanto na casa de 03 alunos – 15% -, moram 04 pessoas e na de dois deles – 10% - 02 pessoas.

**Gráfico 22.** Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à escola?



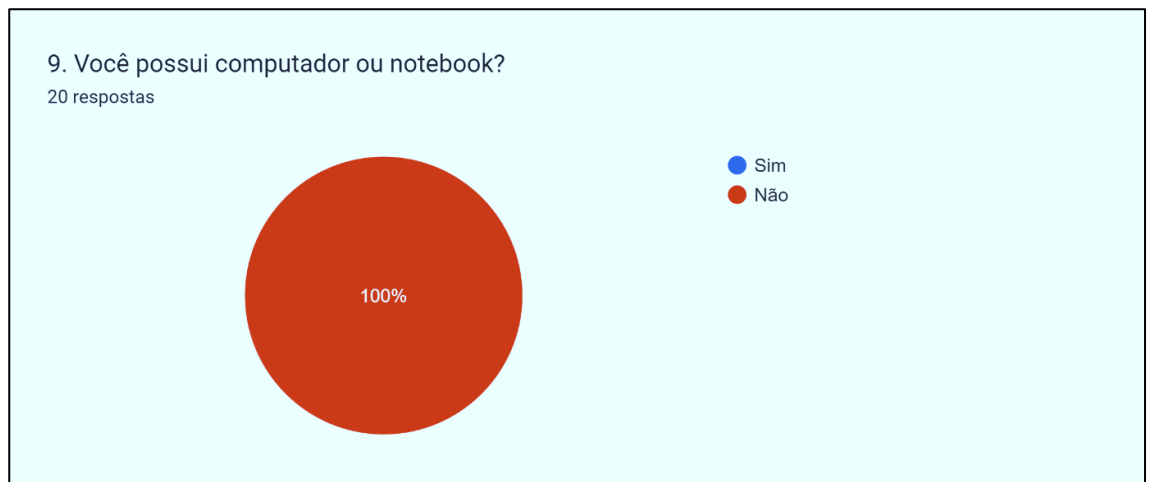
Fonte: Dados da autora (2023).

Percebemos, no gráfico acima, que 13 estudantes, o equivalente a 65%, vão à escola no transporte escolar, enquanto 07 deles vão a pé/ de carona/ de bicicleta.

**Gráfico 23.** Na sua casa tem wi-fi?

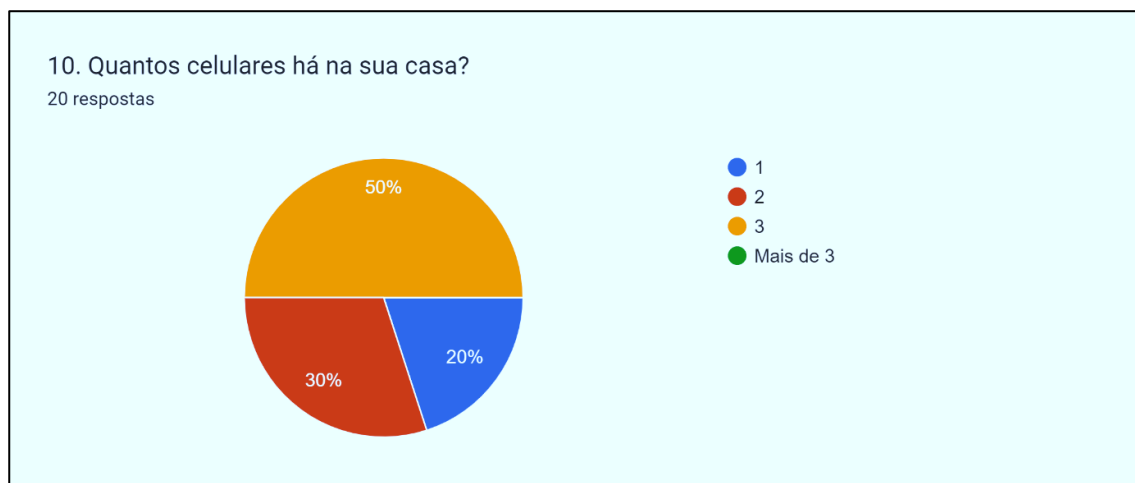
Fonte: Dados da autora (2023).

No gráfico, percebemos que 80% dos estudantes, o equivalente a 16 pessoas, possuem wi-fi em casa. Já 20% deles – 04 pessoas – não possuem.

**Gráfico 24.** Você possui computador ou notebook?

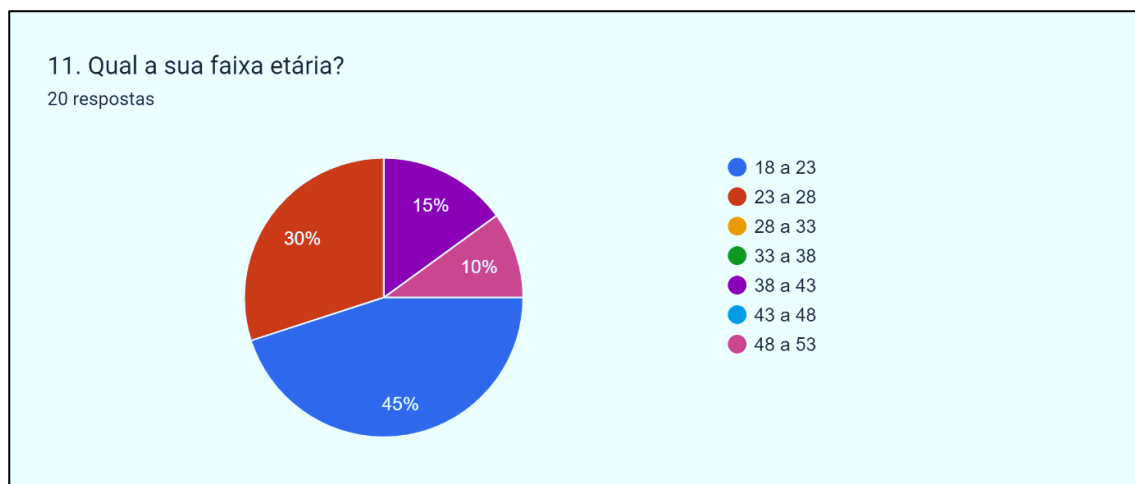
Fonte: Dados da autora (2023).

A pesquisa aponta que, dos 20 alunos, nenhum deles possui computador ou notebook.

**Gráfico 25.** Quantos celulares há na sua casa?

Fonte: Dados da autora (2023).

Sobre a quantidade de celulares em casa, 50% dos alunos, um total de 10 estudantes, afirmaram que há 3 celulares em casa. Já 30% deles – 06 – afirmaram ter em casa 2 celulares, enquanto 04 – 20% - têm apenas 1.

**Gráfico 26.** Qual a sua faixa etária?

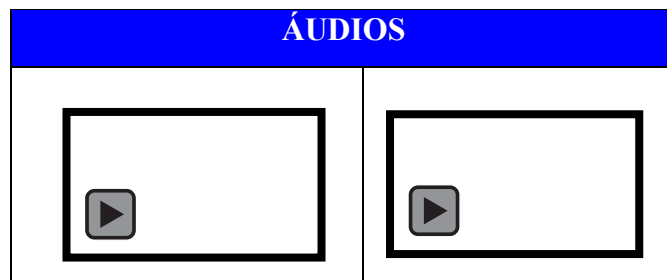
Fonte: Dados da autora (2023).

O gráfico aponta que 45% dos alunos, correspondente a 09 estudantes, têm entre 18 e 23 anos, enquanto 30% deles – 06 estudantes – têm entre 23 e 28 anos. Já 15% - 03 – apresentam 38 a 43 anos e 10% - 02 – alunos – têm 48 a 53 anos.

### 5.5.1 Teste inicial

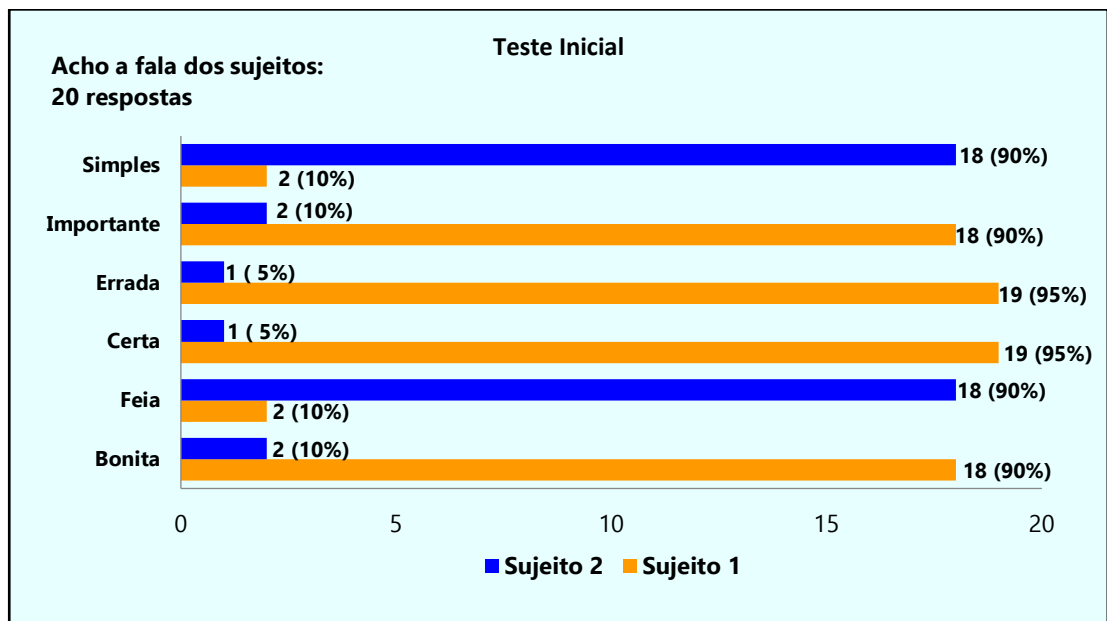
O teste inicial consiste na aplicação de uma atividade escrita em que os estudantes ouviram podcasts com conversas de 2 pessoas que participaram da festa do Centenário de Nossa Senhora das Graças co-padroeira da cidade de Areia Branca – Sergipe. A atividade é constituída de um quadro com adjetivos acerca da fala das participantes. Analisando-as, os alunos marcaram um X sobre os adjetivos que, para cada um deles, caracterizam a maneira como eles concebem a fala dos sujeitos (Anexo 3).

**Quadro 07: Áudios sujeito 1 e sujeito 2**



Dados da pesquisa 2023.

**Gráfico 27. Teste inicial**



Não é fácil encontrar pessoas que aceitem participar de uma pesquisa em que suas falas sejam gravadas a fim de serem avaliadas posteriormente. Dentre um total de 12 pessoas

abordadas respeitosamente, após a finalização de todo o centenário de Nossa Senhora das Graças – co-padroeira da cidade de Areia Branca - para que participassem da pesquisa, apenas duas delas aceitaram. Ambas são do sexo feminino (sujeito 1 tem 50 anos de idade e sujeito 2, 38 anos) e são familiares de dois alunos da turma da EJAEF 1ª Etapa. Suas falas foram gravadas pelo gravador de voz do aparelho celular da pesquisadora e o local dessa interação foi na casa do primo do sujeito 1 e na casa da tia do sujeito 2. O horário em que se deu a gravação foi à noite e o ambiente foi a sala da casa dos anfitriões. Os áudios foram gravados uma única vez e as participantes demonstraram estar à vontade para a gravação.

De acordo com o resultado do teste inicial, percebi que os alunos, com poucas exceções, acham a fala do Sujeito 2 – que é carioca – bonita, certa e importante. Destaco que 95% dos participantes (19 alunos) avaliaram-na como certa. Enquanto a fala do Sujeito 1 – que é nordestino, sergipano, areia-branquense e atualmente morador de Lagarto, que também é uma cidade do interior de Sergipe a 56,6 quilômetros de Areia Branca, é avaliada como feia, errada e simples. Esse panorama revela o preconceito fomentado durante anos pela família, pela sociedade e pela escola.

Assim sendo, o desafio desta pesquisa é despertar o olhar reflexivo dos alunos para a relevância da valorização do seu modo de falar e conscientização sobre a importância da variação linguística na formação identitária de cada indivíduo, desmistificando que haja um falar correto e outro errado.

**Quadro 08.** Instrumento para a coleta de dados.

| ATIVIDADES                   |                                           | DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES                                                                              | MATERIAIS UTILIZADOS | DURAÇÃO    |
|------------------------------|-------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|------------|
| <b>ATIVIDADE DIAGNÓSTICA</b> | Responder aos formulários no Google forms | Atividade individual; Os alunos devem responder a questões de cunho sociolinguístico e socioeconômico | Celular              | 50 minutos |

|                          |                                                                                                                |                                                                                            |                                                               |            |
|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|------------|
| <b>TESTE<br/>INICIAL</b> | Marcar as alternativas que demonstram a percepção linguística acerca do modo de falar dos sujeitos envolvidos. | Atividade individual;<br>Os alunos devem identificar o modo como veem a fala dos sujeitos. | Aparelho de som;<br>Folha de papel A4 e caneta esferográfica. | 50 minutos |
|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|------------|

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Link questionário Sociolinguístico - <https://forms.gle/EfJC76FzLq7k4dZN6>

Link questionário Socioeconômico - <https://forms.gle/gjWhd39hGMLgqkBN7>

A seguir, apresento na próxima seção o Produto Educacional, o Caderno Pedagógico Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos.

## 6 PRODUTO EDUCACIONAL

### APRESENTAÇÃO

O Caderno Pedagógico: Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos se enquadra na definição da CAPES sobre produto como materiais interativos, na medida em que foi desenvolvido a partir da identificação de um problema concreto em uma turma da EJAEF 1ª Etapa do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Areia Branca - SE, qual seja as atitudes linguísticas negativas dos alunos diante da própria fala.

O caderno visa disponibilizar contribuições para a prática profissional de professores da Educação Básica e está organizado em três módulos, com atividades que abordam os aspectos das atitudes linguísticas dos alunos diante do uso da língua oral. Com as atividades selecionadas, espero que os discentes reflitam sobre essa temática e passem a avaliar-se positivamente quanto ao uso da variedade que utilizam. Ele é um material interativo desenvolvido para auxiliar o processo de ensino - aprendizagem dos alunos. É composto por cinco atividades cujo objetivo é explorar de forma lúdica as atitudes linguísticas dos estudantes.

As atividades estão atreladas às habilidades da BNCC: EF69LP55- reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de preconceito linguístico. Ademais, o caderno fundamenta-se nas Competências Específicas 1, 2, 4 e 5 de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental que procuram fazer o aluno respectivamente: compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem; apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social; compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos e por fim, empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual. (BRASIL, 2020, p. 85).

Em consonância com a BNCC, o caderno valoriza as experiências de conhecimento de si mesmo e de construção das relações resultando na formação de um modo próprio de agir, sentir, pensar e descoberta de que há outros modos de vida e pessoas diferentes.

O material está organizado da seguinte forma:

No **módulo 1** intitulado: **SENSIBILIZAÇÃO – A LÍNGUA QUE USAMOS** constam 3 atividades - **Produzindo textos orais, Passa bola da reflexão e Eu e o outro** cujo objetivo é (re)conhecer a língua portuguesa enquanto fenômeno social, dinâmico e variável, promovendo o combate ao preconceito linguístico.

Já no **módulo 2 A RIQUEZA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA** é composto pelo jogo **Trilha da fala real** que tem como objetivo diminuir o preconceito linguístico, aumentar a autoestima linguística dos discentes, e valorizar a diversidade linguística.

E o **módulo 3 VIVA AS DIFERENÇAS** apresenta a atividade **Ser diferente é normal** com o objetivo de respeitar as diferenças decorridas do uso da linguagem.

Entendo essa variação como um fenômeno vivo e real da língua, que está sempre em constante mudança, logo deve ser explorado e reconhecido em sala de aula. Por isso, acredito que o caderno pode desenvolver uma aprendizagem expressiva para os estudantes, uma vez que será criado um ambiente descontraído de integração social, desenvolvendo habilidades como criatividade, pensamento lógico e resolução de situação - problema.

## **MÓDULO 1 - SENSIBILIZAÇÃO– A LÍNGUA QUE USAMOS**

Inicialmente propus uma **sensibilização** sobre a prática de linguagem oral associada à reflexão sobre a língua(gem) e seu uso. Nesta atividade, os discentes farão a construção de um texto oral e coletivo.

**OBJETIVO** (Re)conhecer a língua portuguesa enquanto fenômeno social, dinâmico e variável, promovendo o combate ao preconceito linguístico.

### **Atividade 1. Produzindo textos orais**

#### **ORIENTAÇÕES**

- ✓ Dispor a turma em semicírculo;
- ✓ O primeiro participante escolherá a placa que estará sobre a mesa disposta de forma que não veja antecipadamente a imagem (figuras a critério do professor);
- ✓ Ao escolher a placa, iniciará uma narrativa envolvendo a figura mostrada;
- ✓ Gravar a narrativa dos alunos e anotar as manifestações da língua em uso que, no caso, serão próprias da linguagem oral;
- ✓ Cada participante terá até 1 minuto para sua narrativa oral;

- ✓ Em seguida, o segundo participante escolherá outra placa que dará continuidade à narrativa do colega, inserindo o objeto da nova imagem;
- ✓ Repetir tal procedimento até que todos os alunos participem da construção da narrativa oral e coletiva.

Após a criação do texto oral, o professor irá expor, anotando no quadro, os exemplos da língua em uso que foram manifestados pelos alunos e anotados durante a dinâmica.

### **MATERIAIS E TEMPO NECESSÁRIOS**

- ✓ Plaquinhas elaboradas com figuras diversas que podem ser recortadas de revistas, jornais ou impressas
- ✓ Gravador de voz (pode ser do celular)
- ✓ Quadro branco, pincel para quadro branco
- ✓ A duração é de 100 min. 2 horas/aula

### **Atividade 2. Passa bola da reflexão**

#### **ORIENTAÇÕES**

- ✓ Em círculo, através de 4 rodadas, os alunos receberão uma bola de assopro por vez, contendo no seu interior uma imagem a fim de discutirem algumas perguntas sobre a pessoa em destaque e sua profissão;
- ✓ Ao som de música, os alunos passarão a bola de assopro;
- ✓ Quando o professor der pause na música, o aluno que estiver com o balão o estourará e encontrará dentro dele a imagem (mostrará para todos os participantes) da qual deverá responder aos itens propostos na ficha, gerando assim discussão sobre suas percepções com todo o grupo.

### **MATERIAIS E TEMPO NECESSÁRIOS**

- ✓ Aparelho de som
- ✓ Pendrive
- ✓ Bola de assopro
- ✓ Imagens
- ✓ Caneta esferográfica
- ✓ Ficha pré-elaborada

✓ A duração é de 100 min, 2 horas/aulas.

Após o aluno observar cada imagem, responder aos itens propostos na ficha Passa Bola da Reflexão.

As imagens que seguem foram selecionadas porque são profissões exercidas por alguns dos estudantes da turma e, por isso, achei relevante eles discutirem sobre questões relacionadas à sua vivência.

## MÓDULO 1 - A LÍNGUA QUE USAMOS

### Atividade 2. Passa bola da reflexão

#### Ficha Passa Bola da Reflexão

**IMAGEM 1**



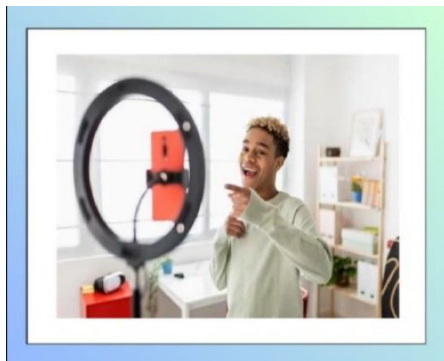
**Motorista de aplicativo**

**IMAGEM 2**



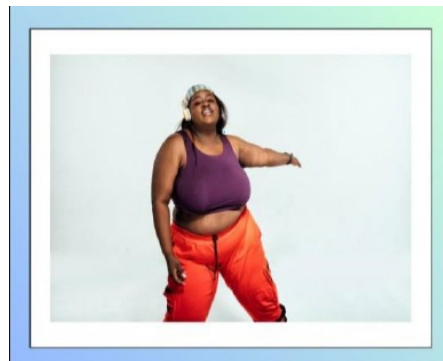
**Cortador de cana-de-açúcar**

**IMAGEM 3**



**Blogueiro**

**IMAGEM 4**



**Diarista**

**1) Qual imagem a pessoa parece ser:**

| IMAGEM 1                                  | IMAGEM 2                                  | IMAGEM 3                                  | IMAGEM 4                                  |
|-------------------------------------------|-------------------------------------------|-------------------------------------------|-------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Escolarizada     | <input type="checkbox"/> Escolarizada     | <input type="checkbox"/> Escolarizada     | <input type="checkbox"/> Escolarizada     |
| <input type="checkbox"/> Não escolarizada | <input type="checkbox"/> Não escolarizada | <input type="checkbox"/> Não escolarizada | <input type="checkbox"/> Não escolarizada |

**2) De acordo com as imagens apresentadas, qual pessoa você acha que fala:**

| IMAGEM 1                        | IMAGEM 2                        | IMAGEM 3                        | IMAGEM 4                        |
|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> bonito | <input type="checkbox"/> bonito | <input type="checkbox"/> bonito | <input type="checkbox"/> bonito |
| <input type="checkbox"/> feio   | <input type="checkbox"/> feio   | <input type="checkbox"/> feio   | <input type="checkbox"/> feio   |

**3) Observando as imagens coloque os números correspondentes à origem que a pessoa parece ser:**

| IMAGEM 1                                | IMAGEM 2                                | IMAGEM 3                                | IMAGEM 4                                |
|-----------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> da zona rural  | <input type="checkbox"/> da zona rural  | <input type="checkbox"/> da zona rural  | <input type="checkbox"/> da zona rural  |
| <input type="checkbox"/> da zona urbana | <input type="checkbox"/> da zona urbana | <input type="checkbox"/> da zona urbana | <input type="checkbox"/> da zona urbana |

## **MÓDULO 1: A LÍNGUA QUE USAMOS**

### **Atividade 3. Eu e o outro**

#### **O SUSSURROFONE COMO ESTRATÉGIA DE PERCEPÇÃO DA FALA**

O sussurrofone será utilizado como estratégia do (a) aluno (a) se ouvir e ouvir o outro para emitir reações sobre o que perceberam no seu próprio repertório linguístico como também, dos demais participantes da atividade. Responderão a um formulário no Google Forms para que não haja receio de demonstrarem sua percepção acerca do comportamento linguístico dos envolvidos.

#### **ORIENTAÇÕES**

- ✓ Os alunos participarão 1 por vez falando um pouquinho sobre si (nome, idade, hobby, um desejo) ao passo que se ouve terá uma melhor percepção da sua fala como também da fala do outro ao ouvi-lo no seu momento devido. A princípio a ordem dos alunos

falarem no sussurrofone será espontânea. Caso isso seja dificultado pela turma, o professor fará sorteio da ordem dos participantes.

- ✓ Após todos falarem, ouvirem e se ouvirem responderão a um questionário no Google Forms demonstrando sua percepção acerca das manifestações linguísticas ocorridas na atividade final.

## **MATERIAIS E TEMPO NECESSÁRIOS**

- ✓ Sussurrofone (1 cano de pvc de 10 cm de 40mm e 2 joelhos para encaixar no cano) não é necessário colar.
- ✓ Caderno
- ✓ Caneta esferográfica
- ✓ A duração é de 100 min. 2 horas/aulas

## **MATERIAS ALTERNATIVOS PARA A PRODUÇÃO DO SUSSURROFONE E SEU PASSO A PASSO**

- ✓ 40 cm de mangueira ou de conduíte
- ✓ 2 ombros de garrafa pet de 2 litros (localiza-se na parte superior da garrafa)
- ✓ Cola quente
- ✓ Fita adesiva
- ✓ Após cortar os ombros das garrafas pets, cole-os nas extremidades da mangueira ou do conduíte com a cola quente ou com a fita adesiva. Seu sussurrofone está pronto!

## **MÓDULO 1: A LÍNGUA QUE USAMOS**

### **QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO**

|                                                             |                                     |
|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------|
| 1- Qual o seu sexo?                                         | (   ) Feminino      (   ) Masculino |
| 2- Você acredita que sabe falar o português?                | (   ) Sim      Não (   )            |
| 3- Você considera certo o modo de falar dos participantes?  | (   ) Sim      Não (   )            |
| 4- Você acha que estudar melhora a maneira de se comunicar? | (   ) Sim      Não (   )            |

**Link do questionário:** <https://forms.gle/TgyWVhrcrfMt6jxe8>

## **MÓDULO 2 - A RIQUEZA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

O módulo 2 baseia-se no jogo **Trilha da Fala Real**. Nele os participantes percorrerão uma trilha que os conduzirá até o início de uma serra, mas para chegar até ela, precisam se desafiarem numa aventura do conhecimento e responder a perguntas relativas à língua.

### **OBJETIVO**

Contribuir de forma significativa para diminuir o preconceito linguístico, aumentar a autoestima linguística dos discentes, e valorizar a diversidade linguística.

### **Atividade. Trilha da fala real**

### **ORIENTAÇÕES**

Na Trilha da Fala Real, as perguntas do jogo envolvem os assuntos Preconceito Linguístico, Atitudes e Variação Linguística. As cartas de aliança linguística contêm indagações que serão respondidas com ajuda de dois participantes da turma escolhidos pelos jogadores, ou seja, cada jogador tem o direito de escolher 2 colegas – logo no início do jogo - para que possam ajudá-lo a responder apenas às questões das cartas de aliança linguística.

Ao acertar as respostas das cartas-perguntas, o jogador ganha moedas de bonificação de 5 pontos. Já ao responder, juntamente com seus 2 escolhidos, à pergunta da carta da aliança linguística, a moeda de bonificação é de 3 pontos. Vence o participante que chegar ao final da trilha com maior número de pontuação.

- ✓ 4 jogadores (as). Para cada jogador (a) haverá 2 colegas da turma escolhido pelos (as) jogadores (as) a fim de ajudá-los (as) com as cartas da “Aliança Linguística”.
- ✓ Exponha o tabuleiro da trilha numa superfície plana.
- ✓ Coloque as cartas de perguntas empilhadas viradas para baixo e ao lado delas as cartas da aliança linguística também viradas para baixo.
- ✓ Para iniciar o jogo, os 4 participantes, um por vez, jogará o dado.
- ✓ Começa o jogo o (a) participante que conseguir o maior número no dado e assim continua na ordem decrescente a vez de cada participante jogar.
- ✓ Joga-se o dado e movimentam-se os marcadores de acordo com o número de pontos apresentados.
- ✓ Se o marcador cair numa das casas com o desenho da interrogação, o (a) jogador (a) adversário que será o próximo a jogar (a) pega uma carta no monte, lê em voz alta o que

está escrito nela e o jogador da vez responde ao que se pede. Ao acertar a resposta recebe uma moeda de bonificação contendo 5 pontos. E joga o dado novamente.

- ✓ Se o (a) jogador (a) errar, ou não souber a resposta, deve permanecer no mesmo lugar e passar a vez para o (a) próximo (a) participante.
- ✓ Se cair nos outros desenhos, deve olhar na legenda da trilha e fazer o que se pede de acordo com a sua indicação.
- ✓ Se o marcador cair numa das casas com o desenho da aliança linguística, o (a) jogador (a) da vez deve pegar uma carta da aliança, ler em voz alta o que está escrito nela e discutir por até 2 minutos com a dupla selecionada para ajudá-lo a responder ao que se pede. Ao acertar a resposta recebe uma moeda de bonificação contendo 5 pontos. E joga o dado novamente.
- ✓ Vence o jogo quem chegar primeiro ao final da trilha com o maior número de pontuação.
- ✓ Todas as etapas do jogo são monitoradas e mediadas pelo professor.
- ✓ O professor que não possuir aula dupla (100 min.) deverá anotar ao término do horário, se possível também fotografar como se encontra a trilha, como o jogo parou para que dê prosseguimento na aula seguinte. Solicitar também aos alunos que anotem para que possam se organizar para a continuidade da partida.

## **MATERIAIS E TEMPO NECESSÁRIOS**

- ✓ 1 dado de papel
- ✓ 4 Marcadores (botões, tampinhas) de cores diferentes
- ✓ Cartela com a trilha
- ✓ 38 cartas-perguntas com suas respectivas respostas
- ✓ 18 cartas de aliança linguística
- ✓ 60 Moedas de bonificação
- ✓ A duração é de 100 min. 2 horas/aulas.

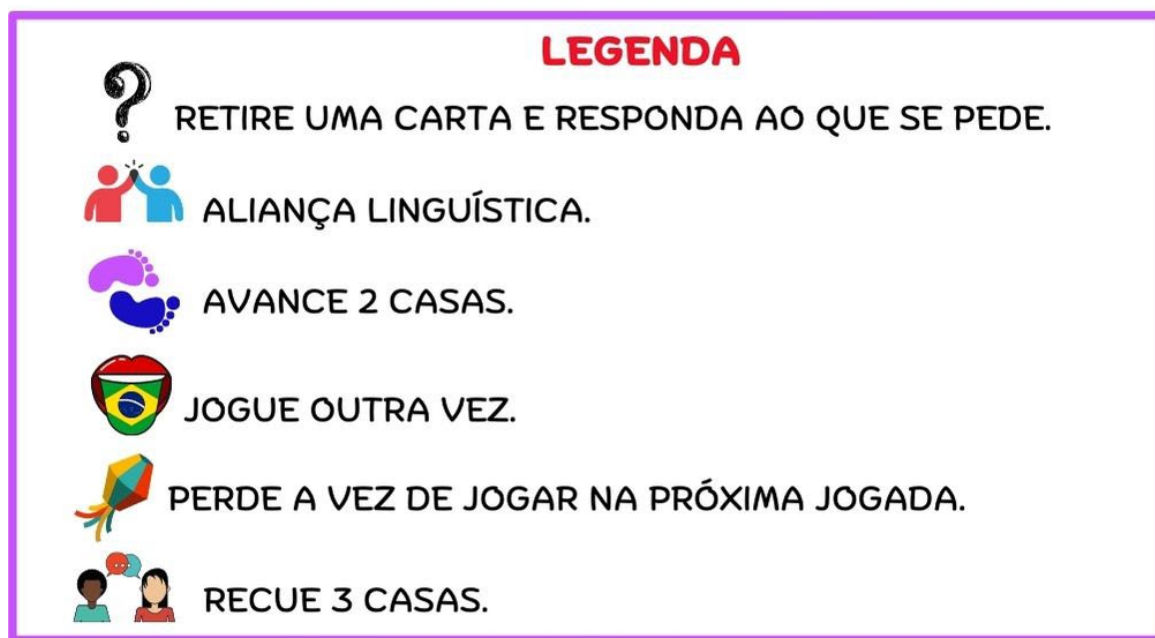


Figura 1: Legenda do tabuleiro jogo Trilha da Fala Real.



Figura 2: Imagem do tabuleiro jogo Trilha da Fala Real.

## Descrição

As peças do jogo são um tabuleiro feito com papel coucher alto brilho medindo 35,5cm x 56,5 cm. As cartas de perguntas (38 cartas) e de aliança linguística (18 cartas) também de papel coucher medem 8,5 cm x 6 cm. O dado feito com papel cartão mede 3,5 cm x 3,5 cm. As 60 moedas de bonificação feitas em papel cartão medem 4,4 cm x 4,4 cm.

## Passo a passo para a confecção do dado

### PASSO A PASSO

1. Recorte o modelo do cubo com uma tesoura.
2. Dobre todas as linhas pontilhadas.
3. Passe cola numa das abas e cole-a no seu lugar correspondente.
4. O seu dado de papel está pronto!

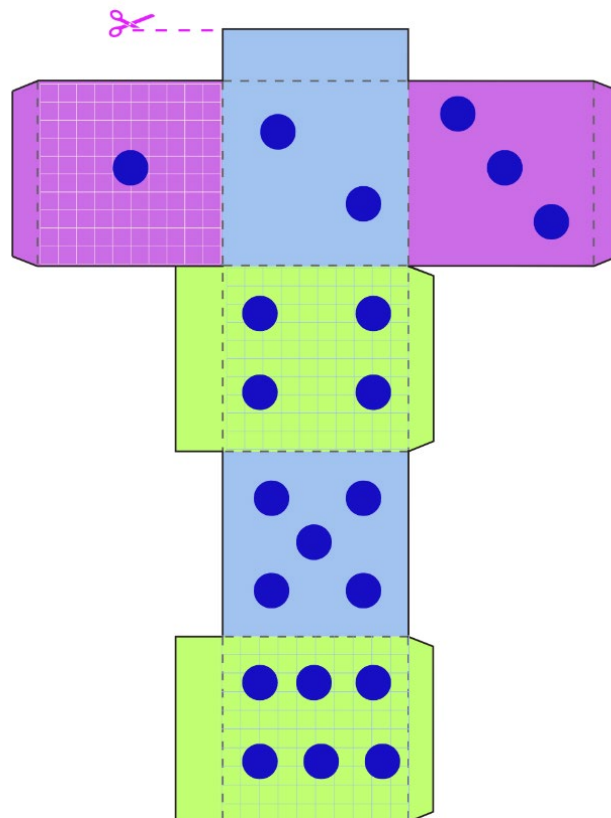


Figura 3: Dado do Jogo Trilha da Fala Real.

## Cartas-perguntas do Jogo Trilha da Fala Real



Figura 4: Verso da carta-pergunta jogo Trilha da Fala Real.

**"É possível estabelecer um uso **correto** ou **incorreto** da língua?"**

**A- Sim, pois só uma maneira é a correta.**

**B- Não, pois todas as formas linguísticas são adequadas para qualquer situação comunicativa.**

**C- Sim, pois o português de Portugal é superior linguisticamente ao português do Brasil.**

RESPOSTA: A- Verdadeiro. B- Não, pois todas as formas linguísticas são adequadas para qualquer situação comunicativa.

**A língua pode variar de acordo com o **gênero do falante**?**

**A- Verdadeiro**

**B- Falso**

**C- Talvez**

RESPOSTA: A- Verdadeiro

É **possível** perceber a manifestação de diversas variações linguísticas no meio social?

A- Só quando alguém sem estudo fala.

B- Sim

C- Não

RESPOSTA : B- Sim



Na **região Norte**, a palavra tubão, significa:

A- O diminutivo de tubarão

B- Doce

C- Soco na cara

RESPOSTA : C- Soco na cara



Quando julgamos como **errada** determinada variedade, estamos sendo:

A- Estudiosos

B- Defensores das escolas

C- Preconceituosos

RESPOSTA : C- Preconceituosos



A **Variação Linguística...**

A- é um fenômeno pertencente apenas às camadas mais pobres.

B- é um fenômeno natural característico do aspecto dinâmico das línguas.

C- é um fenômeno característico da região Nordeste.

RESPOSTA : B- é um fenômeno natural característico do aspecto dinâmico das línguas.



Devemos nos posicionar contra o **Preconceito Linguístico** porque...

A- queremos aprender o que está na gramática normativa.

B- todos merecem respeito independente do seu modo de falar.

C- não há preconceito com a fala.

RESPOSTA: B- todos merecem respeito independente do seu modo de falar.

Em algumas regiões, **abóbora** pode ser chamada de:

A- moranga

B- morango

C- laranjinha

RESPOSTA: A- moranga

**Preconceito linguístico é?**

A- Preconceito com outras línguas como o Inglês e o Francês.

B- Reprovação, de repulsa ou mesmo desrespeito às variedades linguísticas de menor prestígio social.

C- Preconceito com a linguagem científica.

RESPOSTA: B- Reprovação, de repulsa ou mesmo desrespeito às variedades linguísticas de menor prestígio social.

**A variação linguística é...**

A- algo errado.

B- uma única maneira de falar.

C- a riqueza da nossa língua.

RESPOSTA: C- a riqueza da nossa língua.

Na **região Sudeste**, quando se fala: "Fui à padoca", a palavra destacada significa:

- A- Bar
- B- Padaria
- C- Supermercado

RESPOSTA : B- Padaria

Na **região Centro-Oeste**, quando se fala: "Encontrei um borracho no caminho", a palavra destacada significa:

- A- Borracheiro
- B- Bêbado
- C- Encanador

RESPOSTA : B- Bêbado

Pessoas que moram na zona urbana **falam melhor** do que as que moram na zona rural.

- A- Verdadeiro
- B- Falso
- C- Talvez

RESPOSTA : B- Falso

Ampliar a **competência linguística** do falante é:

- A- saber o que falar e como falar com qualquer interlocutor e em qualquer circunstância.
- B- utilizar palavras que estão no dicionário.
- C- evitar falar o que aprendeu em casa com seus pais e familiares.

RESPOSTA : A- saber o que falar e como falar com qualquer interlocutor e em qualquer circunstância

Só **sabe** falar:

A- Quem estuda ou estudou.

B- Os professores.

C- Todos sem distinção de grau de escolaridade.

RESPOSTA : C- Todos sem distinção de grau de escolaridade.

A palavra **carece** é utilizada principalmente pelos mais idosos. Ela significa:

Não carece ficar triste.

A- Impreciso

B- Precisa

C- Problema

RESPOSTA : B- Precisa

Em algumas regiões, **mandioca** pode ser chamada de:

A- aipim

B- jerimum

C- bergamota

RESPOSTA : A- aipim

O aluno, após aprender novas expressões/conteúdos na escola durante as aulas de Português, **deve em casa**:

A- Corrigir seus pais e familiares.

B- Dizer que não sabem falar.

C- Respeitar as diferenças linguísticas.

RESPOSTA : C- Respeitar as diferenças linguísticas.

Uma das causas do **Preconceito linguístico** seria:

**A-** Um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como "erro" e, consequentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo.

**B-** Utilizar os ensinamentos da gramática para se comunicar.

**C-** O falante adequar sua fala à situação comunicativa.

RESPOSTA: A - Um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como "erro" e, consequentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo.

É consequência do **Preconceito linguístico**:

**A-** Exclusão

**B-** Aceitação

**C-** Ascensão

RESPOSTA: A - Exclusão

A língua **evoluiu** ao longo dos tempos?

**A-** Sim

**B-** Não

**C-** Talvez

RESPOSTA: A - Sim

O **sinônimo** da palavra sotaque é:

**A-** escrita.

**B-** escrita e pronúncia juntos.

**C-** pronúncia.

RESPOSTA: C - pronúncia.

**Sotaque é:**

**A-** a pronúncia que deve ser igual para todos.

**B-** a pronúncia característica de uma região, de um indivíduo.

**C-** comentário zombeteiro.

RESPOSTA: B - a pronúncia característica de uma região, de um indivíduo.

**A frase que contém uma gíria é:**

**A-** Vamos trocar uma ideia.

**B-** Lucas gosta de ler, mas precisou trocar o livro que comprou.

**C-** Tiago quer trocar com o irmão o brinquedo que ganhou da vovó.

RESPOSTA: A - Vamos trocar uma ideia.

**É incorreto afirmar que as gírias:**

**A-** são um organismo vivo.

**B-** revelam diálogos das gerações atuais.

**C-** são um espelho de um vocabulário pobre.

RESPOSTA: C - são um espelho de um vocabulário pobre.

**A frase que contém uma gíria é:**

**A-** Manu estava a mais bonita da festa.

**B-** Manu lacrou com aquela roupa.

**C-** Manu apareceu na festa com trajes finos.

RESPOSTA: B - Manu lacrou com aquela roupa.

Devemos nos posicionar contra o **Preconceito Linguístico** porque...

A- queremos aprender o que está na gramática normativa.

B- todos merecem respeito independente do seu modo de falar.

C- não há preconceito com a fala.

RESPOSTA: B- todos merecem respeito independente do seu modo de falar.

Os principais alvos do **Preconceito Linguístico** são:

A- Os gramáticos.

B- Os estudantes universitários.

C- São grupos que se afastam dos modos de falar determinados pela norma culta e da linguagem das classes urbanas.

RESPOSTA: C- São grupos que se afastam dos modos de falar determinados pela norma culta e da linguagem das classes urbanas.

A **Língua Portuguesa**:

A- é aprendida apenas quando ingressamos na escola.

B- é falada corretamente apenas por pessoas ricas.

C- representa a riqueza da diversidade.

RESPOSTA: C- representa a riqueza da diversidade.

A **escrita** é superior à oralidade.

A- Verdadeiro

B- Falso

C- Talvez

RESPOSTA: B- Falso

O **sotaque** pode indicar:

A- de onde somos.

B- uma religião.

C- uma profissão.

RESPOSTA: A- de onde somos.

É **correto** afirmar que as gírias:

A- fazem parte da nossa língua.

B- são utilizadas por todas as pessoas, sem exceção.

C- são restritas apenas a um determinado grupo e não ultrapassam as barreiras desse grupo jamais.

RESPOSTA: A- fazem parte da nossa língua.

Na **região Nordeste**, quando se fala: "Seu quarto está um balaio de gato", a expressão destacada significa:

A- Organizado

B- Desorganizado

C- Fofinho

RESPOSTA: B- Desorganizado

Na **região Sul**, quando se fala: "Vou deitar o cabelo", a expressão destacada significa:

A- Cortar

B- Fugir

C- Lavar

RESPOSTA: B - Fugir

É **correto** afirmar que o brasileiro não sabe português? Explique.

A- Sim

B- Não

RESPOSTA: B- Não



As frases: **Nós vamos. Nós vai.**

A- Possuem o mesmo significado.

B- Apresentam significados diferentes.

C- A 1ª frase é perfeitamente inteligível enquanto a 2ª é confusa.

RESPOSTA: A- Possuem o mesmo significado.



As **gírias** são:

A- fenômenos linguísticos utilizados num contexto informal.

B- fenômenos linguísticos utilizados num contexto formal.

C- expressões que jamais devem ser usadas.

RESPOSTA: A- fenômenos linguísticos utilizados num contexto informal.



Na **oralidade** não existe variação. Ela tem uma estrutura fixa.

A- Verdadeiro

B- Falso

C- Talvez

RESPOSTA: B- Falso



Figura 5: Frente da carta-pergunta jogo Trilha da Fala Real.

### Moedas de Bonificação da Carta-Pergunta do Jogo Trilha da Fala Real



Figura 6: Verso da moeda de bonificação da carta-pergunta jogo Trilha da Fala Real.



Figura 7: Frente da moeda de bonificação da carta-pergunta jogo Trilha da Fala Real.

### Cartas da Aliança Linguística do Jogo Trilha da Fala Real



Figura 8: Verso da carta Aliança Linguística.

**Dê o significado da gíria que segue:**

**Léo é *cabeça dura*.**

**Dê o significado da gíria que segue:**

**Álvaro é *gente fina*.**

**Dona Clara, senhora de 67 anos, não teve oportunidade de frequentar a escola. Em uma de suas conversas, afirmou não saber falar o Português. Se você pudesse convencê-la do contrário, o que diria a ela? Por quê?**

**Dê o significado da gíria que segue:**

**Júlio tirou nota baixa em Ciências, mas quer *tapar o sol com a peneira*.**

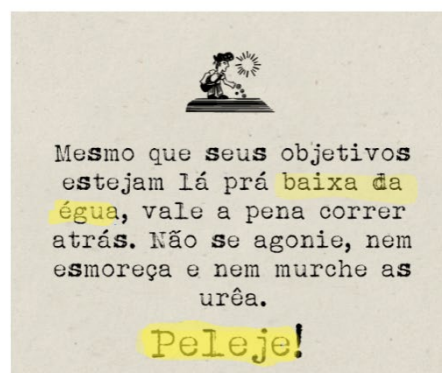
**Produza um diálogo entre você e o coordenador da sua escola solicitando a revisão da sua nota na avaliação de Matemática. Atente-se à variedade linguística utilizada.**

**Juca, um adolescente estudante do Ensino Médio, tem o hábito de corrigir o que considera errado na variedade linguística das pessoas. O que você acha dessa atitude dele? Por quê?**

**Este é Lúcio. Ele acredita que as pessoas que falam diferente dele estão erradas. O que você diria a ele sobre esse assunto?**



**Atentamente leia o texto e explique, nesse contexto, o significado dos termos destacados.**



Em voa alta, leia a estrofe:

Se alguém é **DESLIGADO**  
 É chamado de **bocô**  
**Broco, lerdo e abestado**  
**Azuado ou brocoiô**  
**Arigô e Zé Mané**  
**Sonso, atruado, bilé**  
**Pomba lesa e zuruó**

Você concorda que a Língua Portuguesa possui um rico vocabulário como expresso no fragmento do poema de Josenir de Lacerda? Por quê?

As **gírias** são geralmente termos temporários e que podem ser excluídos da linguagem popular com o tempo, sendo substituída por outras palavras.

Por exemplo, a palavra **"broto"** que antes era utilizada frequentemente para designar um homem bonito, atualmente foi substituída por qual (is) palavra (as)?

Relate o que você acha da **diversidade linguística** do nosso país.

Dê o significado da gíria que segue:

João **pagou um mico** no intervalo hoje.

As **gírias** são fenômenos linguísticos utilizados num contexto informal, sendo muita utilizada entre os jovens. Quais gírias você costuma ouvir?

Produza um diálogo entre você e seu melhor amigo convidando-o para o seu aniversário.

Leia a frase e dê o significado da expressão destacada. Em seguida, reescreva-a de maneira mais monitorada.

Todos vibram ao assistirem Tiago jogando bola. Tudo isso porque ele joga **virado num mói de cuento**.

As **gírias** são geralmente termos temporários e que podem ser excluídos da linguagem popular com o tempo, sendo substituída por outras palavras.

Por exemplo, a palavra **"broto"** que antes era utilizada frequentemente para designar um homem bonito, atualmente foi substituída por qual (is) palavra (as)?

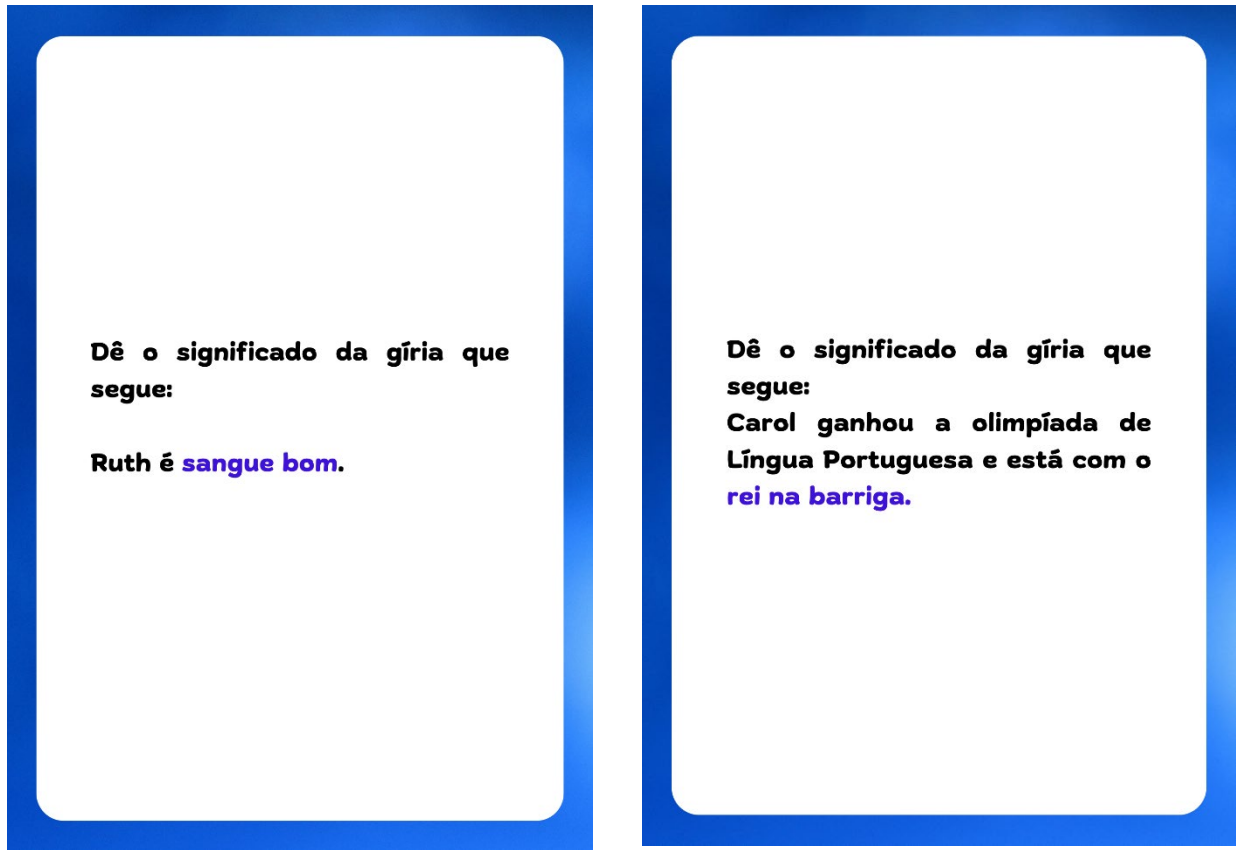


Figura 9: Frente da carta Aliança Linguística.

### Moedas de Bonificação da Carta da Aliança Linguística do Jogo Trilha da Fala Real

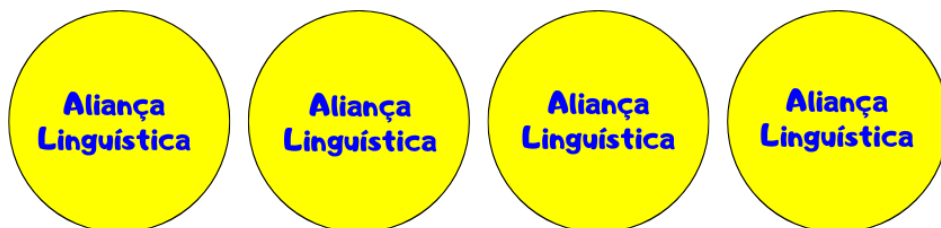


Figura 10: Verso da moeda de bonificação da carta Aliança Linguística jogo Trilha da Fala Real.

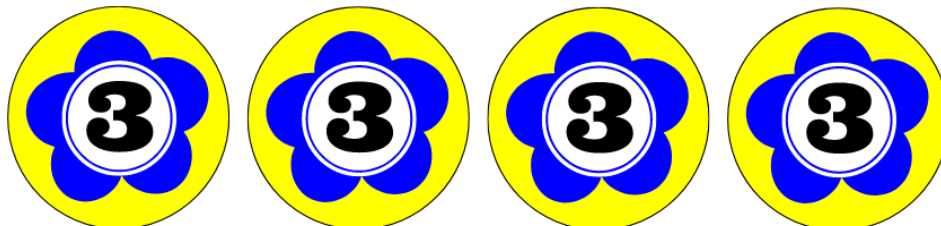


Figura 11: Frente da moeda de bonificação da carta Aliança Linguística jogo Trilha da Fala Real.

## **MÓDULO 3 - VIVA AS DIFERENÇAS**

### **Atividade. Ser diferente é normal**

Esta atividade consiste em ouvir 4 gravações da atividade 1 **Produzindo textos orais** do Módulo 1 **Sensibilização – A língua que usamos** para que os participantes analisem as falas de alguns colegas a fim de combater a avaliação negativa que fazem da própria fala.

### **OBJETIVO**

Respeitar as diferenças decorridas do uso da linguagem.

### **ORIENTAÇÕES**

- ✓ O professor apresentará as gravações (serão selecionadas aquelas que o som estiver claro) aos alunos que emitirão reações a partir do que perceberem.
- ✓ Após ouvir as gravações (o aluno poderá ouvir quantas vezes achar necessário), escolherá as opções que acredita se referirem à pessoa que está falando, baseando-se no que ouviu.
- ✓ **MATERIAIS E TEMPO NECESSÁRIOS**
- ✓ Aparelho de som
- ✓ Pendrive
- ✓ Ficha pré-elaborada
- ✓ Caneta esferográfica
- ✓ A duração é de 50 min. 1 hora/aula

Para cada pessoa representada pelos áudios, o participante da atividade receberá uma ficha igual a esta.

### **Ficha da Atividade Ser diferente é normal**

1- A pessoa parece ser:

(    ) Educada

(    ) Não educada

2- De acordo com o que você observou, a pessoa parece ser:

(    ) comunicativa

(    ) tímida

3- De onde você acha que a pessoa é:

(    ) da zona rural

(    ) da zona urbana

4- Como você acha que ela fala:

(    ) bonito

(    ) feio

5- Como você acha que ela fala:

(    ) certo

(    ) errado

## 7. APLICAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA E ANÁLISE DE DADOS

Com o desejo de contribuir positivamente para a promoção de uma educação pública de qualidade, esta pesquisa – Atitudes Linguísticas dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental - através de sua discussão teórica e questões que surgiram a partir do olhar sensível para a experiência docente motivou o desenvolvimento da proposta de intervenção que se baseou na produção do Caderno Pedagógico: Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos. Logo, a presente seção destina-se à apresentação e análise dos dados provenientes da aplicação da proposta pedagógica em discussão cujo foco é a elaboração de um Caderno Pedagógico intitulado Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos. Entretanto, a proposta não constitui alternativa isolada, e sim uma sugestão de prática pedagógica que pode ser aplicada e adaptada por professores de Língua Portuguesa.

Nessa perspectiva, os dados para a análise de atitudes linguísticas dos alunos da EJA EF 1ª Etapa vieram de atividades como questionários sociolinguísticos, socioeconômicos e teste inicial que ajudaram a conhecer fatores que podem interferir na atitude linguística de cada estudante. O Caderno Pedagógico se utiliza de uma estrutura que permite aos alunos o fortalecimento da sua identidade linguística através de atividades que proporcionam reflexões sobre o universo linguístico, possibilitando-lhes a valorização, o respeito à diversidade linguística.

Iniciei a fase de ação a partir **MÓDULO 1 - SENSIBILIZAÇÃO – A LÍNGUA QUE USAMOS - Atividade 1. Produzindo textos orais**



Figura 04: Aatividade 1 - módulo 1 - na sala de aula. Dados da pesquisa 2023.

Nesse contexto, na sala de aula, promovi a contação de uma história, através das imagens contidas na página 90 juntamente com a escuta dos demais, com o intuito de corroborar com a proposta de intervenção desta pesquisa. O total de figuras foi igual ao total de alunos (20 pessoas) e dentre elas tínhamos: sol, cédulas, diploma de conclusão do ensino fundamental, ônibus escolar, mochila, batata doce, pastel, moto, cana de açúcar, motocicleta, bicicleta, abóbora, professora, escola, casa, sala de aula, cadeira, apagador, lixeira, café. Escolhi essas imagens porque se fazem presentes no dia a dia dos estudantes. Atentamente e dentro das duas aulas, a turma ouviu os colegas sem interrompê-los. Ressalto que a escuta ativa sugerida teve o intuito de despertar no discente a reflexão, a compreensão e o respeito das particularidades da fala de cada pessoa.

Toda a turma estava presente e participou entusiasmada da atividade. Alguns mais tímidos, outros, nem tanto. Fiz a gravação do áudio de cada aluno através do gravador de voz do meu aparelho celular. Confesso que gravar a voz dos estudantes não se configura tarefa simples porque eles acham que serão julgados negativamente e as chacotas naturalmente ocorrerão afinal conforme Lambert, no nível 2 que é o campo afetivo e que também está articulado ao campo primário, encontram-se as atribuições de valor a partir de emoções, logo, ao ouvir um registro linguístico que relembre um pensamento negativo, desagradável, o sujeito atribui emoções à consciência linguística que ele tem sobre determinada variedade.

Algumas dessas gravações foram selecionadas e utilizadas na atividade final do módulo 3 Viva as diferenças, contudo essa informação será detalhada mais adiante.

Algumas falas do texto oral foram expostas no quadro como forma de discutir exemplos da língua em uso manifestados pelos alunos durante a dinâmica. Não houve imagem das frases selecionadas no quadro porque emprestei o meu piloto a um colega de trabalho que estava sem o dele e na escola não tinha nenhum outro e o que estava usando, infelizmente estava muito fraco. Quando fui buscar o piloto que emprestei, percebi que o colega já havia ido embora e levou o piloto com ele. Neste dia, não consegui pegar um piloto emprestado com outro colega porque estávamos sem professores de algumas disciplinas. Os alunos conseguiram visualizar no quadro as frases, porém na fotografia não dava para perceber as frases destacadas. Selecionei duas frases que foram mais comentadas pela turma. São elas:

**Quadro 09.** Frases selecionadas da atividade 1

| FRASES SELECIONADAS |                                             |
|---------------------|---------------------------------------------|
| a)                  | As <b>malmita</b> fica no chão do canavial. |
| b)                  | A <b>abroba</b> da roça de vô não vingou.   |

Quadro 09. Fonte: autoria própria

Vale destacar que os alunos integrantes de todas as atividades do Caderno Pedagógico têm idade entre 18 e 53 anos, portanto, possuem padrões de comportamento que para eles constituem a norma e, sendo assim, a manifestação oral foi avaliada baseada nos padrões de pensamento e de sentimentos que trouxeram de toda uma vivência.

Segundo a discussão dos alunos, os termos destacados são palavras que utilizam no dia a dia com familiares, amigos e comunidade sem preocupação com o grau de monitoramento porque quem vai se importar como se fala trabalhando no canavial num sol escaldante ou na “cozinha do povo graxeirando”. Dos 20 participantes, 8 deles afirmaram que usam a palavra malmita porque imaginavam que fosse escrita e falada dessa maneira já que cresceram ouvindo seus pais, familiares e amigos falarem desta forma. Nesse caso, diante dessa situação sociolinguística, o comportamento desses falantes não teve juízo de valor como feio ou bonito já que é natural falarem assim o que é resultado de influência familiar. Não sabiam que havia uma forma mais monitorada dessa palavra e justificaram que as pessoas do ciclo sociolinguístico deles falam malmita o que para eles constitui a norma. Nove alunos consideram que malmita é uma palavra que pode ser dita quando se está entre amigos e pessoas mais íntimas e que se precisassem escrever ou falar tal palavra a fariam de modo monitorado porque disseram entender que a atitude de grafar malmita pode gerar julgamento negativo o que pode trazer prejuízo para eles num contexto, por exemplo, de entrevista de trabalho. E 3 alunos, (2 mulheres e 1 homem – todos moradores da zona urbana), dizem que não concordam com o falar menos monitorado, ou seja, para os 3 independente de situação, escolhem escrever e pronunciar marmita o que me remeteu ao pensamento do psicólogo social Bem quando afirma que atitudes são gostos e antipatias. Essa posição gerou uma certa polêmica na turma porque a grande maioria afirmou que o que importa é entender o que o outro deseja comunicar. A atitude demonstrada pelos 3 alunos ocasionou um sentimento de distanciamento por parte dos demais integrantes da turma que apontaram os três estudantes como sendo metidos e preconceituosos e que era por isso, que muitas vezes alguns na classe durante as aulas, preferiam ficar calados porque sabiam que poderia haver mangação pela forma como falavam. Confesso que precisei

intervir neste momento inserindo a discussão sobre o respeito à diversidade linguística o que corrobora com Bortoni-Ricardo ao afirmar que as peculiaridades linguístico-culturais dos alunos devem ser respeitadas e valorizadas, no entanto, esses mesmos estudantes têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões.

Com a palavra abóbora, 17 alunos afirmam pronunciarem abroba porque é mais fácil de se falar, no entanto, sabem que a forma mais monitorada é abóbora e que quando precisarem utilizá-la saberão, a depender da situação comunicativa e dos interlocutores envolvidos. Relataram que ouviram da sua comunidade de fala, principalmente dos mais velhos, que a “língua” (órgão muscular situado na boca) não consegue pronunciar a palavra abóbora com todas as suas letras e que, por isso, não vão “quebrar o osso” dela para tentar falar assim só para agradar às pessoas que pensam que sabem falar melhor que outras. Os 3 alunos que acreditam que a palavra marmitta deve ser pronunciada desta forma em qualquer contexto e por todas as pessoas também afirmam que a palavra abóbora é mais difícil de se falar e que ouve muitas pessoas dizerem abroba, principalmente na feira livre, mas que eles 3 preferem dizer abóbora independente das circunstâncias. Houve respeito na audição das justificativas dos participantes.

Através das discussões e das atividades estimei os alunos a compreenderem que determinada atitude diante da língua ou de uma dada situação sociolinguística pode resultar em julgamento de valor e que transitar entre os estilos mais monitorados em dada situação e menos monitorado em outras, que demandam informalidade, é o que fará o falante, independente de sua classe social, desempenhar sua competência linguística. Durante o debate, não priorizei o assunto concordância verbal e concordância nominal, embora também tenha comentado a respeito, porém superficialmente já que não é o foco da nossa pesquisa.

Diante dessa atividade, destaquei que a valorização da cultura popular por parte da escola pode e deve ser o ponto de partida pela luta contra o preconceito linguístico e as inúmeras desigualdades.



Figura 05: Atividade 2 - módulo 1 - na biblioteca. Dados da pesquisa 2023.

Duas aulas foram direcionadas à **Atividade 2. Passa bola da reflexão** do Módulo 1 (imagem contida na página 98). Escolhi o espaço da biblioteca porque o som das músicas não faria barulho para as outras salas já que a biblioteca fica mais distante das salas que estavam em aula. Esta atividade é composta por duas etapas, sendo a primeira 4 rodadas com bolas de assopro (nas cores azul, amarelo, vermelho e verde) em que dentro continham imagens de profissões de alguns alunos da turma como motorista de aplicativo, cortador de cana de açúcar, blogueiro e diarista. Ao som de músicas, os alunos passavam a bola e quando havia a parada da música quem ficava com a bola a estourava e mostrava qual a imagem da profissão continha nela e discutiam sobre o que aquela imagem representava para eles para depois na segunda parte da atividade responder ao questionário sobre as imagens. Usei o aparelho de som da escola e meu *pen drive* com músicas selecionadas de Luiz Gonzaga, Ivete Sangalo, Nando Reis e Titãs. Os 20 alunos que compõem a turma estavam presentes e se divertiram bastante com a atividade. Foi um momento de descontração, sorrisos e aprendizagem. Uma dinâmica que aproximou alunos que não tinham muito contato durante as aulas e que ao estourar o balão se surpreendiam com a imagem que representava profissões de colegas da turma. Pediram para que eu repetisse essa atividade outras vezes porque fez a classe se movimentar e cantar, mesmo que timidamente no início, mas já no meio da primeira música se soltaram tanto física quanto linguisticamente. O jogo aumentou a participação dos educandos e o desenvolvimento de uma aprendizagem consciente como também o desenvolvimento da autoconfiança, de modo que os envolvidos não

se tornaram somente competitivos, mas refletiram sobre respeitar a vez e a opinião dos participantes.

Na primeira rodada, uma aluna estourou o balão contendo a imagem de uma diarista. Os comentários sobre a figura foram que: trabalha muito, a moça apresentada é estilosa, parece estar de bem com a vida mesmo se submetendo a um trabalho exaustivo, ouve música para espantar os problemas diários, não estudou o suficiente, por isso está “na cozinha do povo”, deve falar errado, o que é marca de atitudes moldadas não só por experiências pessoais, mas, também experiências sociais e culturais dos alunos que se tornaram rígidas ao passar do tempo. Essas atitudes linguísticas demonstram um comportamento que atribuiu valores de feia, desagradável e errada porque quem trabalha “na cozinha” não estudou.

Na segunda rodada, um aluno estourou o balão contendo a imagem do motorista de aplicativo. Os comentários sobre a figura foram que: trabalha muito, é educado porque precisa tratar os clientes bem senão é punido pela empresa, deve saber ler bem porque precisa ver as mensagens dos clientes, ainda é estudante porque quer melhorar de vida, ou seja, trabalhar em um local mais tranquilo porque o trânsito é estressante.

Na terceira rodada, uma aluna estourou o balão contendo a imagem do cortador de cana. Os comentários sobre a figura foram que: come comida fria, o sol estraga com o trabalhador que aparenta sempre ser mais velho do que realmente é, é muito precisado financeiramente porque não é nada fácil trabalhar no sol escaldante, trabalha muito e ganha pouco, não sabe falar o português correto principalmente porque a comunidade de fala dele não sabe também, logo como ele vai falar diferente, precisa estudar muito para mudar de vida. Assim sendo, a manifestação linguística de determinada pessoa/grupo na sociedade, levando em consideração seu *status*, pode ser conceituada como de alto ou de baixo prestígio, no caso do cortador de cana, foi considerado como de baixo prestígio. A imagem provocou nos estudantes atitudes linguísticas negativas e preconceituosas que podem ser combatidas pela escola, visto que o professor de língua portuguesa pode oportunizar discussões acerca desses temas, considerando a riqueza da diversidade sociolinguística do país.

Na quarta rodada, um aluno estourou o balão contendo a imagem do blogueiro. Os comentários sobre a figura foram que: é desinibido, vaidoso, inteligente porque consegue ganhar dinheiro sem se esforçar muito (segundo a opinião de alguns alunos), sabe ler e escrever bem para poder postar seus conteúdos, é admirado por muitas pessoas.

Como se pode observar na atividade oral, os alunos demonstram que o blogueiro e o motorista de aplicativo escrevem e falam melhor a língua portuguesa, enquanto a diarista e o cortador de cana é o oposto. Dentre as profissões já apresentadas, são consideradas como de

maior prestígio social diante desse contexto, por conseguinte, os usuários da língua privilegiam o que consideram mais aceitável, nesse caso a manifestação linguística do blogueiro e do motorista. Afirmaram que para ser motorista tem que saber ler direito para conseguir ser aprovado nas avaliações do Detran, além disso, o carro é confortável porque mesmo que esteja cheio, o motorista sempre estará sentado confortavelmente. O blogueiro tem certos privilégios, como ganham recebidos, são admirados por algumas pessoas, principalmente os que são de cidades pequenas, têm celulares como *iphone* que tem uma boa câmera, usam roupas “de marca”, trabalham fazendo seu próprio horário.

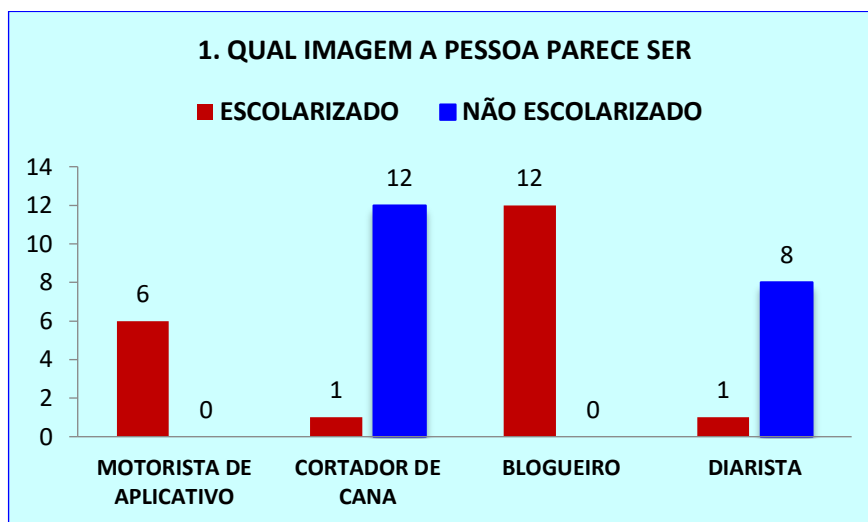
Não houve gozação durante a dinâmica. Apenas acreditam que as melhores profissões (apresentadas na atividade) são alcançadas por quem tem mais estudo e se expressam linguisticamente de acordo com o contexto em que estão inseridos. Observei, com a atividade em questão, que os alunos que apresentavam imensa dificuldade em se manifestar oralmente durante as aulas estavam opinando mais, participando espontaneamente da discussão, uns ainda falando mais timidamente só que com vontade de participar da dinâmica. Acredito que já seja reflexo da valorização das variedades linguísticas dos alunos durante o desenvolvimento responsável desta pesquisa e conforme aponta Silveira (1998), um dos usos básicos do jogo é a possibilidade da construção da confiança e da motivação. É imprescindível respeitar a individualidade de cada um e a escola é um dos melhores lugares, senão o melhor, para que isso ocorra.



Figura 06: Aatividade 2 - módulo 1 - na biblioteca. Dados da pesquisa 2023.

Enquanto na primeira etapa desta atividade os alunos ficaram à vontade para se expressarem sobre as imagens, na segunda, utilizei um questionário que intitulei como **Ficha Passa Bola da Reflexão** (imagem na página 100) que apresentou 4 itens em que o aluno aponta, através de questões objetivas, sua visão a respeito do modo de falar, escolaridade, local de moradia dos profissionais citados na etapa anterior. A discussão a respeito dessa ficha gerou escuta atenta ora concordante ora discordante que refletiram no resultado das respostas.

**Gráfico 28.** Qual imagem a pessoa parece ser:



O gráfico mostra que 12 alunos, correspondente a 60%, apontam que o blogueiro é mais escolarizado. Isso se deve, segundo eles, pelas *lives* e textos postados no *instagram*. Em seguida, 30% dos alunos – 06 alunos – indicam o motorista de aplicativo como sendo o mais escolarizado em virtude de ter que ler e escrever no aplicativo para entrar em contato com seus clientes e conhecer as ruas por onde tem que transitar. Já o cortador de cana e a diarista tiveram, cada um, apenas 1 voto como escolarizados, o que corresponde a 5%. Este é um retrato que, conforme a turma, veem diariamente em conversa com familiares e amigos que desempenham tais funções.

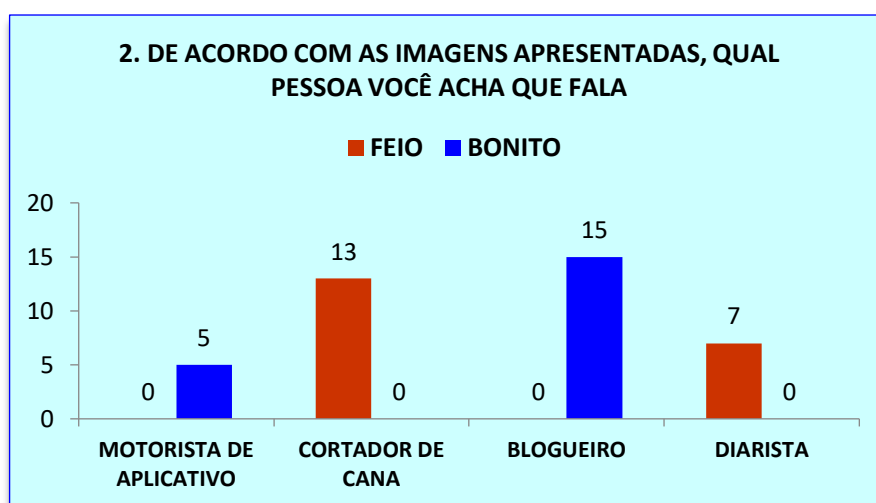
Expuseram que não querem continuar com essas profissões que exigem tanto e pagam tão pouco e que são muito desvalorizadas pelos seus patrões, por isso voltaram à sala de aula para concorrerem a uma melhor posição no mercado de trabalho. Sentem-se desvalorizados pelas atitudes de seus chefes que costumam falar que eles não sabem falar e que, por isso, não têm como conseguir um emprego melhor, que mesmo estudando não aprenderão mais porque são “cavalos velhos”, que os pais exerceram a mesma profissão e que os filhos também porque, assim como os pais, não quiseram estudar para crescer na vida. São sentimentos de tristeza e de

incapacidade que afirmam sentir, contudo, no fundo alguns demonstram esperança de um futuro melhor através da educação.

Para a análise dos não escolarizados, há total coerência com a análise acima uma vez que dos 20 alunos participantes da atividade, nenhum deles aponta o blogueiro e o motorista de aplicativo como sendo não escolarizados enquanto, respectivamente, o cortador de cana e a diarista são considerados como não escolarizados por 12 (60%) e 8 (40%) alunos.

As reflexões do grupo foram profundas e carregavam esperança de um futuro melhor tanto para eles quanto para a família. A expressão oral cada vez mais se faz presente ao passo que desenvolvemos nova atividade.

**Gráfico 29.** De acordo com as imagens apresentadas, quais você acha que fala:



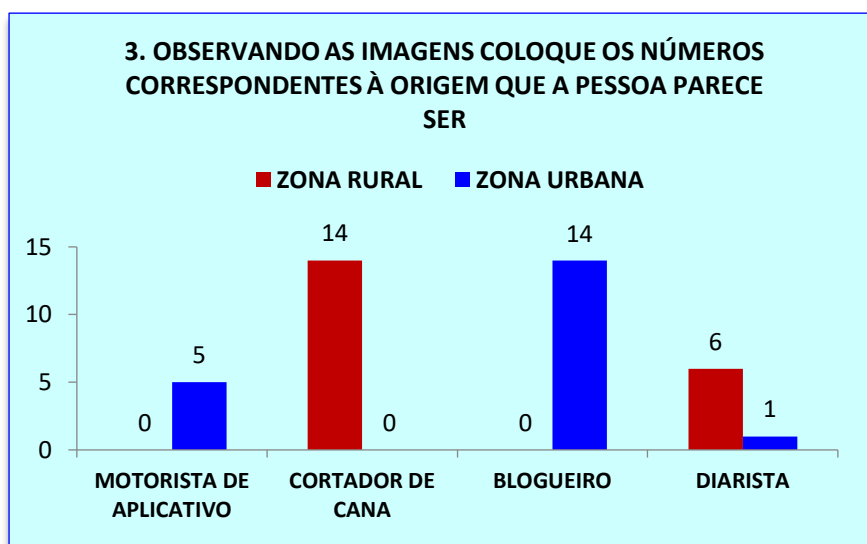
Este gráfico denota que o blogueiro é a pessoa que mais fala bonito segundo 15 alunos (75%) de um total de 20. Eles acreditam que falar em *lives* e vídeos no *instagram* não é fácil porque precisa saber o que falar e como falar. Em seguida, 12 alunos (60%) acreditam que o motorista de aplicativo fala bonito porque precisa se comunicar bem com seus clientes. O cortador de cana e a diarista não receberam nenhum voto denotando que falam bonito. Corroborando com o gráfico anterior, 13 (70%) e 7 (35%) alunos, respectivamente, apontam o cortador de cana como sendo o que mais fala feio e, em seguida, a diarista. O blogueiro e o motorista de aplicativo não receberam nenhum voto.

A análise carrega preconceito linguístico enraizado e vivenciado por uma sociedade que exclui as variedades linguísticas menos monitoradas e que a partir da pesquisa em questão os participantes estão se dando conta de que eles mesmos perpetuam tal preconceito mesmo que inconscientemente. Em virtude disso, muitos questionamentos têm sido levantados do tipo: Eu

nem percebia que praticava preconceito linguístico. Vou parar de “mangar” quando lá no trabalho meu colega diz tauba ao invés de tábua.

Parece pouco, mas para mim, essas falas revelam atitudes positivas sobre a temática em estudo e comprova que a utilização de jogos como ferramenta de aprendizagem torna a aula mais dinâmica e divertida, além de despertar a atenção dos alunos.

**Gráfico 30.** A origem que a pessoa parece ser:



No gráfico, 14 alunos (70%) opinaram que o blogueiro é de origem urbana. Enquanto 5 alunos (25%) acreditam que o motorista de aplicativo é, também, de origem urbana e 1 aluno (5%) acha que a diarista é da zona urbana. Mais uma vez, podemos perceber que, para grande parte da turma, as pessoas de origem urbana são mais escolarizadas e falam mais bonito. Talvez esse achismo seja porque são pessoas mais próximas de lojas comerciais, praças mais badaladas no centro da cidade, casas mais luxuosas, parques de diversão (que geralmente se estabelecem por semanas na área central da cidade), escolas particulares que, raramente são encontradas nos povoados, clínicas de saúde mesmo que pequenas, correio, fórum e etc... em geral é no centro da cidade e imediações que pessoas dos povoados precisam se deslocar para realizarem algum serviço de necessidade como é o caso, também, da feira livre.

Os dados que correspondem às pessoas de origem rural não abarcam o blogueiro, mais uma vez reforço que é bem visto pelos alunos por ser figura “mais conhecida nas redes sociais”, por se manifestarem nelas e, talvez, também pela forma que se vestem e mostram seu dia a dia um tanto que diferente do cotidiano comum de uma pessoa que não se expõe às redes. O motorista de aplicativo não entra no índice como de origem rural provavelmente por manter

uma relação de diálogo mais cordial com seus clientes. Claro que não devemos generalizar até porque sabemos que independente da profissão e do nível de escolaridade cordialidade não é para todo mundo. Há outros fatores inerentes que agora não vêm ao caso.

É importante salientar que as atitudes linguísticas, por exemplo, de um professor, principalmente de língua portuguesa, podem revelar o quanto ele consegue transmitir sua competência comunicativa, logo, quando isso não acontece, os próprios alunos e colegas de trabalho podem reagir, o que é uma atitude conforme Lambert e Lambert, negativamente ao afirmarem que o professor não sabe falar (como sabe ensinar? Como cobrar do seu aluno aquilo que não tem competência?), portanto, não sabe ensinar.

Continuando a análise, o que não é surpresa, 14 alunos - o correspondente a 70% - acreditam que o cortador de cana e a diarista com 30% o que equivale a 6 alunos são de origem rural. Por isso, apresentam, conforme aponta os dados, um falar nomeado de feio e são classificados como não escolarizados, provavelmente por consequência da sua comunicação.

Para finalizar o **Módulo 1** segue a **Atividade 3. Eu e o outro.**



Figura 07: Atividade 3 – módulo 1 - na sala de aula. Dados da pesquisa 2023.

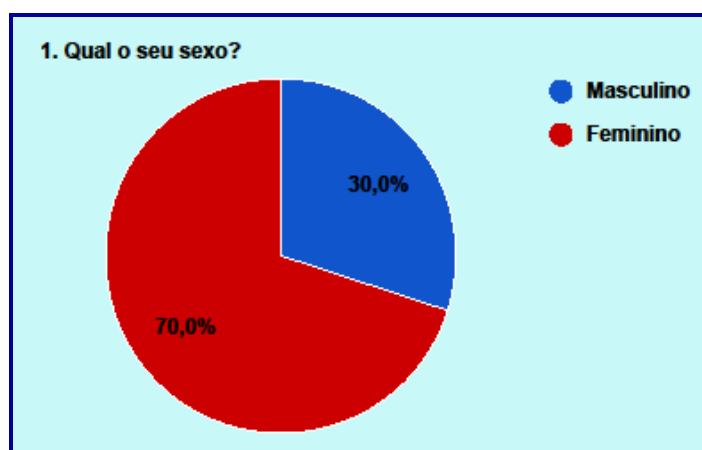
Esta atividade (imagem apresentada na p. 104) foi desenvolvida em duas aulas com todos os integrantes da turma em que um por vez falou ao sussurrofone como estratégia de se ouvir e de ouvir o outro. Eles falaram nome, idade, hobby e um desejo. Os alunos acharam o sussurrofone estranho, hesitaram a princípio em participar, contudo se envolveram com a proposta sem muito entusiasmo. Após todos falarem, ouvirem e se ouvirem responderam a um questionário no Google Forms com o uso dos celulares (quem não tinha celular ou não havia levado respondeu ao formulário com o celular da professora pesquisadora, do coordenador e do diretor) demonstrando sua percepção acerca das manifestações linguísticas ocorridas na atividade final. Como a internet disponibilizada pela escola não chega até as salas, alguns alunos

que não possuíam internet em seus aparelhos precisaram ir para perto da secretaria para que pudessem acessar ao formulário com o wifi do colégio.

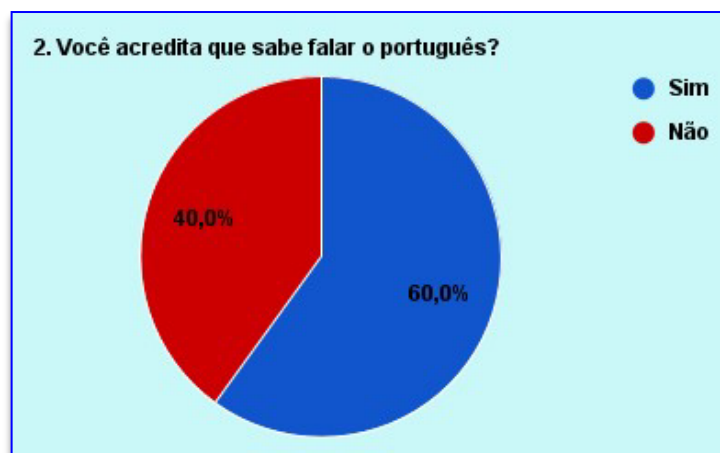
Os alunos acharam interessante registrar no caderno algumas falas dos colegas para que não se esquecessem. O fato que mais chamou minha atenção nesta atividade foi que ao convidá-los para darem início à dinâmica, o primeiro estudante a se manifestar para fazer uso do sussurrofone foi o mais tímido de todos, o que menos se manifesta oralmente durante as aulas. Essa atitude surpreendeu toda a turma que o aplaudiu. Confesso que fiquei extremamente surpresa e feliz com a participação deste aluno quieto e calado. Tenho a impressão de que essa atitude já é resultado do acolhimento e do respeito com diversos falares manifestados na turma e ao participar dos jogos o estudante sente um certo alívio da tensão diária que as aulas tradicionais podem causar e se manter decidido a participar atenciosamente nas atividades previstas pela brincadeira.

Link de acesso ao formulário - <https://forms.gle/CvcHBnUu5gNuUMf58>

**Gráfico 31.** Qual o seu sexo?



Observamos que, dos 20 alunos participantes, 70% pertencem ao gênero feminino, portanto, 14 alunas, e 30% pertencem ao gênero masculino, totalizando 6 alunos.

**Gráfico 32.** Você acredita que sabe falar português?

Sobre a percepção que os alunos têm de falar certo ou errado, 60%, que significam 12 estudantes, afirmam saber falar o português. Esse dado já demonstra uma grande evolução no que diz respeito ao resultado da atividade diagnóstica com essa mesma pergunta. Já 08 deles, o que equivale a 40%, informam que acreditam não saber falar o português.

O trabalho com as atividades do caderno pedagógico tem surtido efeito positivo no que tange à autoestima linguística dos estudantes conforme aponta a análise desse gráfico.

**Gráfico 33.** Você considera certo o modo de falar dos participantes?

O gráfico aponta que 14 alunos, o equivalente a 70%, consideram certo o modo de falar dos participantes, enquanto 6 alunos, o correspondente a 30%, consideram errado.

A análise denota uma relevante compreensão dos estudantes no tocante à diversidade linguística presente numa sala heterogênea o que, também, reflete num comportamento respeitoso e de valorização dessa diversidade.

**Gráfico 34.** Você acha que estudar melhora a maneira de se comunicar?



Segundo a resposta obtida, 100% dos 20 participantes concordam que estudar melhora a maneira de se comunicar, principalmente, quando há respeito pelo uso efetivo e real da língua no ambiente escolar, proporcionando a expansão da competência linguística deles a fim de que haja uma comunicação significativa em diferentes situações de uso.

## MÓDULO 2 - A RIQUEZA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

### Atividade. Trilha da fala real



Figura 08: Atividade do módulo 2 - na sala de aula. Dados da pesquisa 2023.

O jogo trilha da fala real foi jogado na sala, em duas aulas e todos os integrantes da turma estavam presentes (imagem da atividade na p. 107). A euforia foi tanta para este jogo que

tive que fazer sorteio para os alunos que foram os 4 primeiros jogadores. Os jogos com as suas regras proporcionam estímulos e desafios na busca de conquistas mais avançadas, contudo, o aluno não deve ser apenas um mero espectador e sim parte fundamental para a construção e solidificação do seu conhecimento e na trilha da fala real o aluno é o maior protagonista.

Eles escolheram seu grupo a fim de ajudá-los com as respostas das cartas da aliança linguística. A atenção foi grande tanto para responder às questões quanto para a audição das respostas das questões dos colegas, tudo isso porque havia uma bonificação que faria as equipes ganharem em 1º, 2º, 3º e 4º lugares. As perguntas do jogo versavam sobre assuntos como preconceito linguístico, atitudes e variação linguística. Os jogadores refletiam a respeito da temática das cartas para respondê-las

Entendi que houve uma relevante compreensão dos estudantes através de suas respostas ao observar que os estudantes construíam um raciocínio coerente para cada carta, principalmente, as cartas da aliança linguística que eram subjetivas. No momento da elaboração das respostas, o grupo que estava discutindo a situação era ouvido atentamente pelos demais grupos.

Observei, através do envolvimento da turma, que a condução das discussões como um todo, sugeridas pelo jogo, levou os estudantes a repensarem algumas atitudes e questionarem a pertinência do respeito do modo de falar de cada um ao ponto de se reconhecerem em algumas cartas como, por exemplo, as cartas-perguntas: É possível estabelecer um uso correto ou incorreto da língua? O que é ampliar a competência linguística do falante?

E as cartas da aliança linguística: O que você acha da atitude de uma pessoa julgar a outra negativamente pelo simples fato de falarem diferente uma da outra? Relate o que você acha da diversidade linguística do nosso país.

À medida que o jogo avançava, tornava-se ainda mais marcante o posicionamento dos jogadores frente às perguntas refletindo e discutindo para então dar a resposta que felizmente alcançava atitudes transformadoras de modo que passaram a julgar menos as variedades linguísticas pertencentes ao seu próprio cotidiano. Uma fala que me chamou a atenção foi de uma aluna moradora da zona urbana que tem sua avó que é moradora da zona rural e que ouve todos os sábados – dia de feira livre na cidade – ela dizer que jamais deixa de comprar sua fruta predileta que é “melencia”. Ela parou para compartilhar que depois que iniciamos as atividades do caderno pedagógico modificou algumas opiniões formadas a respeito da manifestação linguística de sua avó. Afirmou não se incomodar mais com a palavra “melencia” e que agora, diferente de antes que julgava feio e se irritava quando a avó pronunciava essa palavra, acabou achando engraçado quando a senhora disse a ela que era mais fácil de pronunciar.

E a professora pesquisadora fica como diante desse relato? Fico com o sorriso largo por perceber que sementinhas positivas foram plantadas em muitos estudantes afinal a Sociolinguística rompe com um ideal de homogeneidade da língua. Talvez eu não consiga verdadeiramente alcançar todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, contudo, tenho a plena convicção de que o estudo desenvolvido e apresentado oportunizou que todo o grupo da EJAEF 1ª Etapa refletisse sobre suas atitudes linguísticas para que possam disseminar além dos muros da escola tais conhecimentos em suas práticas sociais.

### **MÓDULO 3 - VIVA AS DIFERENÇAS**

#### **Atividade. Ser diferente é normal**

Esta atividade foi desenvolvida em 1 hora/aula de 50 minutos e foi realizada na sala de aula com todos os integrantes da turma. A escuta dos áudios, que foram gravados na primeira atividade (Produzindo textos orais) do Módulo 1 Sensibilização – A língua que usamos, foi discutida sob a ótica de uma nova compreensão bem diferente do que foi vivenciado no início da aplicação desta pesquisa, uma vez que chegamos, com esta atividade, ao término da jornada de aprendizagem do Caderno Pedagógico: Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos.

Os alunos se divertiram com a escuta, ao passo que mencionavam sobre fluidez na fala e criatividade na produção dos textos. Declararam observar com um novo olhar o modo como se comunicam e como vêem a expressão linguística das pessoas mais escolarizadas e das menos escolarizadas. Fizeram até uma observação em relação ao nome da atividade em questão – Ser diferente é normal. Disseram que também é normal um falar diferente do outro, mas que essa normalidade, além de ser respeitada, pode e deve ganhar novos vocábulos na medida em que vão entendendo que a expansão da competência linguística pode ser acessada por pessoas de várias classes sociais independente de sexo e de idade.

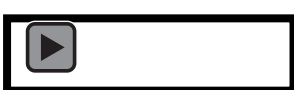


Figura 9: Atividade do módulo 3 - na sala de aula. Dados da pesquisa 2023.

Na imagem da p.110, os estudantes estão respondendo ao questionário referente aos áudios que ouviram. Foram selecionados, do total de 20 gravações, 4 áudios sendo 2 do sexo feminino e 2 do masculino. A escolha dos áudios foi feita previamente por mim que levei em consideração a qualidade da gravação, menos ruído exterior que vinha do corredor onde muitos alunos de outras salas estavam dispersos porque estavam de horário vago e o tamanho da produção oral, já que algumas outras ficaram muito curtas o que impossibilitaria uma análise mais detalhada da mensagem.

A análise dos dados desta atividade se encontra no item 7.1 Aplicação do teste final. No entanto os áudios estão disponíveis a seguir na p. 107

#### Quadro 10. Tabela dos áudios

| SUJEITOS  | ÁUDIOS                                                                               |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| Sujeito 1 |  |
| Sujeito 2 |  |
| Sujeito 3 |  |
| Sujeito4  |  |

## 7.1 Aplicação do Teste Final

A realização do teste final é um momento de comprovação da eficácia das atividades contidas no Caderno Pedagógico.

**Quadro 11.** Resultado do teste final

| RESULTADO DO TESTE FINAL                                   |            |            |            |            |
|------------------------------------------------------------|------------|------------|------------|------------|
| PERGUNTAS                                                  | ÁUDIO<br>1 | ÁUDIO<br>2 | ÁUDIO<br>3 | ÁUDIO<br>4 |
| 1. A pessoa parece ser:                                    |            |            |            |            |
| Educada                                                    | 100%       | 100%       | 100%       | 100%       |
| não educada                                                | -          | -          | -          | -          |
| 2. De acordo com o que você observou, a pessoa parece ser: |            |            |            |            |
| Comunicativa                                               | 100%       | 100%       | 100%       | 100%       |
| Tímida                                                     | -          | -          | -          | -          |
| 3. De onde você acha que a pessoa é:                       |            |            |            |            |
| da zona rural                                              | 100%       | -          | -          | 100%       |
| da zona urbana                                             | -          | 100%       | 100%       | -          |
| 4. Como você acha que ela fala:                            |            |            |            |            |
| Bonito                                                     | 100%       | 100%       | 100%       | 100%       |
| Feio                                                       | -          | -          | -          | -          |
| 4. Como você acha que ela fala:                            |            |            |            |            |
| Certo                                                      | 100%       | 100%       | 100%       | 100%       |
| Errado                                                     | -          | -          | -          | -          |

O quadro revela o resultado do teste final.

Na primeira pergunta, os 20 alunos classificaram os 4 participantes da pesquisa como sendo educados. Enquanto na segunda pergunta, 100% dos áudios foram considerados, pelos 20 integrantes da turma, como sendo de pessoas comunicativas. Foram produções mais longas e que envolveram grande parte das imagens abordadas na atividade – as imagens foram: sol, cédulas, diploma de conclusão do ensino fundamental, ônibus escolar, mochila, batata doce, pastel, moto, cana de açúcar, motocicleta, bicicleta, abóbora, professora, escola, casa, sala de aula, cadeira, apagador, lixeira, café.

Já na terceira pergunta, percebemos um preconceito enraizado e que, provavelmente, ainda vai perdurar por muito tempo, pois, segundo Lambert e Lambert (1967) uma vez que quando se permanece por longo tempo sob influencia de ambientes ou situações em que determinados padrões de comportamento constituem a norma, sua organização poderá se tornar rígida e estereotipada. Sobre pertencer à zona rural ou à zona urbana, o áudio 1 e o áudio 4

foram classificados como sujeitos pertencentes à zona rural. Isso se deve ao uso de palavras contidas neles, a exemplo do áudio 1 – “diproma” em vez de diploma, “veio” em vez de velho, “abroba” em vez de abóbora; e no áudio 4 – “trabaiei” em vez de trabalhei, “veio” em vez de velho, “prantano” em vez de plantando e “meor” em vez de melhor. São marcas linguísticas que para 100% dos respondentes sinalizam pessoas pertencentes à zona rural. Aquela velha história de que quem mora no interior não fala como as pessoas da cidade, a supremacia da cidade sobre o interior o que resulta numa atitude negativa. Enquanto 100% dos áudios 2 e 3, para os respondentes, revelam pessoas pertencentes à zona urbana uma vez que não apresentam em suas manifestações linguísticas palavras que causam um certo estranhamento. Felizmente, a análise do áudio, não interferiu no resultado negativo da pergunta 4 porque a turma considerou 100% bonitas as falas contidas nos áudios. Fato que demonstra que a variedade linguística pertencente aos áudios 1 e 4 tem seu valor e seu respeito mesmo possuindo diferenças.

E para finalizar, na quinta pergunta, os 20 alunos que a responderam consideram o teor dos 4 áudios certo. Diante do exposto, posso, com propriedade, afirmar que o Caderno Pedagógico cumpriu seu papel ao desenvolver a oralidade dos educandos da EJAEF 1ª ETAPA aumentando a autoestima linguística deles ao passo que passaram a respeitar e valorizar as variedades linguísticas gerando a diminuição do preconceito linguístico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa aplicada ao ensino de Língua Portuguesa, teve como principal objetivo produzir um produto educacional para a Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental da 1ª Etapa que atendesse às necessidades dos estudantes de uma unidade escolar da Rede Estadual de Sergipe, especificamente, no município de Areia Branca. De acordo com o diagnóstico levantado: apresentam imensa dificuldade em se manifestar oralmente durante as aulas, como também em alguns ambientes da escola em que o público de maior concentração são os moradores da zona urbana.

O objetivo geral foi investigar as atitudes linguísticas dos alunos da EJAEF diante do uso da fala deles. Para alcançá-lo foi necessário percorrer uma jornada de sondagem, escuta atenta, discussões, levantamento e análise de dados que teve início com a aplicação de uma atividade diagnóstica – dois questionários, um sociolinguístico e outro socioeconômico -, em seguida o teste inicial cujo objetivo era a identificação de atitudes linguísticas acerca do modo de falar dos sujeitos envolvidos. A análise da atividade diagnóstica e do teste inicial evidenciou que grande parte dos sujeitos envolvidos na pesquisa sente imensa dificuldade em se manifestar oralmente durante as aulas, como também em alguns ambientes da escola por acharem que seu modo de falar é feio, errado, insuficiente. Como objetivos específicos tivemos: identificar possíveis obstáculos ao processo de aprendizagem relacionados a atitudes linguísticas negativas; compreender como as atitudes linguísticas afetam a motivação e o engajamento dos alunos na aprendizagem; levantar as atitudes linguísticas dos alunos da EJAEF diante da fala deles; criar um produto educacional para aumentar a autoestima linguística dos educandos.

As atitudes negativas frente às variedades linguísticas existentes em nosso país e, infelizmente, presentes na escola culminam em atitudes linguísticas preconceituosas e acarretam consequências negativas em muitos estudantes principalmente no público oriundo de camadas populares da zona rural.

Logo, é de fundamental importância que a escola assuma o papel de ambiente incentivador e acolhedor das variedades linguísticas pertencentes ao cotidiano dos alunos, ou seja, a partir do uso efetivo e real da língua expandindo a competência linguística deles, a fim de que haja uma comunicação significativa.

Diante desse contexto, partindo dos pressupostos teóricos sobre língua, variação linguística, atitudes e preconceito linguísticos que elaborei um produto educacional que despertasse nos estudantes o interesse em se manifestarem oralmente não somente durante as aulas de Língua Portuguesa como também nos demais componentes curriculares e,

principalmente, em qualquer ambiente que possam ir, respeitando os diversos falares através de atitudes de valorização e de respeito às diversidades linguísticas.

A partir dessa constatação, a minha principal inquietação foi elaborar um produto que visasse disponibilizar contribuições para a prática profissional de professores da Educação Básica com atividades selecionadas, a fim de que os discentes reflitam sobre essa temática e passem a avaliar-se positivamente quanto ao uso da variedade que utilizam. O caderno intitulado **Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos** está organizado em três módulos, com atividades que abordam os aspectos das atitudes linguísticas dos alunos diante do uso da língua oral. Ele é um material interativo desenvolvido para auxiliar o processo de ensino - aprendizagem dos alunos. É composto por cinco atividades cujo objetivo é explorar de forma lúdica as atitudes linguísticas dos estudantes. Durante todo o processo de criação e aplicação do caderno pedagógico, a variedade linguística do aluno foi acolhida e respeitada. Assim sendo, verifiquei que houve um expressivo avanço na manifestação oral em sala de aula, bem como em alguns ambientes da escola como corredores, refeitório e biblioteca o que melhora a motivação e o engajamento dos alunos nas aulas porque não se sentira resultado de aumento da autoestima linguística dos estudantes e, conseqüentemente motivação e engajamento nas aulas. Entretanto, para uma constatação mais efetiva do desenvolvimento da oralidade dos educandos há o resultado do teste final que apresentou áudios com textos orais longos produzidos por alunos (áudio 1 e áudio 4) que eram extremamente calados e que não se manifestavam durante as aulas porque possuíam atitude negativa frente a própria fala, contudo, nessa atividade final demonstraram uma habilidade comunicativa notória com a formulação da produção.

Todo o percurso desta pesquisa evidenciou que ainda existe um caminho longo a se percorrer a fim de que o ensino de Língua Portuguesa contemple respeitosamente as variedades linguísticas. Eu acredito que o Caderno Pedagógico Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos contribuiu de forma significativa para diminuir o preconceito linguístico, aumentar a autoestima linguística dos discentes, e valorizar a diversidade linguística. Por tudo isso, concluo que é possível ensinar e aprender quando o processo de ensino-aprendizagem inclui ações que motivam e envolvem alunos e professores.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Dissetação Atitudes Linguísticas de Nordestinos em São Paulo: Campinas*, 1979.
- BAGNO, Marcos. *Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2014.
- BEM, D. J. *Convicções, Atitudes e Assuntos Humanos*. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Por que a escola não ensina gramática assim?* 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 10 de maio de 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 08 maio 2024.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo, Parábola, 2002.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. Breve histórico da sociolinguística. In: \_\_\_\_\_. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010, p. 13-17.
- CONCHALO, M. A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social. 2015 Tese (doutorado em estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2015. Disponível em :<https://hdl.handle.net/11449/154710>. Acesso em: 12 de março de 2023.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS. Marco de ação de Belém. Documento da VI Confintea. Brasília: Unesco; Confintea VI; Ministério da educação, 2010. p.7.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de juiz de fora– *MG*. Orientadora: Claudia Nívia Roncarati de Souza. 2001.Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2007.Disponível em:178[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=123805](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=123805). Acesso em: 16/03/2023.

ECKERT, Penelope. Variation, convention and social meaning, Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA, Jan. 7, 2005.

ECKERT, Penelope. Threewaves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. 2012. Annual Review of Anthropology. Palo Alto. 41: 87-100.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. A Importância do ato de Ler. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

FREITAG, R; MARTINS, M; TAVARES, M. Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. Alfa: Revista de Linguística, São José do Rio Preto, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a09v56n3.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2023.

HUINZIGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. OLIVEIRA, S. L. *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*. 2. ed., São Paulo: Pioneira, 1996.

[http://base.nacional.comum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versao\\_final\\_site.pdf](http://base.nacional.comum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf). Acesso em: 06 de abril de 2023.

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 08 de abril de 2023.

[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf). Acesso em: 10 de abril de 2023.

<https://areiabranca.se.gov.br/texto/1/historia-do-municipio>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm#:~:text=Par%C3%A1grafo%C3%BAnico%20%2D%20Podem%20os%20Estados,ou%20decis%C3%B5es%20das%20suas%20autoridades](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm#:~:text=Par%C3%A1grafo%C3%BAnico%20%2D%20Podem%20os%20Estados,ou%20decis%C3%B5es%20das%20suas%20autoridades). Acesso em: 13 de abril de 2023.

KISHIMOTO, Tizuko M. O Jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1994.

LABOV, William (2008). Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. Psicologia social. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LÓPEZ MORALES, Humberto. Sociolingüística. Madrid: Gredos, 1993.

MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, C; Silvio Matheus Alves Santos O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

MOLLICA, M.C; BRAGA, M. L. (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. P.9-20.

PAIVA, Vanilda. Pereira. Educação Popular e Educação de Adultos. 2. ed. São Paulo : Loyola, 1983.

SILVEIRA, R. S; BARONE, D. A. C Jogos educativos computadorizados utilizando a abordagem de algoritmos genéticos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de informática. Curso de Pós-Graduação em Ciências da Computação, 1998.

SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1980.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. Revista, 2010.

TEIXEIRA, R. R. P; APRESENTAÇÃO, K. R. S. Jogos em sala de aula e seus benefícios para a aprendizagem da matemática. Revista Linhas, Florianópolis, v.15, n.28, p.302-323, jan./jun. 2014.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1986.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina. ALFAL, 2014.

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: A formação social da mente. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989. 168p. p.106-118.

**APÊNDICE A - CADERNO PEDAGÓGICO: AVALIANDO POSITIVAMENTE A  
VARIEDADE QUE USAMOS**

## APÊNDICE B- ATIVIDADE PARA COLETA DE DADOS

Responda ao que se pede. Tente ser o mais verdadeiro (a) possível.

### Questionário Sociolinguístico

| Perguntas                                                                                         | Respostas                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| 1.Sua casa está localizada em?                                                                    | Zona urbana (   )      Zona rural (   ) |
| 2. Qual o seu sexo?                                                                               | Masculino (   )      Feminino (   )     |
| 3. Você se incomoda com a sua fala?                                                               | Sim (   )      Não (   )                |
| 4. Você fala como seus avós e pais?                                                               | Sim (   )      Não (   )                |
| 5. Você considera o seu modo de falar certo?                                                      | Sim (   )      Não (   )                |
| 6. Você observa/identifica quando alguém fala errado?                                             | Sim (   )      Não (   )                |
| 7. Você sente vergonha de falar em público por causa da sua maneira de falar?                     | Sim (   )      Não (   )                |
| 8. Você concorda que uma pessoa com grau de escolaridade maior que o seu fala o português melhor? | Sim (   )      Não (   )                |
| 9. Você acha que estudar melhora a maneira de se comunicar?                                       | Sim (   )      Não (   )                |
| 10. O sergipano fala mais bonito que o carioca?                                                   | Sim (   )      Não (   )                |
| 11. Se pudesse mudar o seu sotaque, você mudaria?                                                 | Sim (   )      Não (   )                |

## APÊNDICE C - ATIVIDADE PARA COLETA DE DADOS

Prezado(a) aluno(a), todas as questões visam apenas à coleta de informações ou de opiniões. Não há respostas certas ou erradas. Portanto, por favor, não deixe nenhuma questão sem resposta. É de fundamental importância sua atenção a todas as questões.

### Questionário Socioeconômico

| Perguntas                                                                                                            | Respostas                                                                                                                                                                   |                                               |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| 1. A casa onde você mora é?                                                                                          | Própria<br>Alugada<br>Cedida                                                                                                                                                | ( )<br>( )<br>( )                             |
| 2. Qual o nível de escolaridade do seu pai?                                                                          | Ensino Fundamental ( 1ª a 4ª série)<br>Ensino Fundamental ( 5ª a 8ª série)<br>Ensino Médio completo<br>Ensino Médio incompleto<br>Ensino Superior<br>Não estudou<br>Não sei | ( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( ) |
| 3. Qual o nível de escolaridade da sua mãe?                                                                          | Ensino Fundamental ( 1ª a 4ª série)<br>Ensino Fundamental ( 5ª a 8ª série)<br>Ensino Médio completo<br>Ensino Médio incompleto<br>Ensino Superior<br>Não estudou<br>Não sei | ( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( ) |
| 4. Você trabalha ou já trabalhou remuneradamente?                                                                    | Sim<br>Não                                                                                                                                                                  | ( )<br>( )                                    |
| 5. Somando sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? | Ate 1 salário mínimo (até R\$ 1.302,00)<br>De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 1.302,00 até 2.604,00)<br>De 2 a 3 salários mínimos (de R\$ 2.604,00 a R\$ 3.906,00)           | ( )<br>( )<br>( )                             |
| 6. Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você)                                                               | Duas pessoas<br>Três pessoas<br>Quatro pessoas<br>Mais de quatro pessoas<br>Moro sozinho(a)                                                                                 | ( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( )               |
| 7. Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à escola?                                        | A pé/carona/bicicleta.<br>Transporte escolar.<br>Transporte próprio (carro/moto)                                                                                            | ( )<br>( )<br>( )                             |
| 8. Na sua casa, tem wi-fi?                                                                                           | Sim<br>Não                                                                                                                                                                  | ( )<br>( )                                    |
|                                                                                                                      | Sim                                                                                                                                                                         | ( )                                           |

|                                        |                                                                           |                                               |
|----------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| 9. Você possui computador ou notebook? | Não                                                                       | ( )                                           |
| 10. Quantos celulares há na sua casa?  | 1<br>2<br>3<br>Mais de 3                                                  | ( )<br>( )<br>( )<br>( )                      |
| 11. Qual a sua faixa etária?           | 18 a 23<br>23 a 28<br>28 a 33<br>33 a 38<br>38 a 43<br>43 a 48<br>48 a 53 | ( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( )<br>( ) |

## APÊNDICE D - TESTE INICIAL

1-Ouçã tentamente o conteúdo dos áudios para responder ao que se pede.

- ✓ Analisando-as, marque um X sobre o adjetivo que,para cada um deles, caracteriza a maneira como você concebe a fala dos 2 sujeitos envolvidos na pesquisa.

| Acho a falado: |        |      |       |        |            |         |
|----------------|--------|------|-------|--------|------------|---------|
|                | bonita | feia | certa | errada | importante | simples |
| Sujeito 1      |        |      |       |        |            |         |
| Sujeito 2      |        |      |       |        |            |         |

**APÊNDICE E - TESTE FINAL****Ficha da Atividade Ser diferente é normal**

1- A pessoa parece ser:

(    ) Educada

(    ) Não educada

2- De acordo com o que você observou, a pessoa parece ser:

(    ) comunicativa

(    ) tímida

3- De onde você acha que a pessoa é:

(    ) da zona rural

(    ) da zona urbana

4- Como você acha que ela fala:

(    ) bonito

(    ) feio

5- Como você acha que ela fala:

(    ) certo

(    ) errado

## ANEXO A - TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS.

### TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

**Título do projeto:** Atitudes linguísticas dos alunos da educação de jovens e adultos do ensino fundamental.

**Pesquisador responsável:** Ana Paula Nunes da Silva Moraes

**Orientador:** Prof. Dr. Denson André Pereira da Silva

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Telefones para contato:** (79) 998848983

A pesquisadora do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras as quais normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, 20 de julho de 2023.

| NOME DA EQUIPE EXECUTORA        | ASSINATURAS |
|---------------------------------|-------------|
| ANA PAULA NUNES DA SILVA MORAIS |             |
| DENSON ANDRÉ PEREIRA DA SILVA   |             |

## ANEXO B - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** Atitudes linguísticas dos alunos da educação de jovens e adultos do ensino fundamental.

**Pesquisador responsável:** Ana Paula Nunes da Silva Moraes

**Orientador:** Prof. Dr. Denson André Pereira da Silva

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Local da coleta de dados:** Centro de Excelência Pedro Diniz Gonçalves

A pesquisadora do projeto “Avaliando Positivamente a Variedade que Usamos” se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, utilizando gravações. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o termo de compromisso de Coleta mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade do Prof. Dr. Denson André Pereira da Silva. Após este período os dados serão destruídos.

Itabaiana, 20 de julho de 2023.

| NOME DA EQUIPE EXECUTORA        | ASSINATURAS |
|---------------------------------|-------------|
| ANA PAULA NUNES DA SILVA MORAIS |             |
| DENSON ANDRÉ PEREIRA DA SILVA   |             |